



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
CENTRO DE EXCELÊNCIA EM TURISMO  
MESTRADO PROFISSIONAL EM TURISMO

Thaisa Praxedes de Oliveira

**OS DESAFIOS DOS AMBIENTES DE INOVAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO  
DO TURISMO SUSTENTÁVEL – ESTUDO DE CASO DO PARQUE  
TECNOLÓGICO ITAIPU – BRASIL**

Brasília

2014



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
CENTRO DE EXCELÊNCIA EM TURISMO  
MESTRADO PROFISSIONAL EM TURISMO

Thaisa Praxedes de Oliveira

**OS DESAFIOS DOS AMBIENTES DE INOVAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO  
DO TURISMO SUSTENTÁVEL – ESTUDO DE CASO DO PARQUE  
TECNOLÓGICO ITAIPU – BRASIL**

Dissertação apresentada ao programa de Mestrado Profissional em Turismo da Universidade de Brasília, na área de concentração: Turismo, Cultura e Desenvolvimento Regional, na linha de pesquisa de Desenvolvimento, Políticas Públicas e Gestão no Turismo, como requisito parcial para obtenção do título de mestre.

Orientadora: Profa. Dra. Marutschka Martini Moesch.

Co-orientadora: Profa. Dra. Maria Elenita Menezes Nascimento

Brasília

2014

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da Universidade de Brasília. Acervo 1015505.

Oliveira, Thaisa Praxedes de.  
O48d Os desafios dos ambientes de inovação para o desenvolvimento do turismo sustentável : estudo de caso do Parque Tecnológico Itaipu – Brasil / Thaisa Praxedes de Oliveira. -- 2014.  
154 f. : il. ; 30 cm.

Dissertação (mestrado) - Universidade de Brasília, Centro de Excelência em Turismo, Mestrado Profissional em Turismo, 2014.

Inclui bibliografia.

Orientação: Marutschka Martini Moesch ; Coorientação: Maria Elenita Menezes Nascimento.

1. Fundação Parque Tecnológico Itaipu. 2. Turismo.  
3. Desenvolvimento sustentável. I. Moesch, Marutschka Martini. II. Nascimento, Maria Elenita Menezes. III. Título.

CDU 338.486



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
CENTRO DE EXCELÊNCIA EM TURISMO  
MESTRADO PROFISSIONAL EM TURISMO

Dissertação de autoria de Thaisa Praxedes de Oliveira, intitulada Os desafios dos Ambientes de Inovação para o Desenvolvimento do Turismo Sustentável – Estudo de Caso do Parque Tecnológico Itaipu – Brasil, submetida ao Centro de Excelência em Turismo da Universidade de Brasília, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do grau de Mestre em Turismo, em 23/04/2014, defendida e aprovada pela banca examinadora abaixo assinada.

---

Profa. Dra. Marutschka Martini Moesch  
Orientadora CET/UnB

---

Prof. Dr. Mário Carlos Beni  
CET/UnB

---

Prof. Dr. Luiz Carlos Spiller Pena  
CET/UnB

Dedico esta dissertação, afetosamente, a minha avó Amabile Stedile, aos meus pais Nael e Nelly, ao meu primo Carlos Eduardo (*in memoriam*) e aos meus sobrinhos Eduardo e Benício Antônio.

## AGRADECIMENTOS

### **O bom é que há muito e muitos a agradecer...**

À minha orientadora, amiga e grande educadora Profa. Dra. Marutschka Martini Moesch (Maru) minha admiração e gratidão por crer, ensinar, estimular, orientar, criticar. Pelo afeto, amizade, acolhida e infinita hospitalidade. A convivência em toda esta etapa será gravada como uma fase de muito aprendizado e superação. Sua crença como educadora me ajudou chegar aqui!

A Energia Suprema que rege a vida, por esta etapa de aprendizado e evolução.

Aos meus avós Trajano, Geni, Urbano (*in memoriam*) e Amabile, dos quais guardo a presença e lembrança sempre em meu coração.

A Nael, meu pai, pela presença doce e bem disposta, explicitada em amor, orações, incansáveis idas e vindas ao aeroporto (a qualquer hora) e no preparo especial de cada café, todas as manhãs.

A Nelly, minha mãe, pelos abraços, colo, afeto e principalmente pela inspiração de garra, vigor e ousadia, com um coração valente e abarrotado de amor pela vida e por todos! (E claro, por toda a gestão e logística, sempre!!)

Aos meus irmãos Tarsus e Vinícius, pela proteção, pelo carinho e pela torcida orgulhosa!

A minha cunhada Angelita, pela convivência harmoniosa e amiga, e especialmente pelo pacotinho de amor chamado Benício! A Neia, pela doçura e respeito, e por nos brindar com o Eduardo (Dudu). Por ele há 9 anos a palavra amor tem outro significado em minha vida!

A Cacá, minha madrinha por todo o amor, pelo estímulo à literatura, boa música, pelos papos cabeça, pelas orações e torcida positiva.

A todos os tios(as) e primos(as) que pela convivência amorosa sempre me estimularam a ser melhor e me sentir querida (destaco os de primeiro grau: Aline, Alice, Roberta, Delaine, Naimar, Flavio, Marco, Denise, Naray, Carlos (*in memoriam*), Fabrício, Priscilla, Alexandra, Midian, Cariane, Fernanda, Gustavo, Anne Catherine (Ketty), Filipe, Shayane, Eduarda, Helena, Larissa, João Luiz). Meus tios João Neto (*in memoriam*), Ercival, Luís Carlos (Carlinhos), Delso Luís, João Nery, Dirceu e Dilvan e minhas queridas tias, Zeny, Nair, Nega, Vera, Solange, Bia, Lurdinha,

Sandra (tia e profe), Ivete, Maria, pelas inspirações, pelo zelo, pelo carinho e entusiasmo. Também um destaque a minha prima-afilhada-comadre, unanimidade em simpatia, Carla Roberta por ensinar a leveza da vida com sua alegria, alto astral e sorriso!

Às professoras Elenita Nascimento, minha co-orientadora além de suas valiosas observações, sugestões e apoio nesta jornada. E Regina Schotler, por participarem da minha banca de qualificação e contribuírem com o enriquecimento de minha pesquisa.

Aos professores Mário Carlos Beni e Luiz Spiller pela enriquecedora participação em minha banca de defesa da dissertação.

Aos professores das disciplinas do Mestrado, que ampliaram horizontes e ajudaram a abrir janelas para a alma: Neio, Cléria, Marutschka, Luiz, Karina, Gilson, Donária, Beni, Cristovam, Jandir, Elenita.

Aos demais professores e servidores do CET que sempre me receberam e atenderam com solicitude e atenção.

Aos colegas de aprendizagem e troca: Ângela, Alcione, Carla, Carolina, Elissélia, Geruza, Leiliane, Ronaldo, Thamyris, Elmar, em especial às queridas: Juzânia, Laís e Maria de Jesus, que foram exemplos em hospitalidade, acolhida e solidariedade! Outro destaque mais que válido e legítimo: minha colega, companheira de república e grande amiga Juliane Noschang, pela amizade verdadeira. Nossa jornada nesse mestrado foi uma parceria cheia de superações, frustrações, companheirismo, tolerância, risadas, “surto virtuais”, descobertas, apoio e incentivo mútuo em todos os momentos. E pelo seu humor único. Foi mais valiosa e leve a jornada em sua companhia! Aproveito para estender o agradecimento especial a seus pais, Vera e Júlio Noschang, que me acolheram de braços abertos nas minhas idas e vindas a Porto Alegre.

A minha amiga-irmã e colega de mestrado, companheira de jornada, Erika Kilbert, um agradecimento imenso pela amizade duradoura, pela acolhida e apoio, pelos papos e diálogos filosóficos, que sempre agregam sabedoria e serenidade!

A todos os amigos(as) do Cerrado: Sônia, colega de república e de bons papos. Josi pelo sorriso e incentivo sempre presentes! Raquel pela breve, mas simpática e solidária acolhida. E um especial agradecimento a Tatiana Tannus, José Ricardo e Júlia Lobão (Jujuba) pelo carinho, afeto, acolhida e confiança.

Às amigas-irmãs que a vida me brindou, Fernanda Castro Alves (e pimpolhos Enzo e Antonella), Lizandra “Dandy” Vidal (e filhote Pedroca), pela amizade, cumplicidade e presença. E Silvana Gomes, (duplamente com Arthur) por acreditar, por ouvir, por me apoiar, por estar presente! Luiz Gustavo Silva, amigo que me acolhe de forma afetuosa e vibrante, me apoiando constantemente para um caminho evolutivo! Seu apoio foi elementar!! Aos amigos(as) presentes Anna Carolina Danieletto (Belinha), Daniela Valiente, Danusa Dotto, Eliza Plotegher, Juca Rodrigues, Moa Ferreira, Marcelo Alves, Nazaré Almeida e Vera Vieira, pelos papos cabeça, pelas risadas, pelos abraços, pelos momentos de descontração, carinho e leveza. Aos amigos(as) “distantes”, parceiros de longa data, presentes sempre em meu coração e minha lembrança: Alexandre Binotto, Aline Preve, Angela Iara, Cláudia Bueno, Kellyn Christian, Luciana Falcon, Luciane Kusbick, Maria Eugênia, Maricy Rizzato, Monaliza Almeida, Michele Tolentino, Mônica Laurito, Pedro Simões, Sueli Ishimatsu, Taís Guimarães, Thalita Sejanos, e Valéria Gonçalves Gonçalves. É um privilégio e uma honra conviver com vocês!

Ao professor e amigo Carlos Águedo Nagel Paiva com quem tenho o privilégio de conviver, estabelecendo diálogos construtivos e criativos, os quais certamente agregam a minha vida, pessoal e intelectualmente.

A querida Norma Moesch, exemplo de hospitalidade pela acolhida e carinho com que me recebeu em sua casa, num momento crucial de finalização da dissertação!

À toda Fundação Parque Tecnológico Itaipu, em nome de seus atuais diretores, Juan Carlos Sotuyo, Cláudio Osako e José Luiz Dias (Juca) e dos ex-diretores que endossaram esta empreitada, Jaime Nascimento e Marcio Luzia. Ao pessoal do Recursos Humanos, e aos demais colegas de trabalho, pela credibilidade, pela oportunidade, pelo incentivo, essenciais para o cumprimento do programa de mestrado. Destaco agradecimento especial a Juan Carlos, pela confiança nestes 10 anos de convivência, pela atenção, críticas e grande ajuda nesta construção acadêmica e profissional Mas, principalmente pela sua presença repleta de energia, humanidade e alegria. Você nos inspira!

E outro especial aos colegas/amigos que enriqueceram minhas reflexões e buscas, dedicaram seus tempos, recheando os debates com muita sabedoria e humor, além de muitos materiais e esclarecimentos: Maria Angélica por todo carinho,



suporte teórico e inspiração. Jonhey, pela incansável colaboração e referências teóricas. Flávio e Nelinho pelos debates intensos e cheios de conteúdo. Ao Marcel, colega de atuação profissional, obrigada pelas revisões críticas e imensamente construtivas, pelos debates e apoio contínuo. A Yuri e Fabiano, que ficaram torcendo, vibrando e me incentivando (por vezes vocês arrancaram gargalhadas que aliviaram a pressão e fizeram a diferença!). Foi fundamental contar com vocês!

Aos colegas da Fundação PTI, que na convivência com a diversidade ajudam a construir um novo olhar e uma nova prática para o Turismo e para o desenvolvimento territorial: Carlos Beyersdorff, Gorette Milioli, Guilherme Tell, Janer Vilaça, Juliano Hoesel, Jurema Fernandes, Sylvia Braga e Tania Judite Rodrigues.

Às queridas ex-estagiárias Bruna Predabon e Camila Oliveira, além do apoio constante, pela convivência a qual induziu a busca pela minha melhoria pessoal e profissional.

Aos colegas que “acolheram minha ausência” nos últimos tempos e que construíram debates intensos para o planejamento estratégico, enriquecendo-me com insights e novas possibilidades para compreensões: Adriana Brandt, Ana Cristina Nobrega, Andrea Schmoeller, Angelita Hanauer, Daniela Lopes, Daniela Veronezi, Denise Mittanck, Fabiano Nogueira, Fernanda Alves, Flavio Rocha, Hedryk Daijó, João Passini, Jonhey Lucizani, Jurema Fernandes, Milton Calmazini, Nelinho Graef, Paulo Carvalho, e Soraya Penzin.

Aos colegas da Fundação PTI, que dedicaram seu tempo às entrevistas e contribuíram com essa construção: Cláudio, Hedryk, Jonhey, Juan Carlos, Maria Angélica e Maria Jurema.

Aos colegas da Itaipu Binacional, Daniel Ribeiro, Herlon Almeida e Paulino Motter, que prontamente me atenderam, disponibilizando documentos, informações e materiais, essenciais para a investigação deste estudo.

Aos familiares, amigos(as) e colegas que participaram direta ou indiretamente desse processo.

A todos (as) vocês, minha gratidão!!!!

*Se temos de esperar,  
que seja para colher a semente boa  
que lançamos hoje no solo da vida.*

*Se for para semear,  
então que seja para produzir  
milhões de sorrisos,  
de solidariedade e amizade.*

*Cora Coralina*

## RESUMO

Essa dissertação tem como objetivo analisar o processo de construção de um ambiente de inovação, ciência, e tecnologia que tem o turismo como um de seus eixos de atuação. Para tal, propõe-se desvelar as práticas técnico-científicas que vem sendo criadas pelo Parque Tecnológico Itaipu Brasil (PTI) com vistas a desenvolver o turismo, de forma sustentável. O propósito do Parque desde a sua constituição inicial, em 2003, foi o desenvolvimento territorial, no qual o turismo sempre esteve presente como eixo temático das iniciativas e seus planos formais de organização. Com uma atuação crescente e explícita desde que assumiu a gestão e operação do Complexo Turístico da Itaipu Binacional – CTI, em 2007, o PTI se instituiu como materializador da missão ampliada de sua entidade mantenedora, de impulsionar o “desenvolvimento econômico, turístico e tecnológico, sustentável, no Brasil e no Paraguai”. Assim, trata-se de uma investigação qualitativa, de nível exploratório e interpretativo, buscando revelar e compreender o papel dos ambientes de inovação no desenvolvimento do Turismo, em especial a atuação do Parque Tecnológico Itaipu Brasil - PTI - BR, em Foz do Iguaçu, Paraná. Esta pesquisa apresenta três momentos: no primeiro buscou-se construir a teoria do objeto pela análise a respeito do tema, com a reconstrução dos conceitos de turismo, desenvolvimento territorial, ambientes de inovação e parques tecnológicos. No segundo, foi explanada a trajetória dos caminhos metodológicos que contemplou as análises a partir de evidências documentais e entrevistas com atores estratégicos inerentes ao processo e foi descrita a contextualização do objeto foco de estudo – a atuação do PTI. No terceiro foi analisada como estão sendo construídas as práticas em um ambiente de inovação, tendo o turismo como conteúdo bem como as possibilidades para sua transposição no desenvolvimento territorial sustentável a partir da atuação do Parque Tecnológico Itaipu Brasil.

**Palavras-chaves:** Turismo, Desenvolvimento Territorial, Ambientes de inovação, Parque Tecnológico Itaipu Brasil.

## ABSTRACT

This thesis aims to analyze the processes of building an environment of innovation, science, and technology, considering tourism as one of its operation areas. The idea is to unveil the technical and scientific practices, which are being created at the Itaipu Technology Park Brazil (PTI) in order to develop tourism in a sustainable manner. The purpose of the Park, since it was established, in 2003, was territorial development, in which tourism has always been present as a core theme of the initiatives. With growing and explicit actions since PTI was in charge of management and operation of Itaipu Tourist Complex – CTI, in 2007, PTI became the materializer of the enlarged mission of its sponsor, boosting “economic, tourism and technological development, in a sustainable manner in Brazil and in Paraguay”. Thus, this is a qualitative, exploratory and interpretative research, which seeks to reveal and understand the role of innovation involving tourism development environments, in particular the role of the Itaipu Technology Park Brazil - PTI BR, in Foz do Iguaçu, State of Paraná. This research counts with three phases: the first one seeks to build a theory of the object by the theoretical analysis on the subject, with the reconstruction of the concepts of tourism, regional development, innovation environments and technology parks. Then, it was explained the trajectory of methodological approaches that included analyzes from documentary evidence and interviews with key actors inherent in the process as well as the contextualization of the study focus - the PTI role. After this case study it was analyzed how the practices have being built in an environment of innovation, considering tourism as its content. It was also analysed the possibilities for its implementation in a sustainable territorial development considering the performance of the Itaipu Technology Park Brazil.

**Keywords:** Tourism, Territorial Development, Environments of Innovation, Brazil Itaipu Technology Park.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 2.1 – Desenvolvimento e as suas multidimensões.....	35
Figura 2.2 – Mundo da C&T e Mundo Empresarial .....	55
Figura 2.3 – Eixos Básicos da Taxonomia .....	56
Figura 3.4 – Roteiro de Análise dos Documentos/Entrevista.....	67
Figura 3.5 – Fluxo da Emergência dos Achados para a Análise Intradiscurso .....	69
Figura 3.6 – Movimentos Básicos da Investigação .....	70
Figura 3.7 – Localização geográfica do município de Foz do Iguaçu .....	95
Figura 3.8 – Conceito de Parque Científico e Tecnológico, adaptado de Jan Annerstedt.....	97
Figura 3.9 – Modelo de relacionamento do PTI em relação à FPTI .....	99
Figura 3.10 – Imagem aérea do Parque Tecnológico Itaipu Brasil .....	102
Figura 4.11 – Modelo de sustentabilidade do ICT .....	105
Figura 4.12 – Estrutura do Núcleo de Pesquisa .....	106
Figura 4.13 – Conceito genérico de Plataforma de Ciência, Tecnologia e Inovação..... .....	138
Figura 4.14 – Lógica de operação da Plataforma de Ciência, Tecnologia e Inovação... .....	138

## LISTA DE QUADROS

Quadro 2.1 – A evolução da estrutura e da missão dos Parques.....	51
Quadro 2.2 – Gerações de Parques Tecnológicos .....	53
Quadro 2.3 – Classificação de Parques Tecnológicos .....	54
Quadro 3.4 – Modelo do Gráfico de Interpretação da Fala e Entrevista do Ator .....	94

## LISTA DE SIGLAS

ABDI	Agência Brasileira de Desenvolvimento Industrial
ANPROTEC	Associação Nacional de Entidades Promotoras de Empreendimentos Inovadores
C&T	Ciência e Tecnologia
CDT/UnB	Centro de apoio ao Desenvolvimento Tecnológico/Universidade de Brasília
COMTUR	Conselho Municipal de Turismo
CTI	Complexo Turístico Itaipu/Margem Esquerda
Fundação PTI	Fundação Parque Tecnológico Itaipu Brasil
IASP	Associação Internacional de Parques Científicos e Ambientes Inovadores
MTur	Ministério do Turismo
PTI	Parque Tecnológico Itaipu Brasil
PqT	Parque Tecnológico
PqCT	Parque Científico e Tecnológico
POLOIGUASSU	Instituto Polo Internacional Iguassu
OMT	Organização Mundial do Turismo

## SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO .....	16
2	DESENVOLVIMENTO, TECNOLOGIAS E TURISMO NO PARQUE TECNOLÓGICO ITAIPU .....	22
2.1	Na trilha dos complexos caminhos de teorias sobre as diferentes concepções de Desenvolvimento .....	23
2.1.1	Desenvolvimento Sustentável.....	26
2.1.2	Desenvolvimento Local.....	27
2.1.3	Desenvolvimento Regional .....	30
2.1.4	Desenvolvimento Territorial.....	32
2.2	A complexidade no entendimento do fenômeno do turismo .....	37
2.3	Relações do Turismo com o território e seus impactos no desenvolvimento.....	40
2.4	Ambientes de Inovação .....	44
2.4.1	Parques Tecnológicos.....	47
2.4.2	Parques Tecnológicos e Turismo .....	57
3	CONTEXTUALIZANDO O PARQUE TECNOLÓGICO ITAIPU OBJETO DE ESTUDO .....	59
3.1	Considerações teórico-metodológicas.....	59
3.2	O método Materialismo Histórico Dialético e as Categorias Analíticas para o estudo de caso proposto.....	70
3.3	Categorias Essenciais do Materialismo Histórico Dialético.....	72
3.4	Quadro teórico e superação nos fundamentos adotados da delimitação das Categorias a Posteriori .....	79
3.4.1	Turismo .....	79
3.4.2	Desenvolvimento Territorial.....	80
3.4.3	Ciência.....	81
3.4.4	Tecnologia.....	85
3.4.5	Parques Tecnológicos .....	88
3.4.6	Inovação .....	89
3.5	Descrição do objeto de análise – Parque Tecnológico Itaipu Brasil .....	95
4	OS DESAFIOS DOS AMBIENTES DE INOVAÇÃO NO DESENVOLVIMENTO DO TURISMO SUSTENTÁVEL .....	103
4.1	Os desafios do Turismo como campo de ciência, tecnologia e inovação no PTI.....	104
4.2	Limites e possibilidades de atuação do Parque Tecnológico Itaipu no Turismo enquanto vetor de desenvolvimento territorial .....	122
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	140
5.1	Ações Propostas.....	142



5.2 Contribuições.....	144
5.3 Futuras Pesquisas .....	146
REFERÊNCIAS.....	147

## 1 INTRODUÇÃO

A presente dissertação tem como objetivo principal analisar o processo de construção de um ambiente de inovação, que contempla o turismo como um de seus eixos de atuação. Analisar as práticas técnico científicas que vem sendo criadas pelo Parque Tecnológico Itaipu Brasil – PTI para desenvolver o turismo de forma sustentável e promover sua forte conexão com o desenvolvimento do território.

Assim, buscou-se investigar qual a relação existente na atuação de um Parque Tecnológico e do Turismo, de forma a entender os conteúdos de ambientes de inovação que podem se tornar agenda para o desenvolvimento turístico das localidades influenciadas por suas ações.

A nomenclatura Parque Tecnológico é empregada para descrever iniciativas públicas ou privadas, que tenham conexões com universidades ou instituições de ensino superior (IASP, 2002), projetadas para promover o desenvolvimento de negócios baseados no conhecimento, comprometidas com o desenvolvimento tecnológico e o compartilhamento dessa tecnologia para empresas, instituições e/ou organizações (DALTON apud SOTUYO, 2011, p.4).

Os Parques Tecnológicos podem ser considerados ambientes de inovação. “Como tal, instrumentos implantados em países desenvolvidos e em desenvolvimento para dinamizar economias regionais e nacionais, agregando-lhes conteúdo de conhecimento.” (STEINER; CASSIM; ROBAZZI, 2008, p. 2).

Nos dias atuais, simultaneamente à geração do conhecimento, amplia-se a percepção da interdependência entre fenômenos sociais, ambientais e econômicos, de forma que, o potencial da criatividade humana, tanto do ponto de vista tecnológico quanto político e organizacional, pode levar à sustentabilidade, por meio de reformas graduais e contínuas (SCHOMMER apud SOUZA, 2009). Nesse sentido, a criatividade e a inovação assumem papéis fundamentais como instrumentos na consolidação de processos produtivos mais sustentáveis.

O PTI, criado em 2003 por decisão da Itaipu Binacional, empresa hidrelétrica binacional Paraguai-Brasil, está situado na região da tríplice fronteira Argentina-Brasil-Paraguai, na cidade de Foz do Iguaçu, dentro do território da hidrelétrica. O PTI tem como missão: “Promover o desenvolvimento territorial sustentável por meio da cultura, educação, ciência, tecnologia, inovação e empreendedorismo”. Essa singularidade confere a ele o diferencial da sintonia entre sua estratégia de implantação e as prioridades regionais e nacionais, bem como as tendências internacionais (SOTUYO, MARQUES & EL KHOURI, 2012).

Nesse sentido, a problematização que orientou este estudo analisou a relevância do turismo como um dos focos de atuação de um ambiente de inovação, em especial no cumprimento da missão da Fundação Parque Tecnológico Itaipu Brasil - Fundação PTI. Tal fato, instiga a indagação sobre qual o papel que um Parque Tecnológico pode desempenhar na temática do Turismo. Como se dá a produção e disseminação do conhecimento em um parque tecnológico no campo do turismo? Quais as externalidades possíveis da produção ali exercidas no campo do empreendedorismo e inovação para o desenvolvimento do turismo sustentável do território de sua influência?

Para construção da teoria do objeto foram utilizados, dentre outros, os seguintes autores: Mario Beni, Marutschka Moesch, Sergio Molina, Sérgio Boisier, Ignacy Sachs, Carlos Paiva, Amartya Sen, Francisco Albuquerque, Edgar Morin, Pedro Demo, Paulo Alexandre Netto. Suas contribuições forneceram o instrumental teórico utilizado no percurso da construção do entendimento do processo elencado como foco deste estudo.

Tendo em vista o objeto de investigação, foi adotada a metodologia de pesquisa qualitativa, de nível exploratório e interpretativo. A investigação foi um estudo de caso que teve como recorte espacial o Parque Tecnológico Itaipu Brasil, em Foz do Iguaçu, Paraná. O recorte temporal do estudo compreende o período de 2003 a 2014, ou seja, desde a data de sua criação até o início deste ano. Ainda, na busca da construção do caminho metodológico das evidências foi utilizado o método dialético histórico materialista, pois, segundo Demo (1995), é a metodologia mais apropriada para compreender a realidade social, e para além das condições objetivas, a realidade social é movida igualmente por condições subjetivas.

O interesse nesta pesquisa se deve ao fato de a pesquisadora estar inserida no contexto da organização objeto de investigação, desde 2010, quando assumiu o cargo de gerente do Programa Turismo Sustentável da Fundação PTI.

A incipiência de estudos e investigações que abordam a relação Turismo e Inovação, em especial em parques tecnológicos estão centrados em dois aspectos que merecem explicitação e registro: um a dificuldade de compor um arcabouço teórico consistente e referencial específico para o tema Turismo. O outro, a necessidade e relevância da investigação proposta para esta dissertação.

Para as entidades que lidam com ciência, tecnologia e inovação está evidente o desafio de gerar ações que impactem no desenvolvimento territorial sustentável e que contribuam para a superação dos desafios do próprio poder público neste propósito. Em relação às políticas públicas de turismo no Brasil inexistem qualquer histórico de Parques Tecnológicos envolvidos diretamente com a temática. Soma-se a este problema no campo da inovação, a intencionalidade da Fundação PTI com o tema Turismo em uma região como Foz do Iguaçu, dada a relevância do fenômeno no local. Ações de melhoria e promoção do destino são constantemente propostas e empreendidas, pelos setores público e privado, sem apresentar contudo tradição de sistematização e/ou de processos similares voltados a geração de conhecimento, ocasionando também a ausência de investimentos internos e externos alavancadores de inovação.

As inquietudes assumidas pela pesquisadora perante este contexto desafiador, se intensificaram ao indagar qual seria efetivamente o papel de um ambiente de inovação para o desenvolvimento do turismo sustentável regional. Porém evidenciaram-se outros questionamentos, tal qual o de como manter fluxos de comunicação com a sociedade que permitam identificar suas reais necessidades e demandas e que promovam uma interação fluída, na busca por um desenvolvimento legitimado pela participação.

O objetivo desta interação está no desafio de transpor o conhecimento gerado numa dinâmica intersetorial, visando a composição das ações de conhecimento, tecnologia e inovação e como consequência a aplicação de seus resultados tornarem-se efetivo valor para a sociedade.

O turismo, enquanto objeto de estudo, padece no cenário nacional e internacional de um tratamento epistemológico próprio. De um modo geral, se constitui num agrupamento de iniciativas, preferencialmente, do setor empresarial e privado e em menor escala da academia (sejam universidades e/ou faculdades, públicas e privadas) quando transposto de modo aplicado a inovação. O saber turístico produzido é reduzido às informações e sistemáticas sobre o seu próprio setor produtivo. Este contexto permite delinear a hipótese de que o saber-turístico é um fazer-saber, não existindo saber além daquele que resulta de um fazer-saber (Moesch, 2002, p.13).

Para Moesch (2002, p.16) a multiplicidade dos tipos de estudos efetuados na área reflete a interdisciplinaridade do seu objeto. Paradoxalmente, há que reconhecer, nos estudos já publicados, o tratamento epistemológico reducionista dado ao objeto turístico, pois boa parte dessas análises são amparadas em modelos econométricos que reduzem a compreensão do objeto sob a ótica de uma atividade econômica. Tanto em uma análise como na outra, o enfoque parte de uma premissa determinista. Conseqüentemente, os estudos são fracionados, desarticulados, unilaterais, com insuficiência metodológica, apresentando ausência, salvo exceções, de um espírito crítico passível de autonomia intelectual, possibilitando a construção de um campo teórico. Inexiste clareza epistemológica para a construção de teorias turísticas que permitam sua transposição em inovação e, conseqüente tecnologias que tenham seu objeto como reflexão.

Desta forma, fica evidente que a área do turismo prescinde de um corpo sistêmico de investigação científica, tecnológica e de inovação que garanta a qualidade da pesquisa turística e sua transposição ao saber-fazer e competências específicas, considerando toda a sua complexidade e a busca por ações mais sustentáveis.

No caso de Parques Científicos e Tecnológicos, tem-se ainda o desafio de superar as concepções tradicionalmente adotadas de ciência, tecnologia e inovação e os questionamentos sobre qual o real papel de um parque no desenvolvimento territorial sustentável.

Um agravante maior para o Turismo é que tão pouco há tradição de parques tecnológicos que aportem seus esforços ou tenham em suas agendas esta temática.

Segundo estudo recente realizado pelo Centro de apoio ao Desenvolvimento Tecnológico/Universidade de Brasília – CDT/UnB (2013, p.9) existe no Brasil atualmente, 94 iniciativas de parques conhecidas, sendo que destas 28 estão em fase de operação, e destas, com a consulta realizada à ANPROTEC, daqueles, apenas três são os parques que contemplam o Turismo como tema. Apenas o PTI citava ter ações efetivamente em andamento e implementadas, até 2013.

No caso do PTI especificamente, tal desafio se encontra materializado na priorização e densidade de ações, projetos e investimentos realizados pela Mantenedora na temática associada ao nexos Água – Energia. O tema Turismo, mesmo com investimentos realizados e com ações existentes, aparentemente ainda está incipiente e, comparativamente ao que existe, não possui a mesma relevância.

A partir desse contexto, tanto do PTI, quanto da inexistência de referências/modelos com intencionalidade de investigação científica fortalecidas e consolidadas e com foco em turismo, evidencia-se a problematização que orienta esta investigação, que busca analisar a relevância do turismo enquanto foco de atuação em um ambiente de inovação, em especial no cumprimento da missão da Fundação PTI que é o desenvolvimento territorial sustentável.

O caminho metodológico construído orientou a busca de evidências que pudessem compor possíveis respostas à problematização desta investigação. Para aprofundamento do tema, torna-se imprescindível à verificação de uma pergunta central que auxilia o alcance de esclarecimentos pertinentes ao proposto: Quais as externalidades que o conhecimento gerado em um Parque Tecnológico pode auferir, na área do turismo, para o desenvolvimento territorial sustentável?

Delimitou-se como objetivo geral: desvelar os desafios dos ambientes de inovação, ciência e tecnologia no desenvolvimento do Turismo Sustentável, a partir da atuação do Parque Tecnológico Itaipu Brasil - PTI, em Foz do Iguaçu, Paraná.

Visando responder à questão e seus desdobramentos, e alcançar o objetivo geral proposto, essa dissertação está estruturada em 3 capítulos, além da introdução e considerações finais. O primeiro traz a fundamentação para o aporte teórico necessário ao objeto de estudo.

No segundo capítulo, são apresentados o método, a metodologia, as categorias e os passos da pesquisa. As categorias apresentadas são: desenvolvimento territorial, turismo, ciência, tecnologia, inovação e parque tecnológico.

No terceiro capítulo é apresentada a análise das evidências dos discursos contidos nos documentos, pertinentes à análise representativa da mantenedora, dos documentos da Fundação PTI como reprodutora do discurso, referenciados nas entrevistas, articulados com o aporte teórico das categorias constituídas e concebidas para tal.

Finalmente, são apresentadas as Considerações Finais, onde a pesquisadora tece suas conclusões diante das evidências percebidas suas características históricas e temporais e o compromisso pela busca do conhecimento.

## **2 DESENVOLVIMENTO, TECNOLOGIAS E TURISMO NO PARQUE TECNOLÓGICO ITAIPU**

Essa dissertação tem como objetivo analisar o processo de construção de um ambiente de inovação, ciência, e tecnologia que tem o turismo como um dos eixos de atuação, visando desvelar as práticas técnico-científicas que vem sendo criadas pelo Parque Tecnológico Itaipu Brasil – PTI para desenvolver o turismo de forma sustentável.

Na busca pelo entendimento de que desenvolvimento a que se refere e sua relação com a sustentabilidade, da concepção de turismo, assim como de ambientes de inovação, em especial os parques tecnológicos, o clareamento conceitual e teórico é fundamental. Especialmente para o entendimento do contexto da Fundação PTI, sua missão e os propósitos de um Parque Tecnológico na tentativa de contribuição a este processo e interação com o território em que se insere. “As teorias são redes, lançadas para capturar aquilo que denominamos ‘o mundo’: para racionalizá-lo, explicá-lo, dominá-lo. Nossos esforços são no sentido de tornar as malhas da rede cada vez mais estreitas”. (POPPER 1975 apud PAVIANI 2009, p. 45).

Nesse sentido, a problematização que orientou o estudo desta dissertação analisou a relevância do turismo enquanto um dos focos de atuação de um ambiente de inovação, em especial no cumprimento da missão da Fundação Parque Tecnológico Itaipu Brasil (Fundação PTI). O que dirige a indagação sobre o papel de um Parque Tecnológico na temática do Turismo em sua região de atuação.

Na tessitura desta rede trilha-se a seguir os caminhos das teorias sobre as diferentes concepções de desenvolvimento.



## **2.1 Na trilha dos complexos caminhos de teorias sobre as diferentes concepções de Desenvolvimento**

Um entendimento sobre desenvolvimento torna-se imprescindível para que se reconheça suas diferenças conceituais, dimensões, papéis e atores partícipes de seu processo. Particularmente, por existirem nuances conceituais variadas e tênues conexões entre concepções importantes, não se omite a ressalva de que tal discussão não é conclusiva e que tem a intenção de trazer esclarecimentos convergentes, visando contribuir para uma melhor compreensão sobre o assunto, no contexto que se busca para o estudo em foco.

Faz-se necessário elucidar, brevemente, a diferença entre desenvolvimento e crescimento. Crescimento está ligado, geralmente, a “variação (de forma desejável, positiva) de elementos físicos como, por exemplo, o Produto Interno Bruto – PIB, estando ligado em última análise, ao fenômeno da industrialização” (HANEFELD, 2002, p.14). Ou seja, uma elevação da produção da região considerada, relacionada ao crescimento da renda nacional per capita. Durante muito tempo o desenvolvimento econômico foi relegado pelos estudos da Economia, sendo os dois termos tratados como sinônimos. Ambos os conceitos possuem fortes vínculos, porém não se caracterizam como sinônimos perfeitos. Na perspectiva de Morin e Kern (1995 apud BECKER, 2000, p.107) “a ideia de desenvolvimento continua ainda tragicamente subdesenvolvida porque presa à racionalidade econômica. (...) A ideia desenvolvimentista foi e é cega às riquezas culturais das sociedades arcaicas ou tradicionais que só foram vistas através das lentes economistas e quantitativas.” Assim, um país melhorará efetivamente seu nível de desenvolvimento econômico e social se, juntamente com o aumento da renda per capita, melhorar seus indicadores sociais. Deste modo, o conceito de desenvolvimento está relacionado à melhoria do bem-estar da população.

Nesta linha, Souza (1993 apud HANEFELD, 2002, p.16) aborda que “Desenvolvimento econômico se define, portanto, pela existência de crescimento econômico contínuo (...), em ritmo superior ao crescimento demográfico (...), envolvendo mudanças nas estruturas e melhoria de indicadores econômicos e sociais per capita”. Este conceito assinala que o crescimento é importante, mas, especialmente nos dias atuais não se constitui condição única, visto que não garante

o desenvolvimento, o qual segundo Hanefeld (2002, p.16) é entendido como “um processo que inclui uma gama de conquistas sociais do mundo ocidental, tais como justiça, saúde e segurança, onde o desenvolvimento econômico é parte integrante do desenvolvimento geral.”

Pode-se afirmar que desenvolvimento é um processo dinâmico de melhoria, que implica mudança, evolução, crescimento e avanço. A diferença entre crescimento e desenvolvimento é que o crescimento não conduz necessariamente à igualdade nem à justiça social. O desenvolvimento, por sua vez, ocupa-se com a geração de renda, mas tem o objetivo de distribuir e impulsionar a melhoria da qualidade de vida de toda a população.

Na grande maioria das reflexões e estudos sobre o tema desenvolvimento, se enaltece o fator econômico como fundamental no processo, especialmente por estar inserido em um contexto social no qual o paradigma econômico prevalece. Porém, que não se deve limitar a tal discussão. Para Albuquerque (2013), a opção de utilizar a expressão *desenvolvimento* de forma genérica, se deve a uma ampliação do foco de análise e inserção de outras dimensões no entendimento deste processo, visto que:

A análise da evolução temporal (ou dinâmica) da economia é o foco principal do desenvolvimento econômico, uma questão que não pode ser separada da análise do histórico, social, cultural, político, institucional e ambiental na qual estão incorporados processos econômicos. (...) O desenvolvimento é, na verdade, um termo mais amplo que o desenvolvimento econômico, incorporando as diferentes dimensões do desenvolvimento social e humano, o desenvolvimento cultural, político e institucional, econômico e financeiro e de desenvolvimento ambientalmente sustentável.

Assim, com o intuito de ampliar esta discussão, na perspectiva de Celso Furtado (1982 apud Haddad, 2002, p.59), se apreende que:

Desenvolvimento é, principalmente, um processo de ativação e canalização de forças sociais, de melhoria da capacidade associativa, de exercício da iniciativa e da criatividade. Portanto, trata-se de um processo social e cultural com desdobramentos econômicos. O desenvolvimento ocorre quando, na sociedade, se manifesta uma energia capaz de canalizar, de forma convergente, forças que estavam latentes ou dispersas. Uma verdadeira política de desenvolvimento terá que ser a expressão das preocupações e das aspirações dos grupos sociais que tomam consciência de seus problemas e se empenham em resolvê-los.

Visando reforçar que o desenvolvimento vai além do material, busca-se ir ao encontro destes olhares teóricos para sustentar uma resposta a esta indagação afirmativa. Segundo Seers (apud BOISIER, p. 2, 2001), “o ponto de partida para uma discussão sobre o desenvolvimento é reconhecer que 'Desenvolvimento' é um conceito normativo, cheio de juízos de valor.” Este autor, fortemente inspirado pelo pensamento de Gandhi, ainda argumenta “que devemos nos perguntar sobre as condições necessárias para a realização do potencial da personalidade humana, algo comumente aceito como objetivo.”

Seers traz elementos de subjetividade às análises e entendimentos sobre o processo de desenvolvimento. Ele eleva a alimentação como necessidade absoluta (imediatamente traduzida em pobreza e nível de renda), agrega que a segunda condição básica para o desenvolvimento pessoal é o emprego e a terceira é a igualdade entendida como equidade. Portanto, desde esta perspectiva já se “apresenta um elemento subjetivo e intangível uma vez que o conceito de equidade tem tais dimensões.” (BOISIER, p. 2, 2001).

O desenvolvimento é a utopia social por excelência (BOISIER, 2001, p.5). Nessa linha, Boisier aborda que talvez por conta desta natureza utópica e em parte devido a percepções analíticas e cartesianas é que, gradualmente, se produziu uma verdadeira polissemia em torno da concepção de desenvolvimento. Cada uma das adjetivações dadas demanda uma identidade única em relação ao substantivo que acompanha o "desenvolvimento": desenvolvimento territorial, desenvolvimento regional, desenvolvimento local, desenvolvimento endógeno, desenvolvimento sustentável, entre outras, como se fossem categorias separadas de um mesmo processo.

No entanto, não há concepções claras e definitivas, que delimitem e determinem as fronteiras de distinções significativas entre um conceito e outro. Em muitas situações, como regional e local “a linha de separação entre local e regional será sempre casuística e arbitrária, no bom sentido da palavra” (BOISIER, 2001, 12). Mesmo assim, no intuito de compor um entendimento sobre cada “categorização”, e a posterior constituição de uma categoria teórica para esta pesquisa, segue uma breve abordagem sobre algumas delas.

### 2.1.1 Desenvolvimento Sustentável

A história da sustentabilidade começa a ganhar corpo na década de 1970 com estudos envolvendo diversas áreas do conhecimento que tentaram definir melhor o seu sentido e alcance.

Os movimentos de proteção ambiental levaram a questão à importantes fóruns de discussão. Foi em junho de 1972, em Estocolmo, na Suécia, durante a Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente Humano, quando surgem evidências de uma crise ambiental em nível global e o reconhecimento de que o meio ambiente é fundamental para o desenvolvimento humano.

Não era possível extinguir o desenvolvimento econômico, mas ele deveria ser implementado através de métodos favoráveis ao meio ambiente. As discussões da Conferência resultaram na elaboração de dois documentos. A Declaração sobre o Ambiente Humano e o Plano de Ações para o Meio Ambiente estabeleceram bases para a relação entre o desenvolvimento econômico e o meio ambiente.

Apenas 15 anos mais tarde, em 1987, a Comissão Mundial sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento elaborou um novo documento chamado Nosso Futuro Comum, mais conhecido como Relatório de *Brundtland*. Nesse documento, o conceito de desenvolvimento sustentável é definido como “o desenvolvimento que satisfaz as necessidades presentes, sem comprometer a capacidade das gerações futuras de suprir suas próprias necessidades”. O relatório apontava ainda para a incompatibilidade entre o desenvolvimento sustentável e os padrões de produção e consumo existentes.

Sachs (2004) propõe que o desenvolvimento sustentável deve ser um processo ambientalmente responsável, socialmente justo e economicamente viável. O modelo de desenvolvimento sustentável requer uma nova relação, uma dimensão que acrescenta a sustentabilidade ambiental e a sustentabilidade social, a partir de um imperativo ético para agir em solidariedade com as gerações atuais e futuras. Ele define cinco pilares da sustentabilidade (2004, p.15): 1) o social – por causa da perspectiva de disrupção social que paira de forma ameaçadora sobre lugares problemáticos do planeta. 2) o ambiental, a partir de duas perspectivas, o ambiente provedor de recursos e ambiente recipiente dos resíduos. 3) o territorial, com foco na

distribuição espacial dos recursos, das populações e atividades. 4) o econômico, colocado como condição *sine qua non* para que as coisas aconteçam. 5) o político, concentrando-se nos princípios da liberdade e da governança democrática para que as coisas aconteçam.

### 2.1.2 Desenvolvimento Local

Há uma grande dificuldade em se caracterizar o que se entende por um processo de desenvolvimento local, por ser uma “prática sem teoria”. Para Guimarães (1997 apud BOISIER, p. 8): “O termo "desenvolvimento econômico local" (DEL) descreve uma prática sem muita base teórica: uma prática que seria benéfica, mas que realmente pode nunca encontrar, teoria substantiva abrangente e aplicável.”.<sup>1</sup>

O que caracteriza o desenvolvimento local, em princípio, é o protagonismo dos atores locais, na formulação de estratégias, na tomada de decisões econômicas e na sua implementação. O que se assemelha bastante ao conceito de endógeno. Se assim entendido, trata-se de um processo de desenvolvimento econômico que se baseia na autonomia de seus agentes locais. A este respeito Di Pietro (1999 apud BOISIER, p.7), afirma que: "O local é um conceito relativo a um espaço maior. O local não pode ser analisado sem referência ao espaço mais abrangente, na qual ele está inserido (município, departamento, província, estado, região, nação). Atualmente joga com o contraste 'local/global' mostrando os paradoxos e as relações entre os termos".

“Para definir a noção de local não há outro caminho senão referi-la a sua noção correlativa de global. Quando algo se define como local é porque pertence a um global.” (AROCENA, 2002, p.6). Assim, não se pode analisar um processo de desenvolvimento local sem referência à sociedade global na qual se está inscrita, da mesma forma, citando Arocena (2002, p.6): “afirmação da natureza relativa da noção de local permite reconhecer a inscrição do global em cada processo de desenvolvimento”. Para que isso aconteça, deve-se reconhecer, por um lado que a

---

<sup>1</sup> Tradução da autora para o original: “*The term ‘local economic development’ (LED) describes a practice without much theoretical underpinning: a practice that would benefit from, but may actually never find, comprehensive and applicable substantive theory*”.

análise global, análise das principais determinações sistêmicas e estruturais, não esgota o conhecimento da realidade. Significa reconhecer que a análise local não é toda a análise da realidade, ou seja, o local não é "mais real" do que o global. Além disso, o global não é a simples soma de realidades locais, "mas uma dimensão específica da ordem social" (AROCENA, 2002, p.6).

Assim, nem toda subdivisão do território é uma sociedade local. Para que este termo possa se aplicar a uma realidade local, deve haver um certo número de condições que são expressas em dois níveis fundamentais: econômicas e culturais.

Segundo Arocena (2002, p.9), no socioeconômico, cada sociedade tem um sistema de relações constituído por grupos interdependentes. Este sistema pode ser chamado de sociedade local, quando o que está em jogo nas relações entre os grupos é principalmente de natureza local. Em outras palavras, a produção de riqueza (ainda que mínima) gerada no território está sob negociação entre grupos socioeconômicos e, assim, torna-se o principal sistema de estruturação de relações de poder locais. Neste primeiro nível, para a sociedade local, deve haver riqueza gerada localmente no qual os atores locais exercem um controle decisivo tanto no técnico-produtivo, como aqueles relacionados a comercialização. E a hierarquia social, portanto, será constituída a partir da capacidade de cada membro de influenciar a tomada de decisões sobre a utilização do excedente.

No nível cultural, segundo o mesmo autor, a adesão é expressa em termos de identidade coletiva. Para que exista a sociedade local é necessário que o grupo humano que habita um território tenha e compartilhe características de identidade comuns. Isto significa que os indivíduos e grupos constituem uma sociedade local quando eles mostram um "modo de ser" singular que os distingue de outros grupos.

Neste contexto, cabe também explicitar aspectos sobre o desenvolvimento endógeno, que, para Paiva (2005) se realiza a partir da mobilização inicial e preferencial (ainda que não necessariamente exclusiva) de recursos disponíveis no território e que é **objeto de controle e planejamento por parte de agentes domiciliados no mesmo**<sup>2</sup>.

---

<sup>2</sup> Grifo nosso.

Tomazzoni (2009, p.21) também elenca uma série de conceitos sobre desenvolvimento, do qual se destaca um fragmento que explicita que o endógeno é um processo de liderança da comunidade local: “É a capacidade de utilização de potenciais, como *savoir-faire*, sistemas de relações e recursos próprios para a melhoria do nível de vida da população.”

Para fortalecer a defesa desses argumentos, traz-se elementos que compõem o desenvolvimento endógeno de uma região para uma perspectiva mais ampla da sustentabilidade. Nesta perspectiva também se enaltece que tal processo não se dá apenas pelo viés do crescimento econômico, mas pela articulação e atuação de elementos de outras dimensões que impactam, principalmente, na formação de sua capacidade de organização social e política. Esta organização, por sua vez, está relacionada com outras variáveis, mencionadas por Boisier (1992 apud HADDAD 2009, p.120):

[...] Por outro lado, o processo de desenvolvimento sustentável de uma região, que pressupõe o seu crescimento econômico, dependerá, fundamentalmente, da sua capacidade de organização social e política, que se associa ao aumento da autonomia local para a tomada de decisões, ao aumento da capacidade para reter e reinvestir o excedente econômico gerado pelo processo de crescimento local, a um crescente processo de inclusão social, a um processo permanente de conservação e preservação do ecossistema regional. Esta capacidade de organização social da região é o fator endógeno por excelência para transformar o crescimento em desenvolvimento, através de uma complexa malha de instituições e de agentes de desenvolvimento, articulados por uma cultura regional e por um projeto político local.

Beni (2006, p.35) contribui com o entendimento sobre desenvolvimento endógeno compondo que:

[...] é uma interpretação que permite explicar os processos de acumulação de capital, bem como identificar os mecanismos que contribuem para o aumento da produtividade e da competitividade de cidades e regiões. Trata-se de uma interpretação voltada para a ação, associada ao momento em que a sociedade civil se mostra capaz de dar, mediante uma política de desenvolvimento local, uma resposta aos desafios produzidos pelo aumento da concorrência nos mercados.

Complementa Beni que o desenvolvimento endógeno busca atender às necessidades e demandas da população local por meio da participação ativa da comunidade envolvida.

Assim, evidencia-se o desenvolvimento endógeno como uma característica implícita do desenvolvimento local, de forma que os conceitos estão intrinsecamente conectados. Por isso a dificuldade em dissociá-los ou constituí-los em categorias separadas.

### **2.1.3 Desenvolvimento Regional**

Na perspectiva do desenvolvimento regional, a região pode ser entendida como um espaço geográfico que mostra características e potencialidades semelhantes e complementares, capaz de serem articuladas e que definem um território.

Segundo Dallabrida et al (2004, p. 36) as vertentes contemporâneas que tangenciam o enfoque do desenvolvimento a partir da perspectiva territorial, podem ser classificadas em duas: a vertente globalista e a vertente regionalista.

A vertente globalista do novo regionalismo, está ligada a discussão sobre a crise severa que acontece nas cidades industrializadas dos países desenvolvidos nos anos de 1970, associada ao fechamento das fábricas, com conseqüente degradação social urbana. Diante do cenário degradante, governos locais e comunidades não tem escolha senão oferecer todos os tipos de concessões, tais como flexibilização legal, isenções tributárias e até investimentos diretos do próprio governo local para atrair investimentos. No final da década de 1980, enfatiza a competição entre as cidades e as regiões, mediante estratégias do tipo *city marketing*, no qual caberia às cidades e regiões, numa escala crescente, assumir as atividades de geração de emprego e renda por meio da adoção de um comportamento empresarial. Na década de 1990 corresponde a uma linha de trabalho sobre o surgimento de redes de cidades e regiões conectadas entre si numa sociedade global baseada no fluxo de informações, devido aos grandes avanços nas tecnologias de informações e conhecimentos possíveis de serem transferidos com facilidade no planeta via *online* e sem grandes custos, destacando o papel de grandes empresas no gerenciamento dos fluxos globais de informação, a



partir de suas unidades produtivas localizadas em territórios diferentes, estimuladas pela desregulamentação dos mercados de capitais. Uma quarta posição está baseada numa "ordem internacional sem fronteiras", devido esgotamento do estado nacional e suas políticas de regulamentação macroeconômica, proclamando a livre competição entre cidades ou regiões.

Já a vertente regionalista ressalta a perspectiva da territorialização do desenvolvimento no contexto de uma nova economia internacional globalizada. Defendem o aumento da capacidade das cidades/regiões/territórios de atuar sobre os fatores estruturais, implicando numa maior capacidade de se utilizar e aproveitar dos fatores globais em função de suas próprias especificidades locais. Utilizando-se dos casos paradigmáticos dos chamados meios inovadores, por exemplo, o Vale do Silício, nos Estados Unidos. Nesses âmbitos espaciais segundo Dallabrida et al (2004, p. 37) estão presentes redes de empresas de pequeno e médio porte, associações empresariais, sindicatos, governos locais, e outras organizações não governamentais que sustentam relações numa mistura de confiança mútua, troca de informações, cooperação e competição com a capacidade de refletir-agir sobre condicionantes estruturantes. Nesta vertente existem enfoques centrados na problemática da organização industrial, na crise do fordismo, nos distritos industriais e estudos centrados nos meios inovadores.

Na mesma linha, Boisier (2001) acrescenta que o "desenvolvimento regional" é um processo de mudança estrutural localizada em um espaço territorial denominado região. O desenvolvimento está associado a três dimensões: a relação espacial, referente a própria região; a social, com a comunidade que nela habita; e a individual, a de cada indivíduo membro da comunidade. O "progresso" da região deve ser entendido como a transformação sistemática do território regional, um sujeito coletivo (questão que muitos, por razões ideológicas, discutem), o "progresso" da comunidade deve ser entendido como o fortalecimento da sociedade civil e criação de um sentimento de pertencimento regional. E o "progresso" de cada indivíduo deve ser interpretado como a remoção de todas as barreiras que impedem uma pessoa especial, um membro da comunidade em questão e morador da região, atingindo sua plena realização como ser humano.

Faz-se necessário ainda ressaltar que as “economias regionais estão submetidas às consequências da grande mobilidade de fatores através de suas fronteiras, pois estão abertas ao mundo exterior e sujeitas à influência externa” (HADDAD 1975 apud TOMAZZONI, 2009, p. 48).

Um fator fundamental que deve ser ressaltado, ainda conforme Paiva (2005, p.2), é que: “um território pode e deve ser objeto de distintas regionalizações, visto que uma região não é uma entidade física, mas uma construção social, implicando que uma região é resultado de um processo de regionalização”.

Em relação ao processo de desenvolvimento regional, Boisier (apud DALLABRIDA, 2000, p. 28) destaca que é essencial uma sequência de cinco etapas inerentes a sua concretização: primeiro, um crescente processo de autonomia regional; segundo, uma capacidade regional para apropriar-se do excedente econômico ali gerado; terceiro, um crescente movimento de inclusão social; quarto, um crescente processo de conscientização e mobilização social em torno da proteção ambiental e do manejo racional dos recursos naturais da região; quinto, a identificação da população com a região.

#### **2.1.4 Desenvolvimento Territorial**

O termo desenvolvimento tem uma vasta amplitude de acepções e conceitos que se inter-relacionam e/ou se complementam. Recorrentemente é usado na fundamentação de documentos oficiais nas políticas governamentais e tem servido de base para o desenvolvimento de estudos empíricos. Por isso mesmo tem ocupado um espaço significativo no âmbito de pesquisas acadêmicas caracterizando-se um complexo, polissêmico e por vezes polêmico conceito. Da mesma forma o termo território também tem se inserido nos debates e tomado as mesmas características de diversidade e complexidade conceituais que o próprio desenvolvimento. A utilização de tais conceitos conjugados implica a eles pautas para efervescentes disparidades teóricas. Para Lima (2013):

O conceito desenvolvimento territorial é complexo, constituído pela associação de dois conceitos de similar complexidade (desenvolvimento e território), e com ampla discussão na academia, especialmente na Sociologia, na Geografia e na Economia. Desenvolvimento é um conceito clássico das ciências econômicas, mas pelo seu caráter, polêmico e

controverso, de muitas adjetivações (social, econômico, sustentável, regional, local, rural, urbano, territorial), foi incorporado no debate de outras áreas do conhecimento. O conceito de território, por sua vez, vem sendo objeto de vários estudos, na tentativa de compreender as relações da sociedade com o espaço.

Para Boisier (2001, p.7), talvez "desenvolvimento territorial " seja o mais amplo de seus sentidos. Considerado um conceito associado com a ideia de recipiente e não a ideia de conteúdo. O território enquanto um corte da superfície da Terra, pode ser visto como um "território natural", espaço intocado, sem intervenção humana; o "território equipado" com algum tipo de intervenção humana, como a infraestrutura de transportes, construção, qualquer atividade extrativa; "território organizado", considerado aquele que tem um sistema de assentamentos humanos - a existência de uma comunidade que reconhece e cujo principal auto referência seu próprio território, com algum tipo de mecanismo ou a administração do governo. Neste, Boisier (2001, p.7) afirma: "O desenvolvimento territorial refere-se à escala geográfica de um processo e não a sua substância".

Sobre o conceito de território, Milton Santos afirma que:

O território deve ser entendido como território usado, não o território em si. O território usado é o chão mais a identidade. A identidade é o sentimento de pertencer àquilo que nos pertence. O território é o fundamento do trabalho; lugar da residência, das trocas materiais e espirituais e do exercício da vida (2007, p.14).

Para Albuquerque<sup>3</sup> (2013), o território está para além do espaço geográfico no qual estão alocadas as atividades. Para ele, o território é o conjunto de atores e agentes que o habitam, com sua organização social e política, sua cultura e instituições, assim como o meio físico e o meio ambiente que formam parte dele. O território se configura como um sujeito (ou "ator") fundamental do desenvolvimento, ao incorporar as distintas dimensões deste, ou seja, o desenvolvimento social e humano, o desenvolvimento econômico, o desenvolvimento institucional, e o desenvolvimento ambientalmente sustentável. O desenvolvimento funda-se, portanto

---

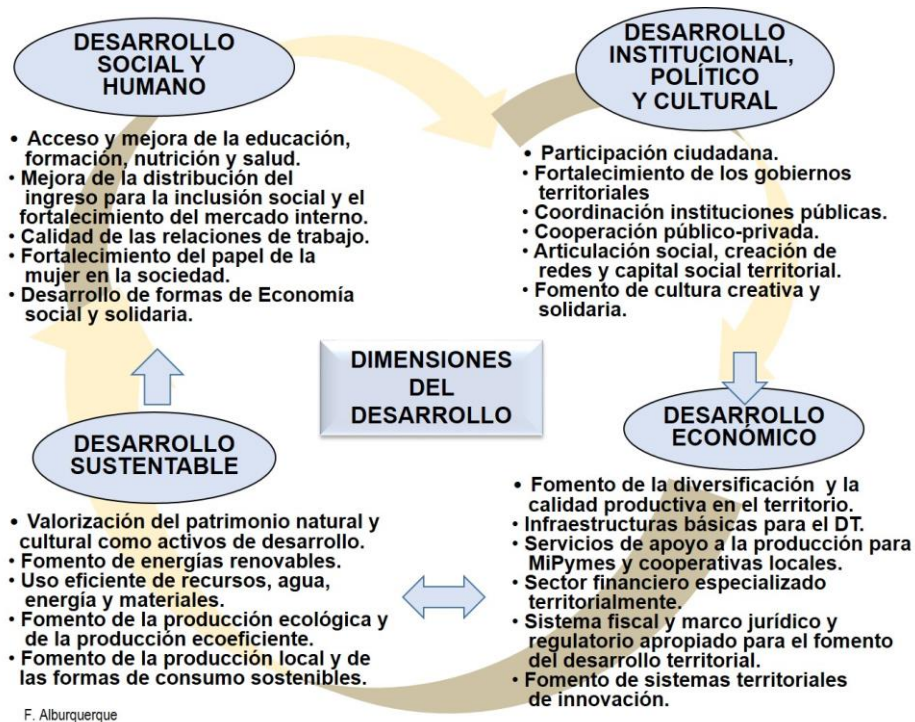
<sup>3</sup> Conceito amplamente debatido em Palestra do BID/FOMIN "O Papel das Estatais e seus Instrumentos no Processo de Desenvolvimento Local", realizada dia 03 de setembro de 2013, no auditório César Lattes, Parque Tecnológico Itaipu Brasil, em Foz do Iguaçu – Paraná.

no aproveitamento das capacidades do próprio território para melhoria da sua competitividade, através da inovação; igualdade no acesso a bens e serviços essenciais ao exercício pleno da cidadania; e oportunidade de inserções sócio produtivas.

Isto resultará no alcance da autonomia, liberdade e qualidade de vida dos cidadãos. Tal processo envolve, minimamente, cinco dimensões, a saber: a) social e humano; b) institucional, político e cultural; c) ambiental; e d) econômica, conforme Figura 2.1 (ALBUQUERQUE, 2013).

O conceito de desenvolvimento territorial abarca a totalidade das dimensões com a totalidade dos relacionamentos de forma que não se pode conceber o desenvolvimento pretendendo avançar em apenas uma das dimensões, pois elas estão interligadas. Contudo, também há que se reflexionar que o desenvolvimento não é um processo linear, porém, dialético. Denota observar que os processos relacionais entre as dimensões do desenvolvimento são causadores de desequilíbrios, portanto, fica difícil, ao mesmo tempo, a plena realização e satisfação de todos os elementos constitutivos do Desenvolvimento em níveis iguais.

Nesta ampliação do entendimento e na adoção de uma postura mais sistêmica de sua análise, cabe a contribuição de Amartya Sen sobre o processo. Em sua obra, *Desenvolvimento como Liberdade*, ele aborda que o desenvolvimento pode ser encarado “como um processo de expansão das liberdades reais que as pessoas desfrutam.” (SEN, 2000, p.55).



**Figura 2.1 – Desenvolvimento e as suas multidimensões**  
**Fonte: Albuquerque, 2013**

Ao demonstrar que tal processo está essencialmente conectado às oportunidades que ele oferece à população de fazer escolhas e exercer sua cidadania, incluindo não somente a garantia dos direitos sociais básicos, como saúde e educação, mas também segurança, liberdade, habitação e cultura.

"Vivemos um mundo de opulência sem precedentes (...), mas também de privação e opressão extraordinárias. Ver o desenvolvimento como expansão de liberdades substantivas dirige a atenção para os fins que o tornam importante, em vez de restringi-las a alguns dos meios que, inter alia, desempenham um papel relevante no processo (Sen, 2000, p.16).

Mais uma concepção que corrobora com a ampliação no entendimento sobre desenvolvimento, elencando a ele outras dimensões na análise de seu processo, conhecida como Desenvolvimento em Escala Humana. Publicada em espanhol em um número especial na revista *Development Dialogue* (1986), traz no seu bojo aspectos pertinentes para uma abordagem mais ampliada. Na transcrição

dos autores Mafred Max-Neef, Antonio Elizalde e Martin Hopenhayn (apud BOISIER, 2001, p. 4)<sup>4</sup>:

Tal desenvolvimento (desenvolvimento em escala humana) se concentra e se sustenta na satisfação das necessidades humanas fundamentais, na geração de níveis crescentes de autoconfiança e articulação orgânica dos seres humanos com a natureza e tecnologia, dos processos globais com os comportamentos locais, do pessoal com o social, de planejamento com a autonomia da Sociedade Civil com o Estado.

Esse avanço na subjetivação do desenvolvimento, leva a um avanço do entendimento deste processo. Segundo Boisier (2001, p.5):

(...) Entender o desenvolvimento requer enfoques holísticos, sistêmicos e recursivos. Morin, Prigogyne, Capra, Drucker, Fukuyama, Habermas, Maturana e outros, são alguns dos nomes que começam a estar por trás de um novo paradigma. A questão prática, o que deveria interessar aos praticantes do desenvolvimento, entre os quais os mais importantes são precisamente as autoridades locais, é que se requer um verdadeiro re-treinamento mental para poder intervir com alguma possibilidade de êxito no fomento do desenvolvimento, não só do crescimento. Há pela frente uma tarefa gigantesca imprescindível para a comunidade acadêmica, para instalar na estrutura curricular de pré e pós-graduação paradigma próprio da complexidade.

Entende-se, portanto, que uma análise consistente do desenvolvimento se faz a partir de um olhar multi e interdisciplinar, com abordagens relacionadas aos saberes econômicos, sociológicos, políticos, antropológicos, entre outros. Para compreender e caracterizar esse processo, uma série complexa de fatores precisa ser considerada, bem como suas dinâmicas de inter-relação. Para Ferreira de Lima (2011, p. 48):

(...) quando se insere a concepção do espaço e dos territórios, como elementos dinâmicos e de análise no escopo da economia, deve-se considerar a cultura, a política, a história, a tecnologia e os sentimentos de parceria e orgulho dos povos como questões importantes nos estudos das regiões e de seu desenvolvimento.

Com os elementos elencados até aqui, afirma-se que o processo de desenvolvimento está imbuído de uma série de características, fatores e dimensões

---

<sup>4</sup> Tradução da pesquisadora.

internos e externos ao território ou região onde ocorre. E, que para uma compreensão mais ampla e consistente, precisa ser apreendido como algo complexo. Ainda, que é um processo dinâmico e está intrinsecamente vinculado aos movimentos do tecido social que o compõe, tanto no estabelecimento de sua expansão ou retração.

## **2.2 A complexidade no entendimento do fenômeno do turismo**

De acordo com a análise da literatura, podem-se elencar conceituações de Turismo advindas de distintas fontes: estudos teóricos e práticos de diversos pesquisadores sobre tema; definições propostas por organizações internacionais ou nacionais que têm o tema Turismo como objeto de atuação. No campo teórico a conceituação do turismo é objeto de debates e divergências. Há autores que salientam seus aspectos sociais, outros sua característica de atividade econômica. Alguns ainda sustentam que está fundamentado, sobretudo na experiência do sujeito que o realiza, entre outras diferentes posições.

Assim, para embasar a pesquisa e adotar um posicionamento conceitual mais apropriado ao enfoque deste estudo, fez-se necessário buscar diversas abordagens e entendimentos sobre Turismo.

Segundo Boyer (2000 apud CUNHA, 2001, p.15), o turismo foi criado, sendo uma necessidade cultural da civilização industrial. O mesmo autor afirma que o turismo é oriundo especialmente do Romantismo e de sua época, séculos XVIII e XIX, tendo sofrido mudanças ao longo do século XX, em que cresceu, atingiu novos públicos, todavia sem que houvesse uma “revolução” em seu conteúdo. Essa última ideia já é contestada diante das novas relações sociais e diferentes demandas que apontam para novidades no campo do turismo no século XXI. Para Molina (2003, p.23), o Turismo industrial teve origem no século XIX e se estendeu até o início da Segunda Guerra Mundial. Nasceu e se desenvolveu com o capitalismo.

Krippendorf, (1984 apud MOESCH 2004, p. 148) concebe o Turismo como um dos aspectos do lazer, e “que eles não constituem um mundo à parte, que

obedeça a leis próprias, e sim, são consequências, e simultaneamente um componente do sistema social industrial, da organização dos seres humanos e da civilização moderna.” Ele afirma que não é possível entender tais fenômenos (os lazeres e o Turismo) dissociados dos determinantes do sistema econômico. A decisão de viajar deriva-se tanto de um impulso pessoal quanto da influência exercida pelo meio social e que por sua vez, este meio esta condiciona tal decisão: “Para o homem em estado de carência, a nossa sociedade oferece o turismo, as férias longe do Universo cotidiano...”. Em sua obra *Sociologia do Turismo* tece uma forte crítica ao Turismo como um modelo imposto à sociedade, como uma norma social. Após a conquista do “direito às férias”, o “direito à viagem se tornou uma reivindicação sociopolítica” (KRIPPENDORF, 2000, p.38). Por sua vez argumenta:

... repouso e férias tornaram-se sinônimos de Turismo. A necessidade de relaxamento é reconhecida e é orientada para o turismo e transformada em viagem. No entanto, esta necessidade poderia em muitos casos ser satisfeita em casa, se fossem criadas melhores condições. Mas, ou não se pensou nisso, ou há muito tempo se renunciou à luta pela melhoria urbana e pela humanização das condições de trabalho. Eis como a viagem se tornou uma norma social.” (KRIPPENDORF, 2000, p.38).

Beni (2000, p.16) entende o Turismo como “resultado do somatório de recursos naturais do meio ambiente, culturais, sociais e econômicos, tendo seu campo de estudo superabrangente, complexo e pluricausal.”. Desta forma, não adota nenhum conceito estanque, explicitando justamente a necessidade de se “dispor de um quadro referencial dinâmico, flexível, adaptável, de leitura e compreensão fácil e simples, que integre toda essa colossal complexidade e represente por inteiro em suas combinações.” (BENI, 2000, p.16).

Molina (2000 apud MOESCH 2004, p. 212) em seu livro intitulado *Conocimiento Del Turismo*, afirma que “definir é delimitar um fenômeno, assinalando seus limites. Conceitualizar implica num esforço de maior alcance, orientando para compreender e avaliar o sentido de um objeto, por exemplo, o Turismo, como é, por que, para que do fenômeno.” Continua a estruturação deste pensamento dizendo que “uma conceptualização do Turismo repassa uma simples citação de definições, e sim discorre sobre a realidade do Turismo, estrutura e objeto e o contextualiza através do emprego de diversos discursos e pensamentos científicos.” Em sua obra



*Turismo Creativo – El fin de la competitividad* Molina afirma que “o Turismo aparece como um fenômeno massivo nas sociedades de maior desenvolvimento relativo desde meados do século XX<sup>5</sup>” (MOLINA, 2011, p. 21). O autor ainda defende que reconhecer a existência de “turismos”, de seus diferentes modelos, implica em um avanço extraordinário e uma compreensão superior em comparação com o conceito do turismo singular, pois desta forma:

...há o reconhecimento da possibilidade de recorrer-se a diferentes códigos, paradigmas e caminhos a respeito do papel das comunidades locais, das formas de intervenção das instituições públicas e não-governamentais, do uso dos recursos naturais e culturais, da elaboração de experiências para os visitantes e turistas, e também do planejamento e definição das estratégias de negócios e de prestação de serviços (MOLINA, 2011, p.35).

Swarbrooke (2000, p.19), por sua vez, traz a concepção de Turismo Sustentável. Ele afirma que “não há uma definição completamente aceita” para este assunto. Contudo, sugere que o turismo sustentável deveria estar conectado à aplicação da definição do Relatório Brundtland. E, quando se pensa uma definição de Turismo Sustentável, esta deveria enfatizar os elementos ambientais, sociais e econômicos do sistema de Turismo. De forma que uma definição de Turismo Sustentável “significa turismo que é economicamente viável, mas não destrói os recursos dos quais o turismo no futuro dependerá, principalmente o meio ambiente físico e o tecido social da comunidade local.”

Assim, o turismo, a partir desta perspectiva, pode vir a propiciar o desenvolvimento do território ou desenvolvimento local, pois é tido como um instrumento de cidadania ampla quando busca a equidade entre regiões, desconcentrando investimentos e interesses historicamente determinados pela forma de ocupação econômica do território.

O turismo é um fenômeno eminentemente contemporâneo por estarem implícitos nesse termo várias relações sociais, culturais e econômicas próprias da sociedade ocidental contemporânea. A partir da década de 1950 teve um imenso crescimento passando de 25 milhões de turistas internacionais para 600 milhões na

---

<sup>5</sup> Tradução da autora.

década de 1990. Essa expansão, enquanto atividade de lazer, envolvendo milhões de pessoas e transformando-o em uma atividade econômica, deu-lhe lugar garantido no mundo financeiro atual.

O comportamento mercadológico determinista, que utiliza o turismo como objeto de consumo do sistema econômico, desconsidera sua interdisciplinaridade, principalmente enquanto relação intercultural passível de interferir e atribuir novas relações e códigos estéticos e éticos. De modo que grande parte dos estudos e pesquisas, tanto governamentais e acadêmicos refere-se a estudos somente sob essa ótica. A própria definição da Organização Mundial do Turismo (OMT) é uma conceituação simplificada e reducionista, enfatizando o volume aparente de um fenômeno de dimensões quantitativas e qualitativas, tão complexo.

Para Moesch (2008, p. 18), a não compreensão de sua multi-setorialidade pode isolar as atividades a ele associadas pertencentes a outros setores produtivos e sociais, ocasionando uma descrença ao seu desenvolvimento. Por ser um sistema orgânico e complexo, de conteúdo interdisciplinar, é um processo humano que ultrapassa o entendimento enquanto função de um sistema econômico.

Neste sentido, ainda segundo Moesch, apreende-se que o turismo está para além das suas atividades econômicas. Numa ampliação e contraponto aos conceitos convencionais reducionistas, inclusive o adotado pela OMT é:

(...) uma combinação complexa de inter-relacionamentos entre produção e serviços, em cuja composição integram-se uma prática social com base cultural, com herança histórica, a um meio ambiente diverso, cartografia natural, relações sociais de hospitalidade, troca de informações interculturais. O somatório de toda esta dinâmica sociocultural gera um fenômeno, recheado de objetividade/subjetividade, consumido por milhões de pessoas, como síntese: a experiência turística (MOESCH, 2000, p.9).

### **2.3 Relações do Turismo com o território e seus impactos no desenvolvimento**

Em que pese à diversidade de conceitos e entendimentos sobre Turismo, com controvérsias e distinções certamente o Turismo é um fenômeno de grandes impactos nos territórios nos quais existe, em especial nos quais toma grandes densidades. Segundo Beni (2000, p. 38), o turismo pode induzir a benefícios e

prejuízos a uma localidade. Na abordagem do autor o turismo é um eficiente meio para:

1. Promover a difusão de informação sobre uma determinada região ou localidade, seus valores naturais, culturais e sociais;
2. Abrir novas perspectivas sociais como resultado do desenvolvimento econômico e cultural da região;
3. Integrar socialmente, incrementar (em determinados casos) a consciência nacional;
4. Desenvolver a criatividade em vários campos;
5. Promover o sentimento de liberdade mediante a abertura ao mundo, estabelecendo ou estendendo os contatos culturais, estimulando o interesse pelas viagens turísticas.

O mesmo autor ainda elenca prejuízos que podem ser causados pelo Turismo:

1. Degradação e destruição dos recursos naturais;
2. Perda da autenticidade da cultura local;
3. Descrição estereotipada e falsa do turista e do país ou região de que procede, por falta de informação adequada;
4. Ausência de perspectivas para aqueles grupos da população local das áreas de destinação turística, que não obtêm benefícios diretos das visitas dos turistas ou do próprio Sistema de Turismo da localidade;
5. Aparecimento de fenômenos de disfunção social na família, patologia no processo de socialização, desintegração da comunidade;
6. Dependência do capital estrangeiro ou de estereótipos existentes em face do Turismo.

Segundo Pimentel (2006), a inquietação com os impactos do turismo surge de forma não explícita nos anos 1980, em propostas para novas formas de turismo como um turismo brando, turismo verde, turismo de baixo impacto, etc. (ibidem, p.21). A sustentabilidade entra como pano de fundo, a partir de 1987, a partir das políticas globais apresentadas no estudo *Our Common Future* (Nosso Futuro Comum), elaborado pela *World Commission Environment and Development* para a Assembleia Geral das Nações Unidas (OMT, 2003).

Neste sentido, a OMT, com outras instituições, compôs a Agenda 21 para Viagens e Turismo, adotada por muitos governos nacionais como uma política essencial ao desenvolvimento, embora ainda, muito distante da prática. No guia

revisado *Sustainable Tourism Development: Guide for Local Planners* a OMT (2003, p.24) aborda a seguinte definição:

O desenvolvimento do Turismo Sustentável atende às necessidades dos turistas de hoje e das regiões receptoras, ao mesmo tempo em que protege e amplia as oportunidades para o futuro. É visto como um condutor ao gerenciamento de todos os recursos, de tal forma que as necessidades econômicas, sociais e estéticas possam ser satisfeitas sem desprezar a manutenção da integridade cultural, dos processos ecológicos e essenciais, da diversidade biológica e dos sistemas que integram a vida.

Neste manual, a OMT amplia os princípios do desenvolvimento turístico sustentável à conservação dos recursos naturais, históricos e culturais, à necessidade de um adequado planejamento e gestão da atividade, à qualidade ambiental, à satisfação da demanda e à ampla distribuição dos benefícios do turismo por toda a sociedade.

Beni (2003, s/p), em seu artigo “Como podemos certificar o Turismo Sustentável?”, propõe também uma definição baseada em alguns princípios e os resultados que o Turismo Sustentável deveria trazer:

Enfim, o Turismo Sustentável, portanto, em sua vasta e complexa abrangência envolve: compreensão dos impactos turísticos; distribuição justa de custos e benefícios; geração de empregos locais diretos e indiretos; fomento de negócios lucrativos; injeção de capital com conseqüente diversificação da economia local; interação com todos os setores e segmentos da sociedade; desenvolvimento estratégico e logístico de modais de transporte; encorajamento ao uso produtivo de terras tidas como marginais (turismo no espaço rural); subvenções para custos de conservação ambiental.

Moesch & Gastal (2008), por sua vez, apontam como uma das virtudes do Turismo Sustentável, o de ser agente revigorador de áreas adormecidas, como prédios em desuso ou terras improdutivas, por exemplo. O Turismo possuiria uma grande capacidade de atuar favoravelmente frente a essas questões, seja pela dinamização da economia ou pela geração de bem-estar social, por trabalhar com a autoestima da comunidade receptora.

Embora ainda, muito distante de compor a prática das ações e do planejamento dos destinos turísticos, esta perspectiva do Turismo amplia suas preocupações para além de sua dimensão econômica, explicitando a visão do

Turismo que, como prática social, é possibilitador de impactos em diferentes áreas, contribuindo na mudança de vida das comunidades envolvidas e no desenvolvimento regional.

A partir da ética do respeito à diversidade da natureza, da diversidade das culturas e do valor à vida, amplia-se a condição da sustentabilidade pela igualdade e justiça social. A sustentabilidade é entendida como um relacionamento entre os sistemas econômicos dinâmicos e sistemas ecológicos maiores e também dinâmicos, embora de mudança mais lenta, em que se permite a coevolução de nossa espécie e o planeta em que vivemos pelo duplo imperativo ético: a solidariedade sincrônica com a geração atual e a solidariedade diacrônica com as gerações futuras.

O Turismo possui como atributo mais evidente e mais facilmente encontrado: o crescimento econômico, que não representa necessariamente que haja sustentabilidade. Para alcançar essa sustentabilidade é indispensável que se promova um planejamento turístico eficiente, eficaz e com base na realidade do local a que se destina. Pelo planejamento participativo é que o Turismo pode ter suas mazelas dirimidas e suas virtudes (ou externalidades positivas) potencializadas, ampliadas e acessíveis a um maior número de cidadãos possível.

Na relação entre Turismo e Desenvolvimento Territorial, pode-se afirmar que o processo de desenvolvimento envolve, além das transformações sociais, citadas anteriormente, um aproveitamento das diferenças regionais, ou seja, as regiões devem potencializar suas vantagens comparativas, diversificar sua economia baseada nos recursos e nas especificidades de cada localidade.

Por sua vez, na perspectiva da sustentabilidade, o desenvolvimento permite a construção de redes comunitárias solidárias onde o pequeno, médio e grande empreendedor podem atuar em conjunto por fazer parte do sistema turístico da região, a exemplo da produção orgânica de alimentos que se origina do pequeno produtor local, sendo comercializada pelos restaurantes e hotéis e consumidas pelos turistas.

Para entender como é possível estimular a conexão e interação dos diversos atores para contribuir com o fenômeno do turismo, por meio de ambientes de inovação, passa-se a seguir para uma abordagem sobre este tema.

## 2.4 Ambientes de Inovação

O entendimento de qual seria o papel de um ambiente de inovação no desenvolvimento do turismo, passa necessariamente pela elucidação de que são tais ambientes, suas lógicas de operação, suas categorizações, entre outros enfoques. Sabe-se que com os elementos teóricos aqui abordados, não se esgota o assunto. Contudo, tais abordagens tornaram-se fundamentais para uma compreensão alinhada ao objeto desta pesquisa. Assim, inicia-se com breve abordagem dos fundamentos básicos que caracterizam e inter-relacionam os ambientes de inovação e os sistemas de inovação.

Na abordagem de Peregrino (2010), os ambientes de inovação:

São espaços onde a aprendizagem coletiva se dá pela transferência de conhecimento, replicação da inovação nos métodos gerenciais de sucesso e implementação da inovação em processos e produtos. Entre suas características básicas, existe um intercâmbio intenso entre os agentes – empresas, universidades, escolas técnicas, institutos de pesquisa, entidades governamentais e associações de classe –, resultando em abertura para a realização de mudanças.

Assim, tais ambientes podem ser encontrados em diferentes conformações, na interação com distintos atores. Em linhas gerais tais estruturas procuram unir efetivamente talento, tecnologia, capital e conhecimento para alavancar o talento empreendedor, acelerar a geração de tecnologia, estimular e encorajar o desenvolvimento de inovações. Este processo se dá sob uma variedade de tipos, dos quais destacam-se:

a) Sistemas de incubação: espaços nos quais se oferece suporte para o desenvolvimento de novas micro e pequenas empresas, as quais utilizam e compartilham instalações, infraestrutura e serviços de baixo custo. Além disso, há formação para os empreendedores que recebem treinamento e orientação tecnológica, gerencial, financeira e mercadológica para a consolidação de seus empreendimentos e/ou negócios (PEREGRINO, 2010).

A ANPROTEC – Associação Nacional de Entidades Promotoras de Empreendimentos Inovadores confere às incubadoras um conceito mais “estrutural”, caracterizando-as como locais criados especialmente para abrigar empresas,

oferecendo uma estrutura configurada para estimular, agilizar, ou favorecer a transferência de resultados de pesquisa para atividades produtivas. Nesse intuito, uma incubadora de empresas oferece uma gama de serviços de apoio gerencial e técnico (serviços de recepção e secretaria, salas de reunião, Internet, telefone, consultoria, assessoria jurídica, etc.) que propiciam excelentes oportunidades de negócios e parcerias.

Existem diferentes tipos de incubadoras de empresas: tradicionais, mistas, tecnológicas, sociais, culturais, de cooperativas, etc. As incubadoras tradicionais são aquelas que aceitam empresas dos setores tradicionais e as consideradas mistas, que abrigam empresas de base tecnológica e empresas dos setores tradicionais (ANPROTEC, 2009).

Porém, em sua maioria, as incubadoras de empresas caracterizam-se por abrigar empresas de base tecnológica, ou seja, aquelas cujos produtos, processos ou serviços são gerados a partir de resultados de pesquisas aplicadas, e nos quais a tecnologia representa alto valor agregado (MCT, 2009).

b) Polos tecnológicos: são áreas de concentração de micro, pequenas e médias empresas, de atividades semelhantes e complementares, com vínculos com universidades, escolas e institutos. Os polos de inovação tecnológica nascem como resultado da parceria entre Universidade, Empresas e Governo, com o objetivo maior de fazer a transferência de tecnologias necessárias ao desenvolvimento de uma região. “Um polo tecnológico ou de inovação é uma agrupação de empresas e outras instituições em um determinado território, cujo negócio é produzir inovação, isto é, fazer com que ideias e conhecimentos cheguem ao mercado sob a forma de produtos de sucesso.” Assim, um Parque Tecnológico pode fazer parte de um Polo tecnológico.

c) Arranjos Produtivos Locais: são aglomerados de empreendimentos de uma mesma atividade econômica e localizados no mesmo território e que apresentam vínculos de articulação, interação, cooperação e aprendizagem. Têm a localização e a cadeia de valor como aspectos relevantes. Há apoio a este processo com a mobilização de forma coordenada à demandas coletivas dos diversos agentes que o compõe (empresários individuais, sindicatos, associações, agências de desenvolvimento e entidades de capacitação, de educação, de crédito e de

tecnologia), seja por iniciativa própria ou por indução de entidades envolvidas com o segmento em questão. Geralmente há a elaboração de um plano comum de desenvolvimento.

d) Parques Científicos e Tecnológicos: mundialmente ainda não há um consenso sobre o conceito de parque científico e tecnológico. Há porém fundamentos comuns entre as diversas abordagens, que estabelecem que os parques são organizações que desenvolvem, estimulam, gerem fluxos de conhecimentos, tecnologias e inovação por meio do estímulo à interação entre instituições de pesquisa, empresas e governo. Este assunto, por ser parte do objeto foco desta dissertação terá uma abordagem mais detalhada em um tópico específico.

Essas conformações de ambientes, estão estruturadas para compor o desenvolvimento da inovação, estimulando a um conjunto de relações e interações que compõe o que se chama sistema de inovação. Ao analisá-las evidencia-se que “a dinâmica das relações e interações entre os atores econômicos, sociais e políticos de países e regiões, sob o ponto de vista cronológico, determina os diferentes paradigmas de desenvolvimento impostos em cada época.” (DE SÁ, 2011, p.19).

Há inúmeros estudos sobre a evolução de tais modelos conceituais de desenvolvimento nacionais e de seus processos, “retratados no movimento de suas políticas de desenvolvimento econômico e social” (ibidem, p.19). Assim, uma das dimensões de análise desses modelos de desenvolvimento são os sistemas de inovação (SI), nas dimensões nacional, e local.

Um sistema de inovação pode ser concebido como um conjunto de instituições distintas que contribuem para o desenvolvimento da capacidade de inovação e aprendizado de um território. Constituem-se de elementos e relações que interagem na produção, difusão e uso do conhecimento. As conexões internas e externas dos Sistemas de Inovação são fundamentais para a manutenção da competitividade de um dado território, compondo uma estrutura na qual os governos formam e implementam políticas para gerar inovações.



Os sistemas nacionais de inovação podem constituir três principais modelos conceituais: a) Modelo do Triângulo de Sábato; b) Modelo da Tríplice Hélice e c) Modelo Sistêmico da OCDE – Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (DE SÁ, p.19). Os três modelos têm em comum a participação dos atores empresariais, acadêmico-tecnológicos e governamentais, em diferentes arranjos de inter-relação. Observa-se ainda que um Sistema Nacional de Inovação compõe-se do envolvimento e integração entre três principais agentes: o Estado, cujo papel principal é o de aplicar e fomentar políticas públicas de ciência e tecnologia; as universidades/institutos de pesquisa, aos quais cabe a criação e a disseminação do conhecimento e a realização de pesquisas; e, as empresas, responsáveis pelo investimento na transformação do conhecimento em produto (desenvolvimento) (SANTOS *et al* 2006, apud VILLELA; MAGACHO, 2009, p.2).

Esta abordagem, na visão do conceito denominado Triângulo de Sábato, contempla no processo de desenvolvimento a participação de governo, da iniciativa privada e das universidades. (SABATO, 1975 apud SOTUYO, D' ALKAINÉ, 2011). Esse modelo proposto teve uma nova leitura por parte Leigh, J. (2008) denominado de *Triple Helix*, onde universidades, governos e empresas privadas constituem as três hélices da inovação. Instituições educacionais de ensino superior (faculdades e universidades) representam, principalmente, academia neste paradigma. No entanto, as instituições de ensino em outros níveis não estão impedidas de contribuir para, e participando, nos processos de inovação da triple hélice. O governo pode estar representado em qualquer um dos três níveis federal, estadual e local, como por suas empresas estatais. Não há restrições sobre os tipos de envolvimento da indústria (empresa) nos processos de inovação na tríplice hélice.

#### **2.4.1 Parques Tecnológicos**

O surgimento dos parques científicos e tecnológicos é relativamente recente no mundo, com origem espontânea ou não oficialmente programada. Segundo Lucizani (2011, p.27), a experiência pioneira e de maior sucesso foi a articulação entre o conhecimento científico e a pesquisa desenvolvida na Universidade de Stanford, na Califórnia no fim da década de 1940. Tal processo de adaptação para geração de novas tecnologias deu origem a vários sistemas similares no mundo, de

sucesso, especialmente nos segmentos da microeletrônica e seus desdobramentos, das quais nasceu o chamado “Vale do Silício”.

O entendimento de que a articulação entre a pesquisa acadêmico-universitária e as iniciativas empresariais potencializavam o desenvolvimento tecnológico, indicaram a criação de sistemas institucionais planejados para tal fim, nascendo a ideia dos parques tecnológicos, os quais foram generalizados a partir da década de 1960. O formato institucional e os objetivos variaram no tempo e segundo as especificidades nacionais, dando origem a diferentes denominações, sendo as mais conhecidas: cidade científica, cidade tecnológica, parque científico, parque de pesquisa, parque tecnológico, incubadoras:

Na prática, os termos Science Park (Parque Científico) e Technopole (Tecnópole) são mais comumente usados na Europa; o termo Technology Park (Parque Tecnológico) prevalece na Ásia, enquanto que a expressão Research Park (Parque de Pesquisa) é comumente utilizada nos EUA e Canadá (LINK; SCOTT, 2007; WESSNER, 2009; EUROPEAN COMMISSION, 2008 apud DE SÁ, 2011, p. 35).

O desenvolvimento de Parques de Ciência e Tecnologia mundialmente é coordenado pela IASP - Associação Internacional de Parques Científicos e Ambientes Inovadores, que desde 1996, tem sua sede em Málaga, Espanha. Na América Latina encontramos RELAPI, a Rede Latino-Americana de Associações de Parques Tecnológicos e Incubadoras de Empresas, que nasceu como uma iniciativa da IASP-LA para a dinâmica do movimento de empreendimentos inovadores (incubadoras, parques tecnológicos e centros tecnológicos) amplamente reconhecida pela sua importância no desenvolvimento de novas tecnologias e dinamismo regional e crescimento no contexto global. No Brasil a ANPROTEC cumpre o papel de apoiar a entidades promotoras de inovação e pela capacitação de empreendedores e gestores do movimento nacional de parques tecnológicos e incubadoras de empresas.

Mesmo que ainda não haja definição de consenso universalmente aceita para parques científicos e tecnológicos “uma vez que os mesmos apresentam grande diversidade e heterogeneidade em relação aos seus modelos” (DE SÁ, 2011, p.38), de modo geral, as definições propostas por pesquisadores do tema incluem as

seguintes dimensões: a) missão do Parque (criação de empresas, aproximação de atores de inovação, facilitação de fluxo de conhecimentos e tecnologia, geração de empregos); b) atores do Parque (empresas, universidades, instituições de P&D, organizações de apoio, governo, etc.); e c) características de Parque (proximidade geográfica de atores, indução de inovação e competitividade).

Para a IASP, até 2002 um parque tecnológico era conceituado como:

(...) uma organização administrada por profissionais especializados que têm por objetivo proporcionar para a sua comunidade a promoção da cultura da inovação e competitividade de suas empresas e instituições de pesquisa. Para alcançar estes objetivos um parque deve estimular e gerenciar o fluxo de conhecimento e tecnologia entre as universidades, centros de P&D, empresas e seus mercados, facilitando a criação e consolidação de EBT'S através da incubação e processo de "spin-off", além de prover outros valores agregados com espaço de qualidade e infraestrutura (IASP, 2002).

Com ampliação de seu entendimento sobre áreas de inovação, a IASP (2013) concebe que o papel dos Parques de Ciência, Tecnologia e Pesquisa (PCTPs), enquanto área de inovação altamente especializada, seja fundamental no desenvolvimento econômico de seu ambiente. Por meio de uma combinação dinâmica e inovadora de políticas, programas, espaço e instalações de qualidade, além de serviços de alto valor agregado eles:

- Estimulam e gerenciam o fluxo de conhecimento e tecnologia entre universidades e empresas.
- Facilitam a comunicação entre empresas, empresários e técnicos.
- Proporcionam ambientes que realçam uma cultura de inovação, criatividade e qualidade.
- Focam-se em empresas e instituições de pesquisa, bem como em pessoas: os empresários e os “trabalhadores do conhecimento.”
- Facilitam a criação de novas empresas por meio de incubação e de mecanismos cíclicos de contagem na cadeia econômica envolvida (*spin-off mechanisms*) e aceleram o crescimento das empresas de pequeno e médio porte.
- Trabalham em uma rede global que reúne milhares de empresas inovadoras e instituições de pesquisa em todo o mundo, facilitando a internacionalização de suas empresas residentes.

No Brasil, a ANPROTEC Associação Nacional de Entidades Promotoras de Empreendimentos Inovadores, conceitua parque tecnológico como:

[...] um complexo produtivo industrial e de serviços de base científico-tecnológica. Planejados, têm caráter formal, concentrado e cooperativo, agregando empresas cuja produção se baseia em Pesquisa e Desenvolvimento (P&D). Assim, os parques atuam como promotores da cultura da inovação, da competitividade e da capacitação empresarial, fundamentados na transferência de conhecimento e tecnologia, com o objetivo de incrementar a produção de riqueza de uma determinada região. (ANPROTEC, 2013)

Os PqCT's, portanto, são áreas institucionalmente desenhadas, de excelência em inovação e em aspectos estratégicos das relações entre as universidades, centros de investigação e as empresas que buscam se beneficiar dessa proximidade, gerando sinergia na geração e intercâmbio de conhecimento. Pesquisadores e entidades internacionais ligadas a estes habitats de inovação concordam que um parque científico e tecnológico é composto por uma diversidade de atores de inovação e que sua missão está intrinsecamente ligada à articulação destes atores na promoção da inovação.

Segundo a ANPROTEC (2013), PqCT's beneficiam os empreendimentos localizados neles – além da região e da economia como um todo – por gerarem um ambiente de cooperação entre empresas inovadoras e instituições de Ciência e Tecnologia. Os parques oferecem serviços de alto valor agregado às empresas, facilitam o fluxo de conhecimento e tecnologia, possibilitam a geração de empregos qualificados e o aumento da cultura e da atividade empreendedora. Além disso, favorecem a formação de *clusters* de inovação e a competitividade da região onde estão localizados.

A evolução e surgimento de parques tecnológicos tem abordagens distintas entre os pesquisadores do tema. Bibliardi *et al* (apud DE SÁ, 2006, p.31) propõem uma análise evolutiva a partir das mudanças em locais, missão e composição dos atores ao longo do tempo, vide Quadro 2.1.

Período	Localização	Missão	Atores
<b>1960 a 1970</b>	Localizados próximos a Campus universitários.	Desenvolvimento de inovação industrial por meio da interação entre pesquisadores acadêmicos e parceiros da indústria.	Departamentos universitários, laboratórios de P&D e pesquisadores autônomos.
<b>1970 a 1980</b>	Localizados dentro de terrenos/fábricas abandonadas ou de incubadoras.	Re-industrialização de antigas áreas abandonadas.	Organizações governamentais locais e universidades.
<b>Após 1990</b>	Localizados próximos a universidades, fábricas abandonadas ou outros lugares.	Desenvolvimento de inovação para empresas em área particular.	Universidades, governo local, governo federal.

**Quadro 2.1 – A evolução da estrutura e da missão dos Parques (com foco na Europa)**

**Fonte: Traduzido de Bigliardi et al., 2006 (DE SÁ, 2011)**

Um estudo realizado pela ABDI - Associação Brasileira de Desenvolvimento Industrial e ANPROTEC (2008, p.12), a partir do cenário internacional propôs outra análise para evolução e, conseqüentemente, identificação de três grandes tipos de Parques Tecnológicos que determinam “gerações” em função do período em que prevaleceram e dos elementos que os tornaram distintos. As três gerações de parques tecnológicos apresentam níveis de resultados distintos e condensam-se em momentos históricos diferentes ao longo dos últimos 50 anos (vide quadro 2.2). Um descritivo breve do que caracteriza cada uma destas gerações é apresentado a seguir:

### **Parques de 1ª Geração – Parques Pioneiros**

São denominados aqueles gerados de forma espontânea/natural, para promover o apoio à criação de Empresas de Base Tecnológicas e a interação com universidades fortes e dinâmicas. Nestes parques é possível identificar explicitamente as condições favoráveis à inovação e ao desenvolvimento empresarial tais como: vocação regional, disponibilidade de recursos humanos e

financeiros, infraestrutura de qualidade, etc. Na grande maioria tiveram apoio e/ou investimento estatal significativo e alcançaram alto grau de relevância estratégica para o país e/ou região. Um caso clássico de Parque Pioneiro é o *Stanford Research Park*, do qual se originou a região inovadora conhecida como *Silicon Valley*, na Califórnia.

### **Parques de 2ª Geração – Parques Seguidores**

Gerados de forma planejada, formal e estruturada, visando trilhar o mesmo percurso bem sucedido ou “tendência de sucesso” constituídos a partir dos Parques Pioneiros. Em grande maioria, todos esses casos tiveram apoio e suporte sistemático estatal (nacional, regional ou local) e tinham em vista, essencialmente, promover o processo de interação universidade-empresa e estimular um processo de “valorização” (financeira ou institucional) de áreas físicas ligadas aos campi de universidades, criando espaços para implantação de empresas inovadoras no contexto de uma determinada região com pretensão de se tornar um pólo tecnológico e empresarial. Os resultados desta “geração” de parques tecnológicos foram modestos, limitando-se a impactos locais ou regionais. Este tipo constituiu-se num verdadeiro *boom* que se propagou por universidades e polos tecnológicos de países desenvolvidos da América do Norte e Europa, ao longo das décadas de 1970 a 1990.

### **Parques de 3ª Geração – Parques Estruturantes**

Este tipo de Parque acumulou as experiências dos parques de 1ª e 2ª geração e está fortemente associado ao processo de desenvolvimento econômico e tecnológico de países emergentes. Criados como fruto de uma política regional ou nacional e orientados a promover um processo de desenvolvimento socioeconômico extremamente impactante, os Parques Estruturantes contaram com apoio e investimento estatal forte, voltados ao mercado globalizado. Em geral, estão integrados a outras políticas e estratégias de desenvolvimento urbano, regional e ambiental. Este tipo de parque é influenciado por fatores contemporâneos, tais como: facilidade de acesso ao conhecimento, formação de *clusters* de inovação, ganhos de escala motivados pela especialização, vantagens competitivas motivadas pela diversificação e necessidade de velocidade de desenvolvimento motivada pela globalização. Exemplos de Parques Estruturantes podem ser facilmente

identificados em países como Coréia, Taiwan, Cingapura, entre outros, conforme o Quadro 2.2.

<b>Geração</b>	<b>Período</b>	<b>Características</b>	<b>Países</b>
<b>1ª Geração Parques Pioneiros</b>	1950 a 1970	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Criados de forma espontânea;</li> <li>• Forte cultura empreendedora;</li> <li>• Apoio à criação de Empresas de Base Tecnológica - EBT e transferência de tecnologia;</li> <li>• Grande disponibilidade de recursos humanos e financeiros;</li> <li>• Infraestrutura de qualidade.</li> </ul>	EUA ( <i>Stanford Research Park</i> )
<b>2ª Geração Parques Seguidores</b>	1970 a 1990	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Criados de forma planejada, formal e estruturada para “seguir” os passos dos Parques Pioneiros;</li> <li>• Intenção de valorização das áreas físicas dos campi das universidades;</li> <li>• Impactos apenas locais/regionais dos <b>Parque</b> desta geração (resultados modestos).</li> </ul>	Países da Europa e América do Norte
<b>3ª Geração Parques Estruturantes</b>	A partir de 1990	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Criados com base em política regional/nacional para promoção de desenvolvimento socioeconômico;</li> <li>• Influenciados por facilidade de acesso ao conhecimento;</li> <li>• Formação de clusters de inovação;</li> <li>• Necessidade de velocidade de desenvolvimento motivada pela globalização.</li> </ul>	Coréia, Taiwan, Cingapura

**Quadro2.2 – Gerações de Parques Tecnológicos.**  
Fonte: DE SÁ (2011, p.33)

No Brasil, os Parques Tecnológicos começaram a partir da criação do Programa do CNPq, em 1984, para apoiar esse tipo de iniciativa, segundo ABDI e ANPROTEC (2008, p.8). A ideia de Parques Tecnológicos voltou a se fortalecer, a partir do ano 2000, como alternativa para promoção do desenvolvimento tecnológico, econômico e social, tendo atualmente cerca de 94 (noventa e quatro) iniciativas de parques conhecidas. Os dados do estudo de indicadores de parques tecnológicos, realizado pelo CDT/UnB (2013) mencionam a existência de 28 (vinte e oito) parques tecnológicos em fase de operação, 28 (vinte e oito) em fase de implantação e 24 (vinte e quatro) em fase de projeto. De acordo com estudo realizado entre o MCTI e ANPROTEC em 2011, 384 (trezentas e oitenta e quatro) incubadoras em operação (ANPROTEC, 2012).

A forma de análise e categorização de parques no Brasil é distinta e se baseia no viés principal de sua atuação. Processo protagonizado pela ANPROTEC, de acordo com seu estudo realizado em parceria com a ABDI (2008), os parques foram classificados por fases de consolidação. Cada fase reconhece uma característica: o movimento evolutivo dos parques está condicionado à heterogeneidade de atores partícipes. Na etapa emergente, o parque manifesta-se como um posicionamento regional, que pode progredir com uma trajetória empresarial ou científica, mas que implica, para chegar à consolidação, aliar estas características em um mesmo habitat. A heterogeneidade de atores requerida para a consolidação do Parque torna ainda mais essencial para o parque criar sistemas de Gestão de conhecimento, que considerem os diferentes tipos de comunicação e conteúdos de interesse dos atores. Tal abordagem é apresentada conforme o Quadro 2.3, a seguir:

Classificação	Características
Parque Consolidado	Parque com bases de C&T e Empresarial de relevância nacional e com potencial de posicionamento em nível internacional.
Parque com viés Científico	Parque com base de C&T com bastante destaque relativo à base Empresarial.
Parque com viés Empresarial	Parque com base Empresarial com bastante destaque relativo à base de C&T.
Parque Emergente	Parque com posicionamento em nível regional

**Quadro 2.3 – Classificação de Parques Tecnológicos**

**Fonte: Elaborado pela autora, adaptado de De Sá (2011, p.33)**

Em uma proposta recente de classificação, a ANPROTEC contempla o que se denomina uma taxonomia como uma estratégia de organização dos tipos de parques existentes no Brasil. Segundo a proposta, essa ação permitiria a identificação e classificação de grupos com características específicas visando tratá-los de forma diferente e precisa.

A taxonomia foi estruturada a partir de dois eixos básicos: base de ciência e tecnologia (C&T) e base empresarial. A análise levou em consideração o próprio conceito de Parque adotado pela organização, e que está associado à criação de um ambiente especial para promoção de inovação, onde o “mundo da C&T” encontra o “mundo das Empresas”, vide Figura 2.2.



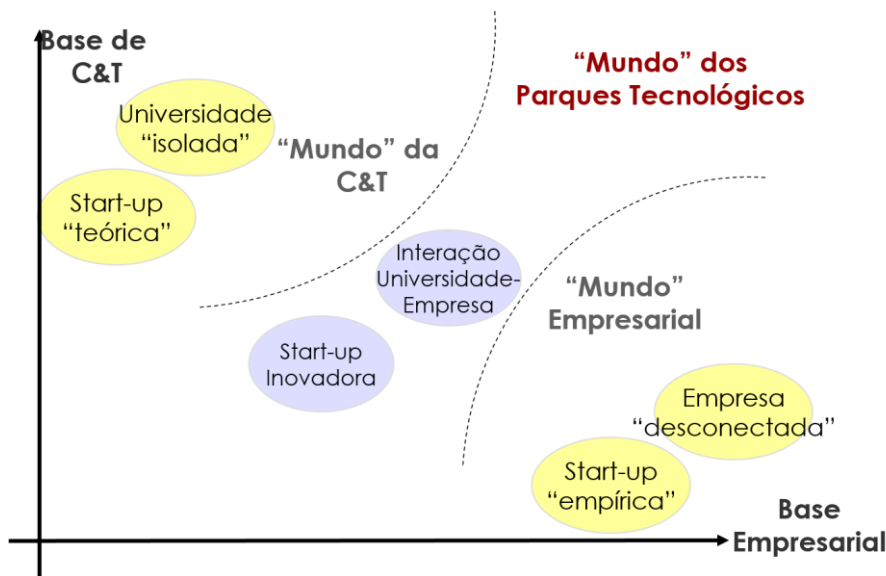


Figura 2.2 – Mundo da C&T e Mundo Empresarial  
 Fonte: ANPROTEC; ABDI (2008)

- 1) **Base de C&T:** abrange a base de conhecimento existente no Parque e região, considerando-se as universidades, institutos públicos e privados de P&D, a qualificação de pessoal etc.;
- 2) **Base empresarial:** abrange questões relacionadas à maturidade da cultura de inovação e de empreendedorismo, geração de *startups*<sup>6</sup>, existência de organizações de *venture capital*<sup>7</sup> do Parque e região etc. Para efeitos de aplicação desta taxonomia, consideram-se também outros elementos de

<sup>6</sup> Uma *startup* é um grupo de pessoas à procura de um modelo de negócios repetível e escalável, trabalhando em condições de extrema incerteza. Em geral se constitui como uma empresa nova, até embrionária ou ainda em etapa de constituição, que agrega projetos promissores, vinculados à pesquisa, investigação e desenvolvimento de ideias inovadoras. Por ser recente e implantar uma ideia no mercado, outra característica é conter risco no negócio. Porém, apesar disso, são empreendimentos com custos iniciais baixos e altamente escaláveis, ou seja, possuem uma expectativa de crescimento muito grande quando bem sucedidas. Algumas empresas no mercado como o Google, a Yahoo e o Ebay, também são consideradas *startups*.

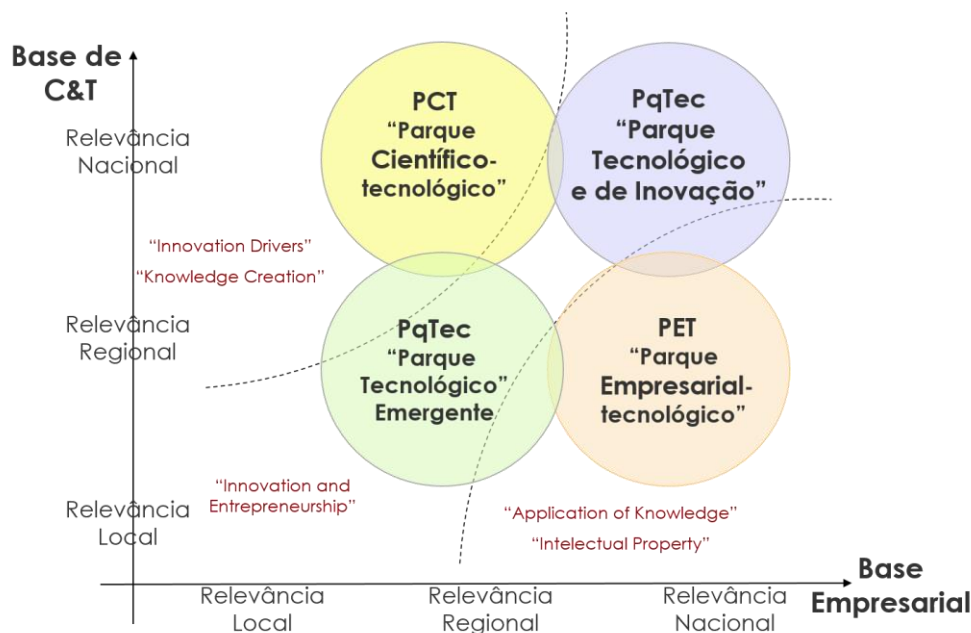
<sup>7</sup> *Venture Capital* ou Capital de risco é a modalidade de investimento que consiste na compra, por um período pré-determinado, de participação acionária em empresas inovadoras de pequeno/médio porte, de capital fechado, em um estágio inicial de desenvolvimento e com alto potencial de crescimento no curto/médio prazo. Este tipo de investimento está altamente correlacionado ao desenvolvimento de novas tecnologias, pois esse ambiente oferece a melhor proporção de retorno e risco, nesse caso alto potencial de retorno e alto risco. Existe um prêmio pela iliquidez de um ativo, a dificuldade em realizar os retornos fazem com que somente oportunidades com alto potencial sejam consideradas, quanto maior a liquidez menor o retorno exigido pelos investidores nesse quesito. Disponível em <<http://www.spventures.com.br/o-que-e-venture-capital/>> Acesso em 12 de janeiro de 2013.

caracterização da estratégia de posicionamento do Parque, de seu entorno e do Parque propriamente dito.

A partir destes eixos seriam feitas a categorização e análise sobre o nível de relevância (nacional/mundial, regional, local), conforme apresentada na Figura 2.3.

No contexto teórico abordado até aqui, tal taxonomia está apoiada em uma lógica excludente que preconiza que a existência de um Parque Científico e Tecnológico está sujeita a um conjunto de condições básicas essenciais, a qual favorece e privilegia territórios de antemão considerados “desenvolvidos”<sup>8</sup>. Desta forma, pode-se apreender que tais mecanismos estariam voltados a poucos, o que também se constituiria como uma contradição, visto que eles poderiam ser poderosos instrumentos de políticas públicas, voltados a indução e dinamização de um território.

Assim, no caso de Parques Tecnológicos, tem-se como um desafio premente a superação de concepções tradicionalmente adotadas de desenvolvimento, de ciência, de tecnologia e de inovação, além do entendimento sobre qual o real papel de um parque no desenvolvimento territorial, de forma sustentável.



**Figura 2.3 – Eixos Básicos da Taxonomia**  
**Fonte: ANPROTEC; ABDI (2008)**

<sup>8</sup> Este item refere-se a territórios que dispõem de processos e fluxos de pesquisa estabelecidos, de grande densidade. No Brasil, geralmente localizados em grandes centros e/ou conglomerados urbanos, o que exclui do processo territórios considerados incipientes neste contexto.

## 2.4.2 Parques Tecnológicos e Turismo

Uma breve análise sobre a atuação de parques tecnológicos no tema turismo demonstra que há pouca tradição de parques tecnológicos que aportem seus esforços ou tenham esta temática em suas agendas. Segundo a ANPROTEC, apenas três são os parques que declaram contemplar o Turismo como tema de atuação e/ou interesse. Apenas o Parque Tecnológico Itaipu Brasil apresenta ações efetivamente em andamento e implementadas, os outros dois estão em fase de projeto.

Mundialmente, em recente consulta realizada à IASP a informação é de que, dentre seus associados, apenas 3 parques atuam na temática, um em Barcelona<sup>9</sup>, na Espanha, outro na cidade de *Qeshm Islande*<sup>10</sup>, Irã e no Brasil é o próprio PTI, em Foz do Iguaçu, Paraná. Apesar de não ser um parque credenciado à IASP, por conta de uma viagem técnica realizada à Espanha em 2011, sabe-se da existência de um

---

<sup>9</sup> A empresa municipal 22 ARROBA BCN, SAU, foi fundada em 2000 pela cidade de Barcelona, a fim de promover e gerir a transformação prevista para o 22@Barcelona, incluindo a criação de mais de 4 milhões de metros quadrados de novas habitações, a reurbanização de 37 km de ruas e obtenção de cerca de 240.000 m<sup>2</sup> de terreno para novas instalações públicas, espaços verdes e habitação pública nas antigas áreas industriais do centro da cidade. Ao mesmo tempo, a missão da empresa municipal é promover a criação e o desenvolvimento de conteúdo estratégico nos novos espaços criados e promover a projeção internacional do novo negócio, a atividade científica, educacional e cultural no território. O tema turismo não está evidenciado de forma direta e explícita nos conteúdos disponíveis no sítio eletrônico. Contudo, há uma grande aderência e evidência nos temas ligados a urbanização e patrimônio cultural, sendo o tema cultura explicitado como de grande interesse e atuação. Disponível em <<http://www.22barcelona.com/>> Acesso em 22 de janeiro de 2014.

<sup>10</sup> A operação da Incubadora em *Qeshm Free Zone Organization* (QFZO) foi sustentada a fim de preparar os fundamentos para converter a ciência em riqueza e também para comercializar os resultados de pesquisa da região. A Incubadora é um complexo submetido a subsidiárias governamentais que prepara boas condições para criar, treinar e desenvolver novas unidades científicas e tecnológicas através do fornecimento de equipamentos e serviços públicos e privados conjuntas, bem como oferecer consultas científicas, administrativas e legais necessárias. Alinhada à expressão "desenvolvimento baseado em conhecimento", declarada no 4º Plano de Desenvolvimento Cultural, Político e Social do IR do Irã, com o objetivo de fornecer base de investigação adequada para criar empresas econômicas produtivas, *Qeshm* Zona Franca avançou para apoiar empresas de pesquisa nas seguintes áreas: Marinha e indústrias conexas; Ecoturismo; Petróleo, Gás e Energia; Ambiental; Industrial (com o foco em indústrias pesadas); Artes e arquitetura. Como único centro internacional do Irã, a incubadora *Qeshm* detém um conjunto de serviços de backup para promover o desenvolvimento de atividades de comércio. Sua ênfase principal é focada na comercialização de resultados com base em pesquisa, marketing internacional dos resultados, bem como a exportação. Este Centro se comunica com universidades, centros de pesquisa, os investidores nacionais e internacionais. Entre as suas características está a formação de rede de incubadoras nas áreas relacionadas. Disponível em <<http://www.qiic.ir/en>> Acesso em 22 de janeiro de 2014

Parque Científico e Tecnológico em Turismo e Lazer – PCT de Turismo y Ocio na região de Villa-seca, Tarragona<sup>11</sup>.

No caso do Parque Tecnológico Itaipu – Brasil, tal desafio se encontra materializado na priorização e densidade de ações, projetos e investimentos realizados pela sua Mantenedora, a Itaipu Binacional, na temática associada ao nexo Água – Energia. O tema Turismo, mesmo com investimentos realizados e com ações existentes, ainda está incipiente e, comparativamente ao que existe, não apresenta a mesma relevância.

Para investigar como se estabelece a produção do conhecimento em um Parque Tecnológico no campo do turismo e quais as externalidades possíveis da produção ali exercidas no campo do empreendedorismo, inovação para o desenvolvimento do turismo sustentável do seu território de influência será descrito o objeto de investigação no segundo capítulo desta dissertação.

---

<sup>11</sup> De coordenação e gestão compartilhadas, trata-se de um organismo de investigação, formação, inovação e desenvolvimento de negócios, numa colaboração entre público e privado em uma das áreas da costa do Mediterrâneo. A Fundação de Turismo de Estudos Costa Daurada, que desde 2001 promove o Observatório do Turismo da Costa Daurada é a instituição que gera e desenvolve programas e atividades de transferência de vários assuntos na área de turismo e lazer. Disponível em: <<http://www.pct-turisme.cat/cast/>> Acesso em 22 de janeiro de 2014.

### **3 CONTEXTUALIZANDO O PARQUE TECNOLÓGICO ITAIPU OBJETO DE ESTUDO**

As categorias sobre desenvolvimento territorial e turismo que foram apresentadas no capítulo anterior serão resgatadas neste capítulo, apontando aqui o tratamento que se quer dar sobre o objeto de conhecimento, foco dessa dissertação: Os desafios dos Ambientes de Inovação para o Desenvolvimento do Turismo Sustentável – Estudo de Caso do Parque Tecnológico Itaipu – Brasil.

O lócus de pesquisa contempla o Parque Tecnológico Itaipu – Brasil, na cidade de Foz do Iguaçu – Paraná. Suas ações com início em 2003 – data da criação do Parque Tecnológico Itaipu até janeiro de 2014 representa o recorte temporal desta pesquisa. As principais dimensões reveladas nas categorias a priori são: totalidade/fragmentação, teoria/prática, criticidade/alienação e subjetividade/objetividade. As demais categorias a posteriori constituídas para o estudo foram Ciência, Tecnologia, Criatividade e Inovação.

#### **3.1 Considerações teórico-metodológicas**

A análise deste estudo teve caráter de ampliação do conhecimento tal como se apresenta o seu significado e o contexto em que ele se insere. Para tanto, o tipo escolhido de pesquisa foi qualitativa, uma vez que esta possui qualidade representativa e descritiva, buscando entender um fenômeno específico em profundidade. Também porque esse tipo de abordagem facilita analisar e descrever a complexidade dos problemas e questões de pesquisa, compreendendo seu objeto de estudo como um fenômeno social. A interpretação dos resultados surgiu da especulação do objeto de estudo na sua totalidade, de forma lógica e consistente.

Assim, caracterizado como um estudo de natureza exploratória e de cunho qualitativo, foi adotada como estratégia metodológica o quadro de referência dialético e a pesquisa ação como método. Em relação aos procedimentos utilizados,

recorreu-se a técnica de análise documental e de conteúdo, bem como de entrevistas individuais sobre o tema proposto para esta pesquisa.

Ao se escolher a pesquisa qualitativa, elegeu-se o estudo de caso como forma de observar os dados e fatos pertinentes ao tema dessa investigação. O estudo de caso examina um acontecimento contemporâneo, com observação direta do acontecimento e por meio dele há a capacidade de se lidar com uma ampla variedade de evidências – documentos, artefatos, entrevistas e observações segundo Yin (2006).

Para Bruyne (1982), o estudo de caso, em sua aplicação à mudança, pode visar retrair as fases de um fenômeno em relação com o que ocorreu na organização durante o período submetido à investigação. Mas pode, igualmente, se basear em muitas variáveis medidas diacronicamente, trazer à luz, por uma análise das séries cronológicas, a sequência da mudança e as relações de causa e efeito entre variáveis intervenientes. Os estudos de caso baseados em uma teoria e referentes a um objeto de conhecimento que dela decorre diretamente tendem a testar a validade empírica de um sistema de hipóteses metodologicamente construídas com vistas à prova experimental. O modo de investigação torna-se um campo de controle empírico para testar o valor das proposições teóricas.

Partindo desse entendimento é que se escolheu a técnica de pesquisa-ação. A pesquisa-ação para Engle (2000, p.182) é um tipo de pesquisa participante engajada. Como o próprio nome já diz, a pesquisa-ação procura unir a pesquisa à ação ou prática, isto é, desenvolver o conhecimento e a compreensão como parte da prática. É, portanto, uma maneira de se fazer pesquisa em situações em que também se é uma pessoa da prática e se deseja melhorar a compreensão desta, que exige entre pesquisadores e pesquisados uma estrutura de relação, fazendo assim com que o pesquisador possa organizar a investigação em torno da concepção, do desenrolar e da avaliação de uma ação planejada. A metodologia da pesquisa-ação busca resolver as questões/problema na prática, de forma ativa e interativa, e com a participação de todos os envolvidos com a pesquisa. Assim, a pesquisa-ação:

[...] encontra um contexto favorável quando os pesquisadores não querem limitar suas investigações aos aspectos acadêmicos e burocráticos da maioria das pesquisas convencionais. Querem pesquisas nas quais as

peças implicadas tenham algo a “dizer” e a “fazer”. Não se trata de simples levantamento de dados ou de relatórios a serem arquivados. Com a pesquisa-ação os pesquisadores pretendem desempenhar um papel ativo na própria realidade dos fatos observados. (THIOLLENT, 2005, p. 18).

Esta metodologia foi escolhida pelo fato de a pesquisadora fazer parte direta da gestão do PTI. O recorte espacial é o Parque Tecnológico Itaipu – Brasil, situado na cidade de Foz do Iguaçu – Paraná. O recorte temporal abrange suas ações com início em 2003 – data da criação do Parque Tecnológico Itaipu até o início de 2014. Tal proposta se coloca como recorte da pesquisa, em forma de um estudo de caso, que dentro da pesquisa qualitativa se caracteriza como modo de investigação, responsável pelo caráter empírico da investigação, possibilitando a apreensão de um fenômeno dentro do seu contexto real. Dessa maneira, conjectura-se apanhar respostas aos problemas e questões de pesquisa, dando ampliação ao conhecimento e informação à sociedade, de um modo geral, e encontrando respostas para inquietações pessoais da pesquisadora.

Assim, se estabeleceu o primeiro desafio a ser superado, o de compreender o efetivo papel de um parque para o desenvolvimento do turismo sustentável na região em que está inserido.

Para as entidades que lidam com ciência, tecnologia e inovação estão evidentes os desafios de gerar ações que impactem no desenvolvimento territorial e que contribuam para a superação dos desafios do próprio poder público neste propósito. Em relação às políticas públicas de turismo no Brasil inexistem qualquer histórico de Parques Tecnológicos envolvidos diretamente com a temática. Soma-se a este problema no campo da inovação, a intencionalidade da Fundação PTI com o tema de Turismo em uma região como Foz do Iguaçu, dada a relevância do Turismo no local. Ações de melhoria e promoção do destino são constantemente propostas e empreendidas, pelos setores público e privado sem tradição de sistematização ou processos similares na geração de conhecimento, ocasionando também a ausência de investimentos internos e externos, alavancadores de inovação.

Por sua vez, o tema inovação “tem se mantido estreitamente ligado a preocupações de ordem econômica, como competitividade e pressões da demanda e investimento.” (ANDRADE, 2005, p.2). Na mesma linha, o autor complementa que

as áreas das ciências sociais não estão inseridas nessa agenda de pesquisa, comparando-se a economia e as ciências organizacionais.

As inquietudes assumidas pela pesquisadora perante este contexto desafiador se intensificaram ao indagar qual seria efetivamente o papel de um ambiente de inovação para o desenvolvimento do turismo regional. Porém evidenciaram-se outras indagações, tal qual a de como manter fluxos de comunicação com a sociedade que permitam identificar reais necessidades, demandas e uma interação fluída, na busca por um desenvolvimento legitimado pela participação, por parte do Parque Tecnológico Itaipu no campo do turismo.

O objetivo dessa interação está no desafio de transpor o conhecimento gerado numa dinâmica intersetorial - lê-se turismo, visando a composição das ações de conhecimento, tecnologia e inovação e como consequência a aplicação de seus resultados se tornar um efetivo valor para a sociedade.

O turismo, enquanto objeto de estudo, carece no cenário nacional e internacional de um tratamento epistemológico próprio. De um modo geral se constitui em um agrupamento de iniciativas, preferencialmente, do setor empresarial e privado quando transposto de modo aplicado a inovação. O saber turístico assim produzido é reduzido às informações e sistemáticas sobre o seu próprio setor produtivo. (MOESCH, 2002, p.13).

Nesse sentido ainda, Moesch (2002, p.16) menciona que a multiplicidade dos tipos de estudos efetuados na área reflete a interdisciplinaridade do seu objeto. Paradoxalmente, há que reconhecer, nos estudos já publicados, o tratamento epistemológico reducionista dado ao objeto turístico, pois boa parte dessas análises são amparadas em modelos econométricos que reduzem a compreensão do objeto sob a ótica de uma atividade econômica. Tanto em uma análise como na outra o enfoque parte de uma premissa determinista. Consequentemente, os estudos são fracionados, desarticulados, unilaterais, com insuficiência metodológica, apresentando ausência, salvo exceções, de um espírito crítico passível de autonomia intelectual, possibilitando a construção de um campo teórico. Inexiste clareza epistemológica para a construção de teorias turísticas que permitam sua transposição em inovação e, conseqüente tecnologia com maior complexidade que tenha seu objeto como reflexão.



No caso de Parques Tecnológicos tem-se ainda o desafio de superar as concepções tradicionalmente adotadas de ciência, tecnologia e inovação e os questionamentos sobre qual o real papel de um parque no desenvolvimento territorial sustentável. Um agravante maior para o Turismo é que tão pouco há tradição de parques tecnológicos que aportem seus esforços ou tenham em suas agendas esta temática. Segundo estudo recente realizado pelo CDT/UnB no Brasil existem atualmente 94 (noventa e quatro) iniciativas de parques conhecidas, sendo que destes 28 estão em fase de operação. E destes, apenas três são os parques que contemplam o Turismo como tema. Apenas o PTI tem ações efetivamente em andamento e implementadas.

Em relação ao PTI, tal desafio se encontra materializado na priorização e densidade de ações, projetos e investimentos realizados pela sua Mantenedora, a Itaipu Binacional, aos temas água e energia. O tema Turismo, mesmo com investimentos realizados e com ações existentes, ainda está incipiente e, comparativamente ao que existe, não possui a mesma relevância.

Considerando esse cenário, tanto do PTI quanto da inexistência de referências/modelos com intencionalidade de investigação científica fortalecidas e consolidadas no turismo, explicitou-se a necessidade de entender a relevância do turismo enquanto tema foco de atuação de um ambiente de inovação e qual o papel que um Parque Tecnológico pode desempenhar no Turismo. Também de como seus conteúdos podem vir a se tornar agenda nos processos produtivos vinculados, interagindo com a sociedade, em especial a partir do estudo do Parque Tecnológico Itaipu Brasil, desde seu surgimento em 2003.

Desta forma, a incipiência de estudos sobre a relação dos processos de inovação em turismo, além do caráter empírico eminente, alimentaram as inquietações que impulsionaram o presente trabalho. Convertidas em questões de pesquisa elas foram sendo construídas no decorrer das atividades cotidianas de trabalho da pesquisadora, que atua profissionalmente como gestora de um programa de Turismo Sustentável no ambiente de um parque científico e tecnológico, detentor de uma missão institucional que tem o desenvolvimento territorial como objeto.

Assim, o caminho metodológico construído orientou a busca de evidências que pudessem compor possíveis respostas à problematização desta investigação, que anseia analisar a relevância do turismo enquanto foco de atuação de ambiente de inovação, em especial no cumprimento da missão da Fundação PTI, que é o desenvolvimento territorial. Para aprofundamento do tema, torna-se imprescindível à verificação de questões de pesquisa norteadoras do processo investigativo que auxiliam o alcance de esclarecimentos pertinentes ao proposto, sendo elas:

1. Qual seria a relação de atuação de um parque tecnológico e do desenvolvimento do turismo?
2. Que tipo de conhecimento (ciência, tecnologia, inovação) um Parque Tecnológico pode gerar para o desenvolvimento do Turismo?
3. Quais as externalidades que o conhecimento gerado em um Parque Tecnológico pode auferir, na área do Turismo, para sua comunidade?
4. Como se concretizam as intenções e escolhas filosóficas e políticas da Fundação PTI em relação ao Turismo e qual a relação destas com a produção do tipo de turismo gerado?

Para responder a tais questões de pesquisa, delimita-se como objetivo geral desvelar os desafios dos ambientes de inovação, ciência e tecnologia no desenvolvimento do Turismo Sustentável, a partir da atuação do Parque Tecnológico Itaipu Brasil - PTI, em Foz do Iguaçu, Paraná.

Como objetivos específicos têm-se:

- a) Desvelar o papel dos ambientes de inovação na sua relação com desenvolvimento do turismo;
- b) Investigar quais os conteúdos gerados a partir de um parque/ambiente de inovação serão aplicáveis ao desenvolvimento do turismo e como se dá este processo;
- c) Entender como os conteúdos de turismo, enquanto um sistema complexo, podem vir a se tornar uma agenda dos objetivos de desenvolvimento territorial do Parque Tecnológico Itaipu - Brasil;

- d) Descrever o protagonismo da Fundação PTI ao incluir o tema turismo como conteúdo de suas práticas de inovação;

A primeira etapa desta pesquisa se estabeleceu com a revisão literária sobre o tema, por meio de conceitos como Desenvolvimento, Turismo, Ambientes de Inovação e Parques Tecnológicos.

A segunda etapa da pesquisa foi composta pela análise de conteúdo em documentos inerentes ao objeto de estudo. Foram selecionados e analisados documentos institucionais da Itaipu Binacional como:

- a) Planejamento Estratégico – Resolução do Conselho de Administração - RCA 026/13 de 20 de setembro de 2013;
- b) Política de Turismo da Itaipu Binacional Margem Esquerda – Determinação do Diretor Geral Brasileiro – DET/GB 0042/10 23 de dezembro de 2010;
- c) Relatórios de Sustentabilidade 2003 a 2012<sup>12</sup>;
- d) Relatório Técnico IPT/DEES nº 74.976-205 – Planejamento Estratégico para o desenvolvimento turístico da usina de Itaipu de fevereiro de 2005;
- e) Documentos pertinentes correlacionados a atuação da Itaipu Binacional.

Destes documentos foram extraídos discursos pertinentes para análise representativa da mantenedora. Posteriormente foram analisados documentos da Fundação PTI como reprodutora dos discursos indicados a seguir:

- a) Revisão do Planejamento Estratégico Fundação PTI 2014;
- b) Contrato nº 4500014789 – Instrumento Particular entre Itaipu Binacional e a Fundação PTI para gestão e operação do CTI;
- c) Relatórios de resultados da Fundação PTI - destes documentos foram analisadas as ações inerentes ao turismo;

---

<sup>12</sup> “Os relatórios de sustentabilidade da Itaipu são documentos públicos e estão disponíveis para os diferentes públicos, entre eles, colaboradores, parceiros e o poder público.” (ITAIPU BINACIONAL, 2014). Disponível em <<http://www.itaipu.gov.br/responsabilidade/relatorios-de-sustentabilidade>>. Acesso em 25 de janeiro de 2014.

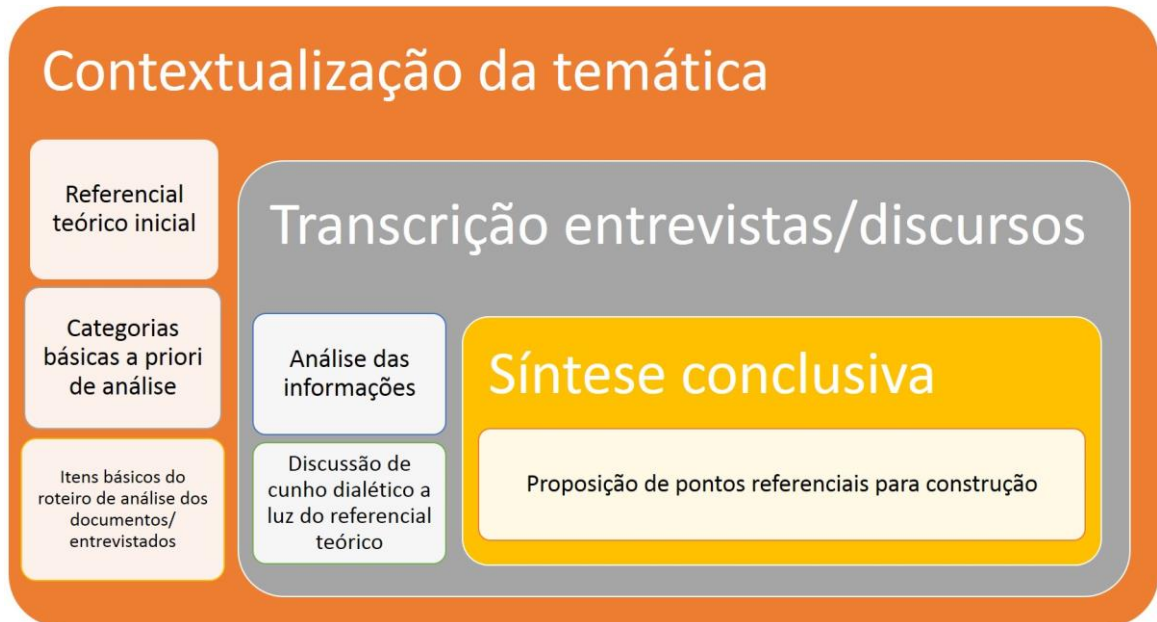
- d) RDC 022/12 - Anexo C do planejamento estratégico, referente à concepção do Turismo para Fundação PTI;
- e) Projeto de Complementação da Infraestrutura do Parque Tecnológico Itaipu na Região Trinacional do Iguassu, submetido ao FOCEM – Fundo para a Convergência Estrutural e o Fortalecimento da Estrutura Institucional do MERCOSUL, no qual consta o Centro de Inovação em Turismo;
- f) Propostas de projetos e outros documentos pertinentes ao tema turismo, gerados desde o Programa Turismo Sustentável e/ou para a Fundação PTI.

As entrevistas semiestruturadas, indagaram aos informantes sobre temas, no campo do Turismo, para o desenvolvimento da ciência, tecnologia e inovação desde o PTI, questionando também sua opinião sobre quais seriam as ações de ciência, tecnologia e inovação para o Turismo desde o PTI. Na mesma entrevista foram questionados seu entendimento, de forma sucinta, sobre: desenvolvimento territorial, turismo, ciência, tecnologia, inovação e parque tecnológico. Tais entrevistas foram realizadas com atores-chave do processo, que ocupam cargos estratégicos na organização como: gerenciais e diretivos, dentro do contexto em que se inserem na Fundação PTI e que influenciam as decisões e rumos da instituição. Tais informantes foram descritos como “ator” e dado um respectivo número para diferenciá-los, visando não personalizar as declarações, sem contudo comprometer os conteúdos e a legitimidade do processo investigativo.

A análise de conteúdo foi selecionada como técnica de investigação para explicitar a partir do estudo de caso, evidências que pudessem embasar os questionamentos postulados para esta investigação. Isso porque esse procedimento técnico busca “o desvendar das ideologias que podem existir nos dispositivos legais [...] que, à simples vista não se apresentam com a devida clareza” (TRIVIÑOS, 1992, p.160). Criando-se assim a possibilidade de se estudar as comunicações entre os atores, dando ênfase ao conteúdo das mensagens, oportunizando a inferência de conhecimentos relativos à mensagem analisada, seu conteúdo, seu contexto e seu sujeito produtor.

A pesquisa se encerra em um movimento reflexivo, sistemático e crítico, propondo estudar aspectos da realidade como fonte de conhecimento, numa

atitude de revisitação contínua e de incremento das próprias impressões, incluindo elementos discursivos implícitos e explícitos dos atores da prática social. A tentativa foi evidenciar os itens básicos do roteiro de análise dos documentos/entrevistas, conforme apresentado na Figura 3.4:



**Figura 3.4 – Roteiro de Análise dos Documentos/Entrevista**

**Fonte: Elaborado pela autora, adaptado de Moesch (Disciplina Seminário dissertação 2012)**

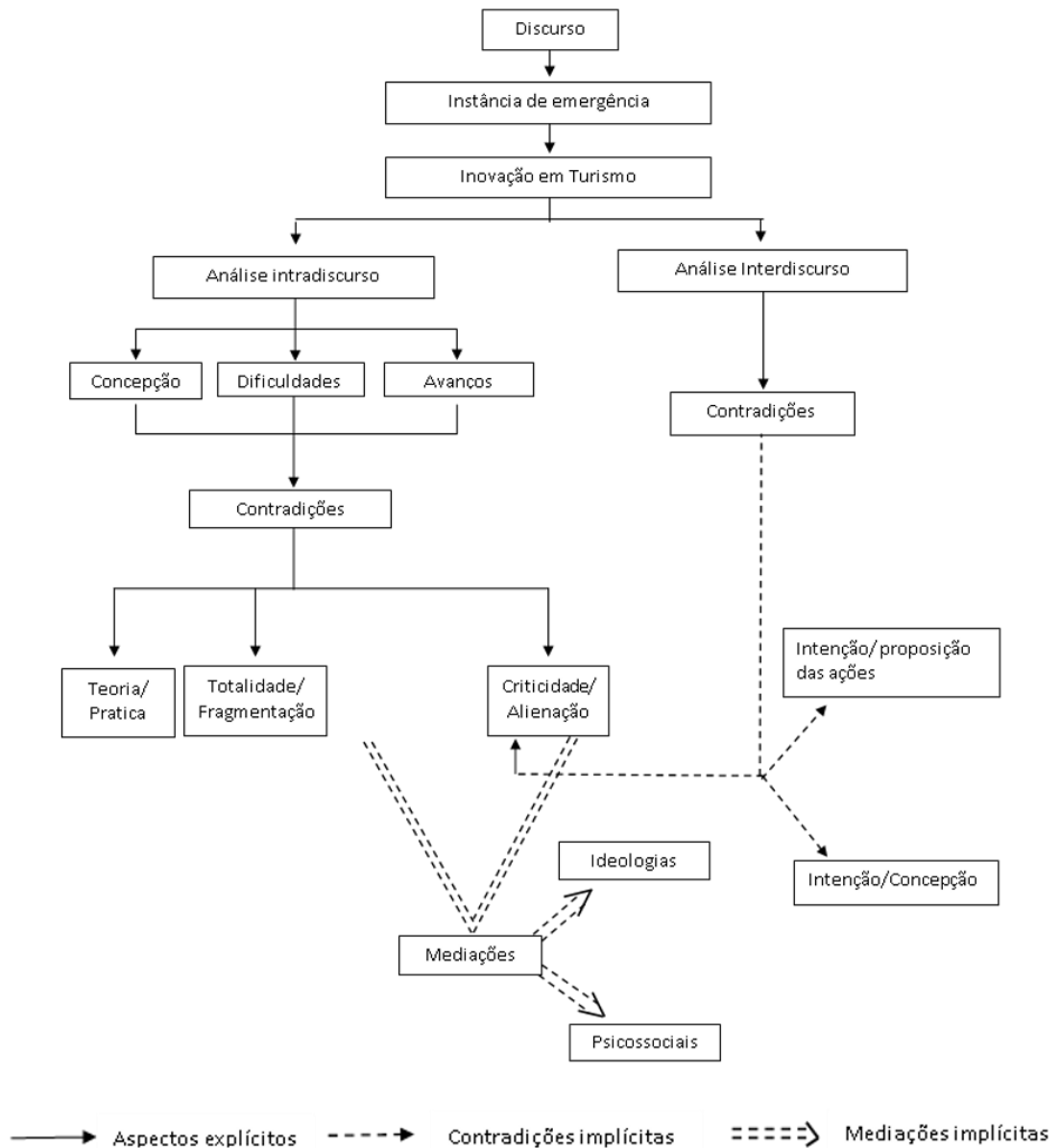
Assim, a interpretação e discussão da análise seguiram os seguintes movimentos:

1. Resgate crítico da produção teórica, buscando identificar perspectivas de análise (inicial); (nesta dissertação denominada como fundamentação teórica).
2. Recorte da totalidade mais ampla explicitada a partir das condições já existentes e de uma prática anterior; (demarcação espacial e temporal do objeto empírico).
3. Coleta das evidências empíricas; (materiais documentais e entrevistas).
4. Dificuldades, avanços, contradições e mediações relativas as concepções de ciência, tecnologia, turismo.

5. Interpretação e discussão do ideário por meio da análise de conteúdo dialético que compreendeu os seguintes movimentos:

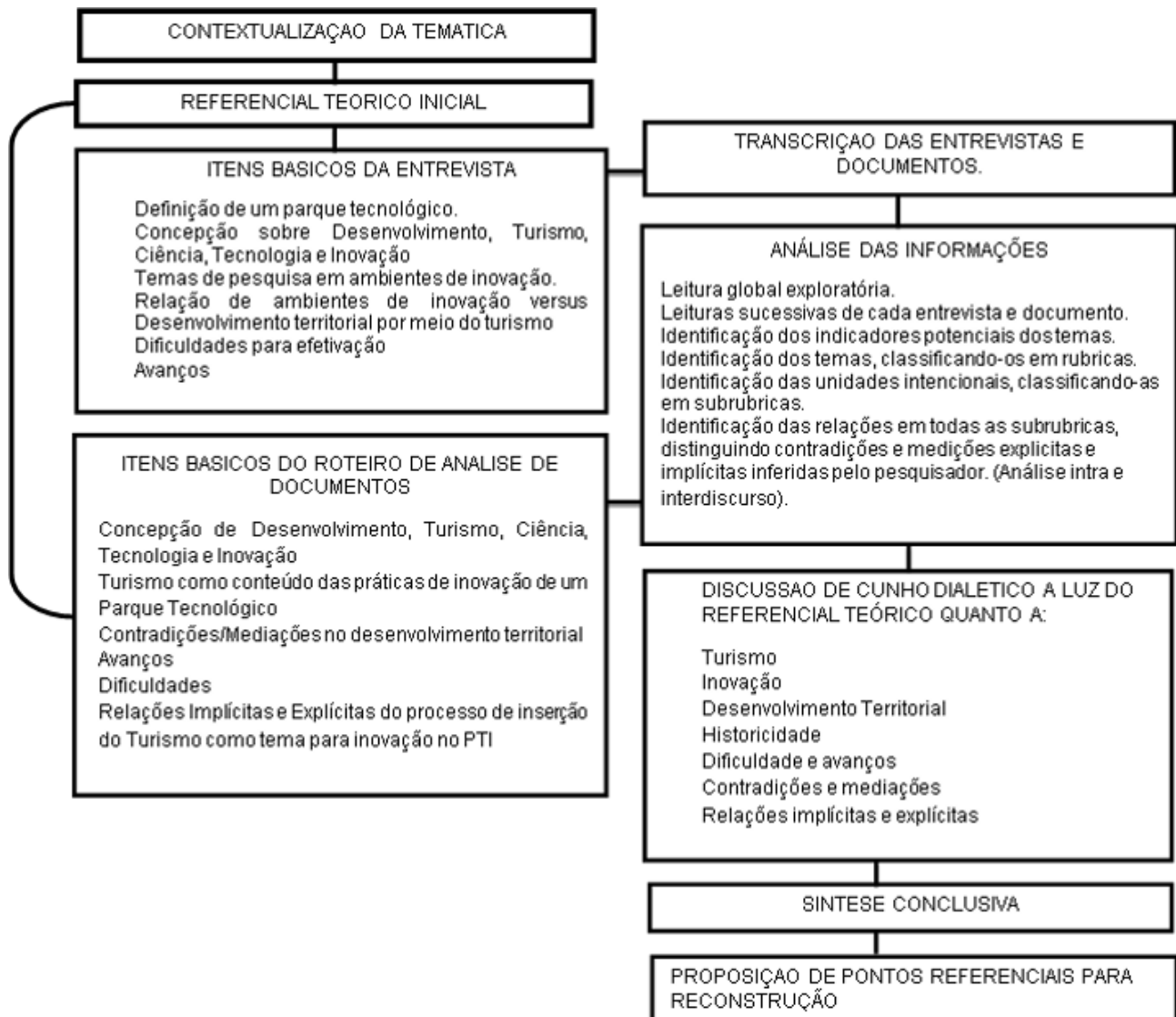
- a) Leitura global e exploratória com o objetivo de apreensão de todo veiculado nas entrevistas e nos documentos;
- b) Leituras sucessivas para apreensão de todo em cada entrevista e documento;
- c) Identificação dos temas, classificando-os em rubricas impregnadas de aspectos estruturais na busca de compreensão e interpretação;
- d) Identificação das unidades intencionais de discurso centradas nas rubricas, classificando-as em cada sub rubrica por meio de análise intradiscurso, compreendendo a estruturação dos discursos dos sujeitos sobre cada rubrica, expondo-se as ideias-chave de forma sintética sem omitir aspectos reveladores, utilizando-se as próprias expressões dos sujeitos (parágrafos ilustrativos das entrevistas e relatos em documentos dos atores participantes);
- e) Identificação das relações implícitas, inferidas (pela pesquisadora) por meio de análise interdiscurso para evidenciar contradições e mediações implícitas. Para esta análise foi realizada nova leitura do conteúdo das entrevistas/documentos com a finalidade de não perder a visão da totalidade.
- f) Síntese da investigação, incluindo explicações sobre a problemática investigada e pontos referenciais para ações concretas relativamente à reconstrução da proposta de ciência, tecnologia e turismo.

Para melhor compreensão do caminho percorrido apresenta-se o organograma mostrado na Figura 3.5, a seguir:



**Figura 3.5 – Fluxo da Emergência dos Achados para a Análise Intradiscurso**  
**Fonte: Elaborado pela autora, adaptado de Moesch, 2014**

Tal fluxo viabilizou a organização de gráficos de interpretação figurando o conteúdo do pensamento dos atores para a identificação e relação dos elementos essenciais às rubricas; concepções, dificuldades e avanços em relação ao Desenvolvimento Territorial, Turismo, Ciência, Tecnologia, Inovação e Parque Tecnológico, bem como das contradições e mediações entre os objetivos de desenvolvimento territorial do PTI, por meio do Turismo, e as práticas realizadas, conforme apresentado na Figura 3.6:



**Figura 3.6 – Movimentos Básicos da Investigação**  
 Fonte: Elaborado pela autora, adaptado de Moesch, 2012

### 3.2 O método Materialismo Histórico Dialético e as Categorias Analíticas para o estudo de caso proposto

O método sugerido para a abordagem interpretativa do tema foi a dialética: materialismo histórico-dialético. Segundo Demo (1995) é a metodologia mais conveniente para compreender a realidade social, e para além das condições objetivas, a realidade social é movida igualmente por condições subjetivas. Pois, o objetivo do pesquisador, indo além da aparência fenomênica, imediata e empírica – por onde necessariamente se inicia o conhecimento, sendo essa aparência um nível



da realidade e, portanto, algo importante e não descartável -, é apreender a essência (ou seja: a estrutura e a dinâmica do objeto).

Para Marx, o método de pesquisa que propicia o conhecimento teórico, partindo da aparência visa alcançar a essência do objeto (MARX apud NETTO, p. 22). Todo objeto de pesquisa tem uma existência objetiva para além da consciência do pesquisador. O que Marx define como um sistema de relações construído pelos homens (MARX, 2009).

Significa que todo o esforço na relação sujeito/objeto na busca da objetividade do conhecimento recai na qualidade do método escolhido, exigindo uma instância de verificação da verdade sobre este objeto ao qual substancia-se na prática social e histórica. O que exigiu do pesquisador um denso conhecimento teórico a que definimos neste projeto como teoria do objeto.

Na concepção marxiana de teoria: a teoria é a reprodução no plano do pensamento, do movimento real do objeto, mas não como reflexo mecânico. Pois se fosse como um espelho refletindo a imagem da realidade, o papel do sujeito pesquisador seria nulo. Para Marx, ao contrário, o papel do sujeito é essencialmente interativo, pois este apreende não a aparência ou a forma dada do objeto, mas busca sua essência, sua estrutura, suas relações e dinâmica. Sendo assim, seu papel fundamental no processo de pesquisa.

As categorias de análise existem, objetivamente, para prover forma e caráter ao trabalho apresentado. O estudo de caso pelo qual se optou, baseia-se nas categorias para a reconstrução da sua realidade diante dos objetivos e problemas da investigação.

A dialética histórico-materialista equilibra a contento o jogo das condições objetivas e subjetivas da realidade histórica, onde o ponto próprio da dialética é o horizonte da historicidade, por isso o autor classifica que só é tratável dialeticamente, o fenômeno tipicamente histórico.

Na dialética histórico-materialista combinam-se história e estrutura, mas, segundo Demo (2000, p.105), aposta mais nas transformações históricas do que nas estruturais, ainda que os termos possam ser ambíguos. Por vezes, são chamadas de mudanças estruturais aquelas que são profundas, que vão até as raízes do

fenômeno, mas, mesmo assim, trata-se do âmbito histórico, sendo impossibilitado de ser concebido sem sujeito.

[...] não podemos imaginar sujeito totalmente consciente, racional, clarividente, porque em grande parte faz história de modo inconsciente, levado por razões que a razão desconhece, realizando o contrário do que planejara fazer, acertando sem querer e, por vezes, conquistando também o que bem queria que ocorresse. Sendo aberta, não concebe fim da história. Nisso, ao mesmo tempo em que preserva sua dinâmica, também a formaliza relativamente, porque tudo passa, mas a dialética como método, não. Para ser consentânea com realidade extremamente dinâmica, precisa dinamizar-se, flexibilizar-se, mas, no fundo, é rede formal para captar a realidade. (DEMO, 2000, p.106).

A dialética histórico-materialista se propõe precisamente esta visão: considera a história movida por formas – necessárias, independentes da vontade humana –, mas formas que fundam as transformações, o que permite dizer que o histórico é estrutural. O histórico como produção imorredoura de conteúdos novos, dentro de formas invariantes.

Ela capta as dissonâncias no esforço de compreender uma realidade complexa, tentando formalizar, de maneira mais flexível, na expectativa de que o ordenamento menos rígido é mais justo com a realidade, ainda que seja bem mais difícil conviver com a incerteza. A dialética sabe também que a mente humana, em sua emoção e racionalidade, complexíssima por natureza, não consegue dar conta de toda realidade, porque também sequer consegue dar conta de si mesma. Por isso, a dialética histórico-materialista aposta na questionabilidade, inclusive como corretivo permanente de seus desacertos nas aproximações sucessivas. Acredita menos em dicotomias estanques do que na convivência de contrários, tanto na realidade quanto na mente humana.

### **3.3 Categorias Essenciais do Materialismo Histórico Dialético**

Segundo Triviños (1992, p.54), as categorias existem objetivamente, isto é, não são expressões subjetivas nem apriorísticas da consciência humana. Elas se

formaram no processo de desenvolvimento histórico do conhecimento e da prática social, características do devenir da humanidade.

Elas são formas de conscientização nos conceitos dos modos universais da relação do homem com o mundo, que refletem as propriedades e leis mais gerais e essenciais da natureza, a sociedade e o pensamento. (TRIVIÑOS, 1992, p.55).

A opção por uma metodologia qualitativa dialética para esta pesquisa significa esforço para apreensão do singular em seus limites/ possibilidades e contradições/mediações articulados à totalidade mais ampla, tornando produtiva a associação de ideias antagônicas que são, também, complementares.

O estudo utilizou-se de categorias analíticas a priori da dialética para melhor objetivar a escolha das interpretações da pesquisadora.

Para Kant (apud CHEPTULIN, 1982, p.10) “as categorias são formas da atividade do pensamento próprias da consciência social anterior a qualquer experiência de conhecimento, anterior a toda ação cognitiva, a priori. É apenas assimilando-as que um indivíduo pode pensar de acordo com sua época e assim conhecer a realidade que o rodeia.”.

Para Hegel (apud CHEPTULIN, 1982, p.11) “as categorias apareciam não no decorrer do processo do reflexo da realidade na consciência dos homens, mas em decorrência do desenvolvimento da ideia, que existe anterior e independentemente da existência do mundo material, das coisas sensíveis.”.

As categorias não possuem um número definido. Aparecem novas categorias em razão das atividades que desenvolve o homem atuando sobre a natureza e a sociedade, em seu afã de conhecer e transformá-las. “O conteúdo mesmo das categorias muda e se enriquece com os progressos do conhecimento”. (TRIVIÑOS, 1992, p.55). As categorias refletem as leis universais do ser, as ligações e os aspectos universais da realidade objetiva, constituindo um tipo de conceito.

Para o materialismo histórico o ponto de partida para o desenvolvimento do conhecimento é a prática e a tese sobre as categorias, constituindo-se o princípio de identidade da dialética, da lógica e da teoria do conhecimento. “Assim, as categorias de partida, na análise das categorias, devem ser aquelas que refletem o fator

fundamental e determinante do desenvolvimento do conhecimento, isto é, as categorias da prática.” (CHEPTULIN, 1982, p. 60).

Considerando que categorias são graus do desenvolvimento do conhecimento possíveis de um determinado momento da história do pensamento humano, ali refletidos e fixados.

A categoria essencial do materialismo histórico, segundo Triviños (1992) é a contradição que se apresenta na realidade objetiva e estabelece uma interação entre aspectos opostos, distingue os tipos de contradições (interiores e exteriores, essenciais e não-essenciais, fundamentais e não-fundamentais, principais e acessórias). Determina o papel e a importância que ela tem na formação material e ressalta que é a origem do movimento e do desenvolvimento.

Há uma diferença entre autores que exemplifiquem essa categoria, por equívocos de linguagem, como Demo (2000, p. 109) explica: “o termo correto é contrário, não contraditório, embora na linguagem comum usemos o termo contraditório com sentido de contrário”. O conceito de contradição não seria dinâmico, porque se aplica a uma exclusão estanque. Mas ambos a conceituam de formas similares.

Segundo Demo (2000, p. 108) a categoria unidade de contrários significa o reconhecimento de realidade intrinsecamente dinâmica, porque atravessada por forças polarizadas de componentes que, ao mesmo tempo formam e instabilizam o todo. Trata-se de modo de inclusão, maneira de fazer parte, mas sempre de teor polarizado.

Essa categoria funda, ademais, o reconhecimento de que as mudanças provêm de dentro das coisas. O ser humano não torna a realidade dialética, porque esta já o é, inclusive o próprio ser humano. Toda formação da natureza e mais visivelmente as sociais são suficientemente contrárias para que gerem mudanças mais radicais. Seria contraditório dizer que a realidade é e não é ao mesmo tempo, mas é dialético afirmar que é e não é contrariamente, referindo-nos a suas incompletudes, complexidades e ambivalências.

Para Demo (1995, p.97) as totalidades históricas se mantêm processo e por isso se transformam, porque contêm dinâmica interna essencial, baseada na

polarização. As realidades sociais não são apenas complexas; são sobretudo complexidades polarizadas. São campo magnetizado, onde qualquer presença provoca ação e reação, e mesmo a ausência é maneira de polarizar.

Termos contrários são especificamente dialéticos, porque constituem os componentes essenciais das totalidades históricas. Formam um todo dinâmico de “repulsa e necessitação”. O autor exemplifica que subdesenvolvimento é o contrário de desenvolvimento: no que se afastam, porque exploração de um sobre outro, necessitam-se, porque um não se faz sem o outro.

Ele também argumenta que a formação social é a realidade que se forma processualmente na história, indigitável como fase, que de um lado apresenta nível de organização social, como por exemplo, a fase feudal, capitalista, colonial, industrial; e de outro lado apresenta o aspecto formativo histórico, sempre dinâmico, na unidade dos contrários, ou seja, gesta dentro de si as condições de aparecimento da nova fase.

Então, Demo (1995) expõe que formação histórica está sempre em transição, o que supõe visão intrinsecamente dinâmica da realidade social, no sentido da produtividade histórica. O que acontece na história é historicamente condicionado, e por isso não se produz o totalmente novo que não tivesse condicionamento histórico. A história produz transformações radicais, de extrema profundidade.

Não se produz fase final, definitiva, que já não tivesse razão histórica de superação. Dialéticas que forçam um “porto seguro” traem concepção conjuntural de conflito social, tomando-o como manifestação histórica passageira, o que redundava geralmente na montagem de impunidade para determinadas fases, definidas contraditoriamente como não antagônicas. Se a dinâmica provém do antagonismo, cassá-lo da história significa inventar uma história aposentada, que não passa de proteção suspeita de regimes e privilégios (DEMO, 1995, p.90).

A dialética possui maneira interessante de retratar a totalidade do real, que não se capta, segundo Demo (1995, p.93), bem repartido em pedaços, como quer a análise positivista.

A realidade concreta, segundo o autor, é sempre uma totalidade dinâmica de múltiplos condicionamentos, onde a polarização dentro do todo lhe é constitutiva. Por isso, indivíduo em si não é realidade social, porque é gerado em sociedade, educado em sociedade, socializado em sociedade. Isolar é artifício ou patologia. É possível, por artifício metodológico, isolar um componente, para vê-lo em si, desde que não se perca a perspectiva de que o todo é maior do que a soma das partes.

A dialética, por entender que a realidade é complexa e ambivalente, não estabelece, como regra, categorias dicotômicas, mas preferentemente complementares, como: teoria e prática, objetivo e subjetivo, qualidade e quantidade, linear e não linear. (DEMO, 2000, p.111)

Neste sentido, as principais dimensões reveladas nas categorias a priori que deram sustentação teórica à análise de dados e ao estabelecimento de critérios de aprofundamento do estudo de caso foram: totalidade/fragmentação, teoria/prática, criticidade/alienação.

**Totalidade/Fragmentação:** a totalidade, para Demo (2000, p. 108), não é totalmente lisa, com partes tranquilamente justapostas, estática, mas incompleta, aproximada, imprecisa; forma um todo porque existe dinâmica comum, mas mostra rachaduras constantes, por onde sempre pode entrar a anti-dinâmica da mudança. Assim, para o autor, a totalidade não possui apenas a dinâmica circular, que é sempre a mesma e lhe permitiria recuperar-se eternamente. Ao contrário, a dinâmica é feita de dinâmicas contrárias, feitas de convergências e divergências. Sobrepondo-se as convergências, a totalidade continua; do contrário, se tem outra totalidade. Toda totalidade é dinâmica e seu movimento resulta do caráter contraditório das diferentes totalidades que a compõe de forma inclusiva e macroscópica. Sem as contradições, as totalidades seriam inertes e não teríamos transformações. Cabe à pesquisa desvelar os processos dinamizadores destas transformações, os quais geram novas totalidades diferenciadas – “a unidade do diverso” (LUKÁCS apud NETTO, p. 58, 2011).

**Teoria/Prática:** Demo (1995, p.100) coloca que prática é condição de historicidade, e teoria é maneira de ver, não de ser. Para transformar a história, a prática é condição fundamental, pelo menos tão importante quanto a crítica teórica. Uma das marcas mais centrais da dialética é a de reconhecer a essencialidade da

prática histórica ao lado da teoria, não aceitando a disjunção entre estudar problemas sociais e enfrentar problemas sociais. Uma das características fundamentais da prática, segundo o autor, é de ser sempre uma opção da teoria que está por trás. Possui traço concreto, ao contrário da teoria, que é generalizante. Assim, teoria necessita de prática e vice-versa, embora cada termo tenha sua lógica; teoria tem pretensões universalizantes, enquanto prática é localizada; esta, ao mesmo tempo em que diminui a teoria, tem a possibilidade de realizá-la. Toda prática carece em retornar para a teoria, onde descobre que sua prática é sempre incompleta. A pretensão de completude da teoria é apenas pretensão, mas como utopia negativa exerce o papel de crítica permanente às histórias concretas, pois elas nunca encerram a riqueza disponibilizada na teoria.

Triviños (1992, p.63) também esclarece a relação da teoria e prática, como segue:

A teoria e a prática são categorias filosóficas que designam os aspectos espiritual e material da atividade objetiva sócio histórica dos homens: conhecimento e transformação da natureza e da sociedade. A teoria é resultado da produção espiritual social que forma os fins da atividade e determina os meios de sua consecução e que existe como noções em desenvolvimento sobre os objetos da atividade humana. Diferente dos pontos de vista empírico e positivista, a filosofia marxista não enfoca a prática como experiência sensorial subjetiva do indivíduo, como experimento do científico etc., mas como atividade e, antes de tudo, como processo objetivo de produção material, que constitui a base da vida humana, e também como atividade transformadora revolucionária das classes e como outras formas de atividade social prática que conduzem à mudança do mundo.

**Criticidade/Alienação:** Alienação antes de tudo é uma forma de relação entre os sujeitos e, ao mesmo tempo, entre os sujeitos e determinados objetos ou coisas que lhes são exteriores. Essa forma de relação não é natural. Ela surge em um determinado momento, no processo do desenvolvimento histórico das sociedades humanas. Embora esse desenvolvimento seja criação e exteriorização dele próprio, o sujeito é aprofundamente afetado pelo processo: aliena-se. O termo, originalmente da Psiquiatria designava uma forma de perturbação mental, como a esquizofrenia, uma perda de consciência ou de identidade pessoal. Para Hegel, segundo Marx, o ser humano, o sujeito, é igual à consciência de si "Toda a alienação do ser humano não é, por conseguinte, senão a alienação da consciência de si".

Em seus famosos Manuscritos da Juventude, Marx dá um caráter e um conteúdo econômico-social a alienação. Pois o sujeito perde não apenas a identidade de si mesmo, a consciência de si, mas passa a pertencer ao objeto, à coisa, ao outro. É ainda uma doença do eu, no sentido psiquiátrico, mas com raízes econômico-sociais: uma forma de esquizofrenia, no sentido de que essa alienação não impede o prosseguimento das relações que se estabelecem entre os sujeitos e as coisas, ocultando uma alienação real.

Assim a alienação, do ponto de vista econômico-social, é a perda da consciência de si, em virtude de uma situação concreta. O sujeito perde sua consciência pessoal, sua identidade e personalidade, o que vale dizer, sua vontade é esmagada pela consciência do outro, ou pela consciência social - a consciência do grupo. É uma forma de para-consciência, ou seja, uma consciência particular incompleta, pela qual o sujeito perde parcial ou totalmente sua capacidade de decisão. É ainda sua integração absoluta no grupo: ele se massifica, passa a pertencer à massa e não a si mesmo.

Diz-se ainda que o sujeito está alienado quando deixa de ser seu próprio objeto e passa a se tornar objeto de outro. Deixa de ser algo para si mesmo. Sua vontade é assim a vontade de outro: ele é coisificado deixa de ser sujeito, criatura consciente e capaz de tomar decisões, para se tornar coisa, objeto.

Não podemos imaginar o sujeito totalmente consciente, racional e clarividente, até porque em grande parte ele faz história de modo inconsciente, levado por razões que a razão desconhece, realizando o contrário do que planeja fazer, acertando sem querer, em por vezes, conquistando também o que bem queria que ocorresse (DEMO, 2000). A criticidade significa a tomada de consciência por parte do sujeito acerca de sua força transformadora que passa a reivindicar com maior firmeza as coisas que lhe convém, ou seja, passam a reconhecer a existência de uma alternativa e que a organização da produção pode ser diferente. Por alienação, compreende-se a dificuldade humana em pensar os seus próprios problemas e para encará-los de um ângulo mais amplamente universal, deixando-se influenciar pelo ponto de vista dos exploradores do trabalho, na medida em que o produto do trabalho, antes mesmo de o trabalho se realizar, pertence à outra pessoa que não o trabalhador, por isso, ao invés de realizar-se no seu trabalho, o ser



humano se aliena nele; em lugar de reconhecer-se em suas criações, o ser humano se sente ameaçados por elas; e, em lugar de libertar-se, acaba enrolado em novas opressões.

A coerência da crítica está na autocrítica, pois não é possível, por lógica e por justiça, criticar sem apresentar-se como criticável. Depois, a crítica se completa na contraproposta, de cunho prático também. “Não é sustentável a mera crítica, destrutiva, virulenta, sem compromisso com alguma construção concreta, que, por sinal, será também criticável” (DEMO, 1995, p.127).

### **3.4 Quadro teórico e superação nos fundamentos adotados da delimitação das Categorias a Posteriori**

Visando tornar a análise desta investigação mais objetiva e reduzir o seu caráter subjetivo, foram determinadas categorias a posteriori como limitadores para apoiar na separação dos distintos temas abordados. Os temas identificados e analisados foram: Desenvolvimento Territorial; Turismo, Ciência, Tecnologia e Inovação.

A categoria Desenvolvimento Territorial foi construída com a contribuição de Albuquerque, Arocena, Boisier, Paiva, Sachs, Sem. Para a construção da categoria Turismo, respaldou-se em Beni, Molina, Moesch, Krippendorf, Swarbrooke; Ciência: Morin, Demo, Paviani, Moesch. Tecnologia e Inovação: Andrade, Rosenberg, Dagnino.

Propor um novo significado a tais categorias, e investigar novas faces desse fenômeno requer uma concepção interdisciplinar de conhecimento. Para tanto esse estudo foi desenvolvido numa perspectiva dialética de autores, revendo a pertinência das categorias propostas, do método e das teorias.

#### **3.4.1 Turismo**

Dentre as inúmeras abordagens e correntes teóricas, abordadas no capítulo I, foi possível identificar que não há uma única abordagem que seja suficientemente

abrangente que corresponda ao um consenso do que se compreende por turismo. Porém, para que se possa realizar uma ação efetiva no Turismo torna-se é imprescindível adotar uma visão holística e sistêmica. Isso se justifica quando Moesch, (2008, p. 18) aborda que a não compreensão de sua multi-setorialidade pode isolar as atividades a ele associadas pertencentes a outros setores produtivos e sociais, ocasionando uma descrença ao seu desenvolvimento. Por ser um sistema orgânico e complexo, de conteúdo interdisciplinar, é um processo humano que ultrapassa o entendimento enquanto função de um sistema econômico. Neste sentido, ainda segundo Moesch, apreende-se que o turismo está para além das suas atividades econômicas. Numa ampliação e contraponto aos conceitos convencionais reducionistas, turismo é:

[...] uma combinação complexa de inter-relacionamentos entre produção e serviços, em cuja composição integram-se uma prática social com base cultural, com herança histórica, a um meio ambiente diverso, cartografia natural, relações sociais de hospitalidade, troca de informações interculturais. O somatório de toda esta dinâmica sociocultural gera um fenômeno, recheado de objetividade/subjetividade, consumido por milhões de pessoas, como síntese: a experiência turística (MOESCH, 2000, p.9).

Portanto, turismo pode ser compreendido na concepção da Fundação PTI<sup>13</sup>:

Turismo é um fenômeno humano de deslocamento e encontro, organizado por um sistema complexo de relações sociais, atividades econômicas, manifestações culturais e ações políticas, em ambientes que envolvem experiência entre visitantes e visitados. Proporciona trocas, vivências e conhecimentos, agregando valores culturais e históricos à região, bem como disseminando a hospitalidade. (Fundação PTI, 2012).

### **3.4.2 Desenvolvimento Territorial**

Com o suporte teórico de desenvolvimento tratados no capítulo I, notório identificar que não há um consenso único sobre eles. Porém, pode-se evidenciar que o movimento endógeno prioriza a autonomia e protagonismo dos agentes locais

---

<sup>13</sup> Conforme RDC 022/2012 (Resolução do Conselho Diretor da Fundação PTI)

no processo de desenvolvimento. Ele sempre ocorre em um território que perpassa a acepção geográfica, nas palavras de Milton Santos:

O território deve ser entendido como território usado, não o território em si. O território usado é o chão mais a identidade. A identidade é o sentimento de pertencer àquilo que nos pertence. O território é o fundamento do trabalho; lugar da residência, das trocas materiais e espirituais e do exercício da vida (2007, p.14).

Para Albuquerque (2013), o território está para além do espaço geográfico no qual estão alocadas as atividades. Para ele, o território é o conjunto de atores e agentes que o habitam, com sua organização social e política, sua cultura e instituições, assim como o meio físico e o meio ambiente de que formam parte dele. O território se configura como de um sujeito (ou “ator”) fundamental do desenvolvimento, ao incorporar as distintas dimensões deste, ou seja, o desenvolvimento social e humano, o desenvolvimento econômico, o desenvolvimento institucional, e o desenvolvimento ambientalmente sustentável. Assim, desenvolvimento territorial pode ser compreendido como o desenvolvimento multidimensional, que se realiza a partir da mobilização inicial e preferencial (ainda que não necessariamente exclusiva) de recursos disponíveis no território e que é objeto de controle e planejamento por parte de agentes domiciliados no mesmo.

### **3.4.3 Ciência**

“A ciência é uma instituição, ao mesmo tempo, lógico-ontológica e ético-histórica e política. O conhecimento científico, com suas características racionais específicas, é igualmente um produto cultural.” (PAVIANI, 2009, p.15). Diemer (1971 apud PAVIANI, 2009 p. 15) propõe de examinar a ciência sob três prismas: a) lógico, isto é, como conjunto de enunciados denotativos a respeito de um determinado domínio; b) o antropológico, isto é, como instituição que envolve pessoas, recursos físicos e financeiros, políticas e realidades sociais; e c) o histórico, isto é, como desenvolvimento histórico do conhecimento relativamente ao processo interno de investigação imbricado com os elementos externos.

Assim, segundo o autor, se evitaria a possibilidade perigosa de cair numa “concepção determinista de ciência, como se ela fosse uma entidade predeterminada, uma substância, e não aquilo que os cientistas fazem e as comunidades de cientistas aprovam como sendo científico” (PAVIANI, 2009, p.16). O mesmo autor complementa: “As concepções tradicionais consideram a ciência como um conjunto de resultados. Hoje, ela é vista como um processo.” (Ibidem, p.16).

Acrescenta-se a visão de Demo (1987, p.29) na qual ciência é um processo, que traduz a realidade sempre volúvel, mutável, contraditória, nunca acabada, em vir a ser. Em ciência sempre se está começando de novo, e seu conceito depende está relacionado à concepção de realidade que se tem:

É preciso igualmente conceder que o conceito de ciência depende da nossa concepção de realidade. [...] fazer ciência social é em parte aprender a compreender outras visões e admitir a própria como preferencial, não porque tenha defeitos, mas porque imaginamos menos defeituosa.” (DEMO, 1987, pp.29-30)

Para Morin<sup>14</sup> (2002), a ciência é uma aventura e vai para além da experiência e da verificação. Ela necessita da atividade crítica e também contemplar a diversidade de opiniões. Não quer dizer que ela seja desregrada, ao contrário. Ela necessita de regra, mas certas teorias podem ser abandonadas quando se percebe que não são suficientes. A ciência é uma realidade complexa e não é fácil definir suas fronteiras. Em geral é alimentada pela preocupação de experimentar, de verificar todas as teorias que ela expressa. Mesmo que a teoria não possa ser definida de imediato, é preciso pelo menos ver a possibilidade de defini-la no futuro. Mas não há só a verificação é preciso criar a teoria; é preciso aplicar as construções expressas sobre a realidade e ver se a realidade as aceita. A ciência do passado pensou ter encontrado uma verdade simples, uma verdade determinista, uma verdade que reduz o Universo a algumas fórmulas. Sabe-se porém que o desafio do mundo e da realidade é a complexidade.

---

<sup>14</sup> Entrevista de Edgar Morin, concedida ao Programa Salto Para o Futuro - TVE Brasil - dezembro de 2002

Em sua obra ciência com consciência, Morin (2011, p.15) destaca os reflexos positivos e negativos do conhecimento científico para caracterizar a oposição entre uma ciência elucidativa, enriquecedora e uma ciência especializada, carente de valores humanos e fragmentada. Desse modo, o autor “sugere uma dupla tarefa cega” (ibidem, p.20): a necessidade da ciência natural se conceber como realidade social e a ciência antropossocial conceber seus aspectos biofísicos. Discorre ainda, sobre a forma como o pensamento científico reflete o real.

Morin aponta a crise dos princípios de explicação clássicos para a compreensão de tal “revolução” (separação e redução) que compõem o pensamento simplificador: exclusão da aleatoriedade, não-reconhecimento da organização, contradição compreendida como erro, eliminação do observador. Por fim, Morin defende a ideia de “complexidade” do pensamento científico, como capacidade de compreensão da problemática organizacional (partes e todo do conhecimento) capaz de fazer dialogar as especificidades dos fenômenos físicos, biológicos e humanos. Para tanto, o autor elabora três propostas para a investigação a partir dos seguintes elementos: diminuição da tecnoburocracia institucional, capacidade de auto interrogação dos cientistas e estímulos para o processo.

Para Moesch (2004, p.348) “a ciência não é uma leitura da experiência a partir do concreto”. Funda-se, essencialmente, em gerar, com a auxílio de abstrações e de conceitos, o objeto a ser averiguado. Ela edifica o seu objeto próprio pela demolição dos objetos da percepção comum. “Seu aperfeiçoamento não se dá por acumulações, ou seja, “novas verdades que vem a justapor-se ou sobrepor-se” às já instituídas.

O saber de Turismo não é linear. Não há evolução, mas ‘revolução’, progredindo por reformulações, por refusões em seu corpo teórico, por retificações de seus princípios básicos. É assim que ela marcha em direção a um saber sempre mais objetivável, jamais inteiramente objetivo. (MOESCH, 2004, p.348)

Moesch (2004, p.460) entende o Turismo como um sistema aberto que não pode ser estudado como uma entidade drasticamente isolada. Daí seu conteúdo interdisciplinar. “Teórica e empiricamente o conceito de sistema aberto abre a porta a uma teoria da evolução, que não pode derivar mais que de interações entre sistema

e ecossistema e que, em seus laços mais notáveis, pode ser concebido como um transbordo do sistema em um metassistema.”

Analisar as diversas interpretações deste fenômeno no transcorrer do tempo, permite a formulação de problemas que visam desvelar a *episteme* subjacente, reflexionando sobre a produção do saber turístico existente, apontando seus limites históricos no que tange a compreensão de seu objeto de conhecimento. Construir um novo campo teórico para o Turismo requer um método que avance na concepção do que seria conhecimento, ciência e teoria. O tratamento disciplinar que vem sendo dado ao estudo do Turismo – e daí a dificuldade em sua superação – faz parte do contexto da produção do conhecimento científico moderno. Mas o conhecimento pertinente é aquele capaz de situar qualquer informação em seu contexto e, se possível, no conjunto em que estiver inscrita, contextualizando-o e englobando-o. Criar uma ciência do Turismo significa buscar dar conta da complexa multiplicidade do que é humano.

Ao trabalhar a questão epistemológica interdisciplinar, seria possível abrir mais opções de foco, o que defendo por representar a postura ideológica da pesquisadora em relação ao projeto de investigação.

O estudo do Turismo como ciência requer uma discussão sistemática de tudo que existe, “do fazer-saber turístico, e do que se quer fazer. O saber turístico é e será objeto de desconstrução.” Esta conjectura aponta uma eficácia, tipicamente metodológica, do conhecimento dialético perante a análise da realidade turística. A construção de uma teoria que supra as práticas turísticas, deve ser um alcance interdisciplinar, em que cada momento é, simultaneamente, produzido e produtor, numa recursão organizacional, em que a parte está no todo, e o todo está na parte.

Se o conhecimento moderno tornou-se um produto do mercado neoliberal, porquanto o lucro depende, cada vez mais, de produção e do uso intensivo das informações e saberes. A intervenção inovadora do fazer-saber turístico parece ser propulsora de consumos, inexistindo uma consciência crítica em sua produção e distribuição. O questionamento metodológico, a ser utilizado na desconstrução do fazer-saber, é o instrumento mais adequado para intervir na realidade turística, numa perspectiva de questionabilidade contínua. (MOESCH, 2004).

#### 3.4.4 Tecnologia

Tecnologia, segundo Corrêa (1997 apud FARIA, 2010, p.1), imputa-se a “um conjunto de informações e conhecimentos sistematicamente organizados e obtidos por meio de métodos diferenciados, sendo provenientes de diferentes fontes de descobertas científicas, para serem utilizadas na produção de bens e serviços.” Segundo o autor “uma vez aplicado ao capital”, imprime “determinado ritmo a sua valorização” (*ibidem*).

Com tais características, contextualizada no capitalismo, a tecnologia não pode ser concebida se não “permeada nestas relações sociais e no seu desenvolvimento histórico, passando pelo resgate de seu período de origem que se deu na sua forma moderna”. Em uma abordagem radical, o autor assinala que projeto técnico e contexto social tendem a se fundir (LATOUR, 1994 apud ANDRADE, 2005, p.92). Por exemplo, para a produção de um novo modelo de automóvel, é fundamental não somente desenvolver o protótipo e adquirir as peças e equipamentos, mas também atender à legislação de transportes, adquirir licenciamento junto aos órgãos competentes, seduzir potenciais consumidores etc.

Para Rosenberg (2006, p.8):

[...] a tecnologia é um corpo de conhecimentos a respeito de certas classes de eventos e atividades. Não constitui meramente uma aplicação de conhecimentos trazidos de outra esfera. Trata-se de um conhecimento de técnicas, métodos e projetos que funcionam, e que funcionam de maneiras determinadas, mesmo quando não se possa explicar exatamente por quê.

Para ele a tecnologia antecede, em muitos casos, o conhecimento científico, derivando para seu processo um campo de vastos desdobramentos posteriores à nova técnica. Portanto, em sua abordagem a procedência lógica e cronológica da tecnologia em relação à ciência, com a primeira também constituindo uma forma de conhecimento, teórico e prático, e não uma simples aplicação da segunda. As tecnologias de base científica são relativamente recentes e atualmente é o desenvolvimento tecnológico que vem pautando a programação das pesquisas científicas nos países economicamente mais avançados.

Nesta concepção, a ciência sempre produz o bem; sempre produz o conhecimento verdadeiro, sempre ajuda a razão. A técnica dá, aos humanos, a possibilidade de controlar; de submeter a matéria e as energias. A razão tem o seu progresso de um modo quase inevitável. Além disso, havia certeza nas leis da evolução, a partir de uma concepção determinista da história, que a evolução cria sempre do mais primitivo, do mais atrasado para o melhor, o mais completo, o melhor de todos. Hoje em dia pode-se saber que a ciência transposta à tecnologia faz coisas muito boas e muito fecundas, mas também permite pela primeira vez na história da humanidade a possibilidade de sua destruição total, a partir da bomba atômica.

O mesmo pode-se dizer da técnica, porque a técnica não é unicamente a dominação do homem sobre a máquina; ela é também a dominação do modo de organização da máquina sobre os humanos, da máquina artificial que é uma máquina especializada, mecanizada, cronometrada. Esta tendência não se desenvolve apenas dentro das empresas e das fábricas. Desenvolve-se também na vida cotidiana. A organização cronometrada aparece também nas férias, no turismo, nos grupos de turistas que vão ver a Gioconda por vinte e cinco segundos, e depois a primavera de Botticelli por mais vinte e cinco segundos, etc. Pode-se igualmente falar da mecanização da sociedade e da vida cotidiana.

Da mesma maneira, pode-se falar do desenvolvimento industrial, tão útil para a produção de grande quantidade de materiais de todos os tamanhos, de todas as categorias, para o bem estar de todos. Mas pode-se ver também que o modo industrial produz ameaças sobre a vida cotidiana, sobre o ar que se respira, que não são unicamente ameaças locais sobre os lagos e rios, tão sujos e cuja poluição elimina a vida biológica, mas também uma ameaça geral sobre a biosfera. Por isso se fez uma primeira reunião internacional no Rio de Janeiro, 1992, para enfrentar o problema de como propiciar ao mesmo tempo, o desenvolvimento industrial e a proteção da vida.

Por outro lado a razão, a racionalidade é uma qualidade muito importante da mente, do espírito humano. Mas quando a especialização faz com que cada pessoa, cada especialista ou expert seja capaz de ver unicamente sua porção, seu pedaço



de alimento - o alimento é cortado em pedacinhos sem relação alguma uns com os outros - esta razão limitada é uma racionalidade fechada.

Quer dizer, há problemas dentro da razão e, além disso, não mais as leis da evolução. Não há mais um cosmos determinista, mecanicista. Sabe-se agora que o cosmos é um lugar onde há uma luta entre as forças da ordem e as forças da desordem.

Morin (2010, p.108) comenta sobre tecnologia, no qual ressalta que do ponto de vista epistemológico acha impossível isolar a noção de tecnologia ou *techné*. Ele se remete à relação “que vai da ciência à técnica, da técnica à indústria, da indústria à sociedade, da sociedade à ciência, etc.” E que é bastante difícil o embate do não isolamento. O paradigma simplificador (disjunção e redução) domina nossa cultura hoje e é hoje que começa a reação contra seu domínio (...). O paradigma complexo resultará de um conjunto de novas concepções, de novas visões, de novas descobertas e de novas reflexões que vão se acordar, se reunir. (Morin, 2011, p. 76-77).

As expressões utilizadas pelos diversos movimentos em torno da tecnologia a denominam como um produto e não um processo, ligado ao geralmente a uma forte visão normativa (DAGNINO et al, 2004, p.55). O trabalho de Nicolas e Mytelka (1994) é um exemplo de análise econômica que discute essas abordagens convencionais, procurando inserir outras variáveis na pesquisa sobre inovação. Segundo os autores, os economistas neo-schumpeterianos:

[...] abstraem o fato de que a tecnologia seja uma construção social, determinada não somente pela acumulação de conhecimentos, mas também pelas forças sociais, necessidades econômicas, decisões políticas e pelas pressões públicas que influenciam a direção da mudança tecnológica [...]. Adotar uma definição estreita da noção de progresso tecnológico e torná-lo o motor de toda uma cadeia de acontecimentos faz com que um processo dinâmico pareça estático e linear [...] (1994, p. 7 apud ANDRADE, 2005, p.4).

Como contraponto a esta visão o marco da denominada tecnologia social dá atenção ao processo. Assim, incorpora a ideia, contrariando a do senso comum, de que existe na realidade é um processo de inovação interativa (DAGNINO et al, 2004, p. 57) de forma que a inovação tecnológica não deve ser pensada em um lugar e

utilizada em outro, mas como um processo desenvolvido no lugar onde essa tecnologia vai ser utilizada, pelos atores que vão utilizá-la. Para a RTS<sup>15</sup> Rede de Tecnologia Social – por tecnologia social entende-se compreende produtos, técnicas e/ou metodologias reaplicáveis, desenvolvidas na interação com a comunidade e que represente efetivas soluções de transformação social.

### 3.4.5 Parques Tecnológicos

A abordagem realizada no primeiro capítulo e aqui resgatada nos explicita o desafio para os PqT's e PqCT's que é constituir uma agenda dinamizadora de políticas públicas voltadas ao desenvolvimento territorial, considerando as diversas configurações sócio produtivas, locais/regionais como elementos fundamentais de transformação social. Visto que o movimento de criação e desenvolvimento de PqT's no Brasil é bastante recente, a lógica que vem pautando as atuais políticas no país, de modelos de parques, supõe inviável econômica e tecnologicamente a criação de parques em centros urbanos com baixa escala aglomerativa, vinculando o sucesso do mecanismo a uma estrutura industrial local e existência de centro de excelência em pesquisa entre outros fatores de sucesso. Assim, a concepção de parque deve considerar seu papel preponderante na transformação do território onde se insere. Desta forma, compreende-se como Parque Tecnológico a seguinte concepção:

Ambiente complexo de promoção do desenvolvimento territorial que visa fomentar economias baseadas no conhecimento e inovação por meio da integração da pesquisa científico-tecnológica, negócios/empresas, organizações governamentais e da sociedade em um local físico, e do suporte às inter-relações entre estes grupos, gerando riqueza, equidade e inclusão social. (Adaptado - IASP e UNESCO)

---

<sup>15</sup> A Rede de Tecnologia Social - RTS reúne, organiza, articula e integra um conjunto de instituições com o propósito de contribuir para a promoção do desenvolvimento sustentável mediante a difusão e a reaplicação em escala de Tecnologias Sociais.

### 3.4.6 Inovação

Segundo Andrade, inovação se assemelha a uma de tantas palavras encantadas que padecem de definição exata e que acabam sendo defendidas por distintos e diversos grupos sociais. “É um termo extremamente polissêmico e consensual, tido por muitos como a tábua de salvação para todos os problemas que envolvem tecnologia e crescimento econômico. (MACIEL, 1997 apud ANDRADE, 2005, p.1).

Por tal situação talvez, o tema da inovação tem se mantido ligado a inquietações econômicas, como competitividade e pressões da demanda e investimento. “Um recorte essencialmente quantitativo e linear, assentado no cruzamento de dados sobre aquisição de patentes e investimentos em pesquisa básica e avançada” (ANDRADE, 2005 p.3). Por um lado, essas análises constituíram categorias importantes para se compreender o fenômeno da inovação, mas, por outro, mantiveram esquemas lineares e deterministas de explicação.” Contudo:

[...] as relações exógenas entre ciência e tecnologia e os modelos mecânicos de interferência da demanda sobre a atividade tecnológica mostraram-se insuficientes para esclarecer por que determinadas inovações tiveram êxito e outras não. Além disso, tais análises não permitem perceber que a inovação possui um ritmo técnico próprio que não se submete totalmente às modificações do mercado e que esse último também é condicionado por mudanças nas práticas tecnológicas (Nicolas e Mytelka, 1994; Maciel, 2001 apud ANDRADE, 2005, p.3).

A tradição *schumpeteriana* passa por críticas, especialmente pelo “determinismo e na abstração dos modelos de inovação, que precisam dar lugar a uma abordagem circunstancial e multilinear, que não aceitam como autossuficientes os parâmetros das escolhas racionais.” (ANDRADE, 2005, p.4) Desta forma,

[...] enquanto a tradição schumpeteriana abrange a dinâmica inovativa em suas possibilidades produtivas e corporativas, a perspectiva de Latour e da sociologia construtivista aposta na discussão circunstancial e coletiva da prática da inovação, envolvendo agentes econômicos e não econômicos (TRIGUEIRO, 1997, apud ANDRADE, 2003, p.93).

Segundo Latour (2000 apud ANDRADE, 2005, p.149) toda inovação deve se construir a partir daquilo que ele denomina ação estratégica dos inovadores. Nessa ação estratégica, o inovador precisa ao mesmo tempo controlar o contexto social em que se desenrola a prática inovadora e se adaptar a ele. O conceito de contexto adquire importância capital em sua sociologia da inovação. Em suas práticas, os agentes inovadores ao mesmo tempo constroem e se submetem aos seus respectivos contextos de inovação. Toda inovação solicita um contexto que lhe seja favorável e, caso seja impedido de manipular tal ambiente, o agente inovador se verá incapacitado para impor novas regras de articulação entre as tecnologias e o comportamento social. O social e o técnico possuem uma recorrência mútua que o pensamento técnico tradicional não foi capaz de identificar.

Assim, a inovação compreende o aproveitamento de conhecimentos e competências em um processo de integração de elementos que determinam e favorecem a dinâmica e transformação do processo de competitividade das atividades produtivas que geram melhorias e avanços estruturais nos territórios onde são desenvolvidas. Resultante de um processo coletivo, complexo e interativo em que as unidades empresariais dependem do acesso ao conhecimento emanado de diversos agentes públicos e privados, a inovação não deve ser entendida apenas na estrita acepção tecnológica (engenharia do produto e do processo). E por tal complexidade e interação deve incluir, também as multidimensões do desenvolvimento.

O processo de inovação é um processo aberto, em que participam diversos atores, numa relação de confiança, numa permuta entre o local, as instituições as pessoas e as tecnologia (redes), valorizando os recursos endógenos, promovendo o conhecimento, tácito e codificado, não descurando, de todo, as potencialidades exógenas, por meio de contatos com o exterior do território, essenciais à este para que obtenha conhecimento novo, essencial para a inovação. A inovação aberta contempla uma dinâmica conjugada que envolve uma multiplicidade de atores, como as empresas, os centros de investigação, os centros tecnológicos, as universidades, os centros de formação, as autarquias, as próprias instituições financeiras, dentre outros. Estes atores, por meio da cooperação ofertam informações e informações e recursos estratégicos necessários ao processo.

Portanto, a inovação consiste em um fenômeno sistêmico e interativo, caracterizado por diferentes tipos de cooperação.

O movimento analítico dialético entre as categorias "a priori" e a "posteriori" encontra-se exemplificado na reprodução do Quadro 3.4 que representa análise de conteúdo da concepção dos atores que tramam a história do turismo dentro PTI.

RUBRICAS				SUB-RUBRICAS		
<u>TEMAS</u>	<u>Concepções</u>	<u>Dificuldades</u>	<u>Avanços</u>	<u>Totalidade/Fragmentação</u>	<u>Teoria/Prática</u>	<u>Criticidade/Alienação</u>
<b>TURISMO</b>	Uma combinação complexa de inter-relacionamentos entre produção e serviços, em cuja composição integram-se uma prática social com base cultural, com herança histórica, a um meio ambiente diverso, cartografia natural, relações sociais de hospitalidade, troca de informações interculturais. O somatório de toda esta dinâmica sociocultural gera um fenômeno, recheado de objetividade/subjectividade, consumido por milhões de pessoas, como síntese: a experiência turística					
<b>DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL</b>	Desenvolvimento multidimensional, que se realiza a partir da mobilização inicial e preferencial (ainda que não necessariamente exclusiva) de recursos disponíveis no território e que é objeto de controle e planejamento por parte de agentes domiciliados no mesmo.					

<b>CIÊNCIA</b>	<p>A ciência é uma realidade complexa e não é fácil definir suas fronteiras. Em geral é alimentada pela preocupação de experimentar, de verificar todas as teorias que ela expressa a ideia de “complexidade” do pensamento científico, como capacidade de compreensão da problemática organizacional (partes e todo do conhecimento) capaz de fazer dialogar as especificidades dos fenômenos físicos, biológicos e humanos. A investigação científica deve partir dos seguintes elementos: diminuição da tecnoburocracia institucional, capacidade de auto interrogação dos cientistas e estímulos para o processo.</p>					
<b>TECNOLOGIA</b>	<p>Tecnologia é um corpo de conhecimentos a respeito de certas classes de eventos e atividades. Não constitui meramente uma aplicação de conhecimentos trazidos de outra esfera. Trata-se de um conhecimento de técnicas, métodos e projetos que funcionam, e que funcionam de maneiras determinadas, mesmo quando não se possa explicar exatamente por quê.</p>					

<b>PARQUE TECNOLÓGICO</b>	Ambiente complexo de promoção do desenvolvimento territorial que visa fomentar economias baseadas no conhecimento e inovação por meio da integração da pesquisa científico-tecnológica, negócios/empresas, organizações governamentais e da sociedade em um local físico, e do suporte às inter-relações entre estes grupos, gerando riqueza, equidade e inclusão social	-	-	-	-	-
<b>INOVAÇÃO</b>	A inovação compreende o aproveitamento de conhecimentos e competências em um processo de integração de elementos que determinam e favorecem a dinâmica e transformação do processo de competitividade das atividades produtivas que geram melhorias e avanços estruturais nos territórios onde são desenvolvidas.	-	-	-	-	-

**Quadro 3.4 – Modelo do Gráfico de Interpretação da Fala e Entrevista do Ator.**

**Fonte:** Elaborado autora, adaptado de Moesch, 2012.



### 3.5 DESCRIÇÃO DO OBJETO DE ANÁLISE – PARQUE TECNOLÓGICO ITAIPU BRASIL

O Parque Tecnológico Itaipu – PTI, criado em 2003 por decisão da Itaipu Binacional, empresa hidrelétrica binacional Paraguai-Brasil, está situado na região da tríplice fronteira Argentina-Brasil-Paraguai, na cidade de Foz do Iguaçu (Figura 3.7), dentro do território da Binacional. O PTI teve como missão inicialmente definida “compreender e transformar a realidade da Região Trinacional do Iguassu, articulando e fomentando ações voltadas ao desenvolvimento econômico, científico e tecnológico, com respeito ao ser humano e foco em soluções voltadas à água, energia e turismo.” Essa singularidade conferiu a ele o diferencial da sintonia entre sua estratégia de implantação e as prioridades regionais e nacionais, bem como as tendências internacionais (SOTUYO, MARQUES & EL KHOURI, 2012). Sua missão foi posteriormente redefinida com o intuito de melhor expressar suas intenções para com o território onde se encontra inserido.



**Figura 3.7 – Localização geográfica do município de Foz do Iguaçu**  
 Fonte: Adaptado de IBGE<sup>16</sup>

<sup>16</sup> IBGE, 2013. Disponível em:  
<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/xtras/uf.php?coduf=41&search=parana> Acesso em 10 de setembro de 2013.

Segundo Sotuyo & D'Alkaine (2011) o instrumento fundacional do Parque foi uma “Carta de Intenções para Criação do Parque Tecnológico Itaipu” (Itaipu Binacional, 2003) onde o conceito de parque é definido como:

Espaço inovador que congrega projetos e programas voltados para a inserção social, a geração de emprego e renda, a geração e distribuição do conhecimento, em todos os seus níveis, assim como o desenvolvimento e transferência de tecnologias, propiciando trocas de experiências e integração entre pessoas para uma melhor compreensão e mudança da realidade.

São detalhadas também as formas organizativas da Fundação Parque Tecnológico Itaipu – Brasil (Fundação PTI). É fundamental a compreensão do que é a Fundação PTI e o PTI.

O Parque (o PTI) é um território onde se instalam diversas entidades, como universidades, institutos de pesquisa, empresas privadas de serviços, empresas instaladas na incubadora ou no condomínio empresarial, entidades governamentais, entidades do terceiro setor, onde se desenvolvem diversos projetos e programas em cooperação e colaboração. A Fundação PTI é estatutariamente uma organização civil sem fins lucrativos, de direito privado, cujo objetivo é (ITAIPU BINACIONAL, 2005):

Manter e operar o Parque Tecnológico Itaipu (PTI), contribuindo para o desenvolvimento regional, de forma sustentada, por meio de atividades que propiciem o desenvolvimento institucional, científico, tecnológico e inovação, a difusão do conhecimento, a capacitação profissional, e a geração de empresas, emprego e renda, interagindo, para esses fins, com entidades públicas e privadas, acadêmicas e de pesquisa, de fomento e produção.

Como consequência a Fundação PTI tem a seu encargo: administrar o território do parque e articular e fomentar a interação entre as entidades atuantes o que venham a atuar no mesmo; a administração dos projetos e programas cooperados para atendimento da sua missão; a atuação para que novas entidades venham a fazer parte do Parque. Para isso a Fundação PTI e o PTI contam como mantenedora, à parte brasileira de Itaipu Binacional. Para isso a Fundação PTI e o PTI contam como mantenedora, à parte brasileira de Itaipu Binacional.

Para cumprir com essas funções a Fundação PTI dispõe estatutariamente, em sua direção, um Conselho de Curadores, um Conselho Fiscal e um Conselho Diretor. Este último está composto por três diretores, sendo um diretor-superintendente, um diretor técnico e um diretor administrativo-financeiro. Essa é a estrutura formal da FPTI – Brasil. Ela possui, ainda, uma estrutura interna, composta por áreas funcionais (Contabilidade e Patrimônio, Gestão de Infraestrutura e Obras; Gestão Financeira e Orçamentária, Recursos Humanos; Gestão de Tecnologia de Informação e Comunicação; Gestão de Convênios; Gestão de Compras e Contratações e Serviços Gerais e Logística) e áreas de assessorias (Assessorias Jurídica, de Captação de Recursos, de Desenvolvimento Corporativo, Comunicação Social e Secretaria Geral).<sup>17</sup>



**Figura 3.8 – Conceito de Parque Científico e Tecnológico, adaptado de Jan Annerstedt<sup>18</sup>**  
**Fonte: Fundação PTI- BR**

Esta estrutura trabalha sobre uma organização matricial específica para atender dois tipos de atividades: os denominados Programas Estruturantes e os

<sup>17</sup> Fonte: Conforme RCD 094/2013 (Resolução do Conselho Diretor da Fundação PTI)

<sup>18</sup> ANNERSTEDT, Jan. Future megatrends for science & technology parks 'create your own roadmap!' Conferência Mundial de Parques Científicos e Tecnológicos, Copenhague, 22 de junho de 2011.

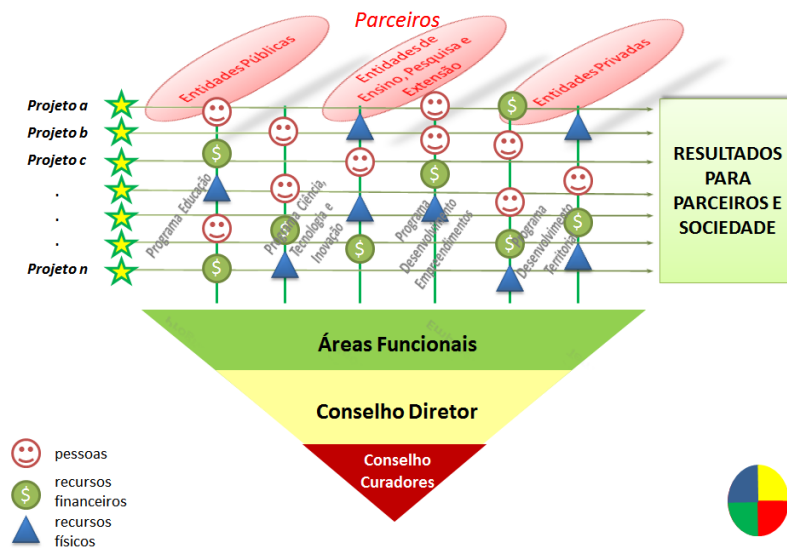
demais Projetos e Programas, cada um com um gerente designado. Os Programas Estruturantes são descritos a seguir:

a) Educação: com atividades de apoio à disseminação da ciência para o ensino fundamental, formação profissional e graduação superior, articulação para instalação de universidades e desenvolvimento de novos cursos.

b) Ciência, Tecnologia e Inovação (C, T+I): para o fomento mediante bolsas de iniciação científica, mestrado, doutorado e pós-doutorado dos grupos de pesquisa científica nas universidades e instituições tecnológicas da região, buscando também fixar recursos humanos especializados na região; e também com atividades de articulação para desenvolver e coordenar atividades em projetos de inovação nas áreas de interesse (água, energia e turismo, etc.).

c) Geração de Negócios: com atividades de pré-incubação e incubação de empresas cooperando com sua instalação na região ou no condomínio empresarial do Parque, com o objetivo de geração de emprego e renda.

d) Desenvolvimento Territorial: com inúmeros programas associados (Turismo Sustentável; Disseminação e Popularização das Ciências; Saúde na Fronteira; Centro de Referência em Tecnologias Sociais para o MERCOSUL; Incubadora Social; etc.) busca a articulação territorial com vistas ao seu desenvolvimento. Existem também Projetos e Programas Específicos tanto para o atendimento das demandas de pesquisa e desenvolvimento da Itaipu Binacional, como demandas regionais que venham a ser recebidas ou desenvolvidas no PTI. Nestes casos a gerência dos projetos pode ser exercida por prepostos de outras entidades, contando com idêntico apoio por parte das áreas funcionais da Fundação PTI (SOTUYO, 2011; SOTUYO, et al., 2012; PEREIRA, & NOGUEIRA 2013).



**Figura 3.9 – Modelo de relacionamento do PTI em relação à FPTI**  
**Fonte: Fundação PTI- BR**

A Figura 3.9 apresenta o relacionamento entre as entidades públicas, privadas de ensino, pesquisa e extensão instaladas no Parque ou em outras localidades que possuem participação em projetos ou programas cooperados executados no ou pelo PTI. Os projetos ou programas denominados na Figura 3.9 como “a”, “b”, “c”, etc., são desenvolvidos nas instalações físicas do Parque. Cada um possui um Plano de Trabalho específico, detalhando escopo, tempo, recursos, etc.

As linhas verticais representam o aporte de recursos dedicado a cada projeto ou programa. Dependendo dos acordos pré-estabelecidos constantes nos Planos de Trabalho, os recursos podem ser humanos, financeiros, económicos, infraestrutura, laboratórios, materiais, entre outros, provenientes das entidades representadas na parte superior da Figura 3.9 (entidades governamentais, entidades privadas, entidades de ensino, pesquisa e extensão, e organizações da sociedade civil e da própria Fundação PTI). As linhas horizontais pontilhadas representam o conjunto de recursos disponíveis para o projeto ou programa.

Partindo da premissa que a FUNDAÇÃO PARQUE TECNOLÓGICO ITAIPU – B RASIL (Fundação PTI) é uma entidade de direito privado, sem fins lucrativos, enquadrando-se dentro das organizações do terceiro setor, a avaliação de seus resultados são sempre medidos fora da organização em vidas e condições

modificadas como a cultura das comunidades envolvidas, em sua competência e capacidade de emancipação. Para praticar sua missão a Fundação PTI precisa determinar o que deve ser foco de suas ações, para quem as dirige, e sob que filosofia deve atuar para então concentrar recursos na busca dos resultados planejados.

O Turismo como um dos temas de interesse da Fundação PTI tem uma transversalidade nas ações de programas estruturantes, nos projetos e na sua atuação institucional. Além disso, a Fundação PTI, conta com ações diretamente relacionadas ao turismo sendo: o Programa de Turismo Sustentável, com objetivo de desenvolver o Turismo de forma sustentável e vetor do Desenvolvimento Territorial. Por meio da articulação e fomento de ações voltadas à pesquisa, inovação e planejamento no turismo. Para isso, interage com atores internos, regionais, nacionais e internacionais. Gestão e Operação do Complexo Turístico Itaipu (CTI), desde 2007, a Fundação PTI é responsável pela operação e gestão do CTI, contribuindo para o desenvolvimento de tecnologias de suporte à sua operação, práticas de educação para o turismo e aumento do fluxo e permanência de visitantes nos diversos atrativos oferecidos pela Usina ([www.turismoitaipu.com.br](http://www.turismoitaipu.com.br)). E a terceira ação é o Programa Trinacional de Artesanato Ñandeva, desde 2004, o setor artesanal da Região Trinacional do Iguassu (Argentina, Brasil e Paraguai) tem sido impulsionado pelo programa Ñandeva (“Todos nós” no idioma Guarani), por meio da capacitação técnica de artesãos, da transferência de tecnologias e da busca por canais de comercialização para os produtos certificados. O Ñandeva contribui para o fortalecimento da identidade cultural da região, por meio da inserção de elementos e ícones que remetem à cultura desses povos. Realiza ações nos três países (Brasil, Paraguai e Argentina).

Além destes, o PTI abriga o Espaço do Barrageiro, local de preservação e memória dos trabalhadores solteiros (barrageiros) que ajudaram a construir a Usina Hidrelétrica Itaipu Binacional. Atualmente, a sede física do PTI ocupa a instalação do que foi no período da construção da Usina, o alojamento desses trabalhadores, 10 mil no total. Este é um local de visitação a turistas e visitantes que acessam o PTI. E o Polo Astronômico Casimiro Montenegro Filho O Polo Astronômico Casimiro Montenegro Filho. Centro de ensino não-formal, que tem a missão de divulgar e

disseminar conhecimentos e técnicas relacionados à Astronomia e ciências afins. O espaço está inserido nos atrativos do Complexo Turístico Itaipu (PTI, 2013).

No PTI está instalado o Instituto Polo Internacional Iguassu. Entidade fundada em 9 de julho de 1996, é uma associação de direito privado, sem fins econômicos, criado para apoiar iniciativas de instituições e movimentos orientados para a integração, estruturação e desenvolvimento turístico da Região Trinacional do Iguassu. Atua em parceria com a Itaipu Binacional e a Fundação Parque Tecnológico Itaipu por meio de projetos voltados à educação, inclusão social, pesquisa e qualidade em turismo. Dentre os projetos realizados estão a avaliação da qualidade dos serviços do Complexo Turístico Itaipu e o apoio na elaboração da Política de Turismo da Itaipu, além da execução de projetos como o Trilha Jovem Iguassu. O Instituto fez parte do Comitê Gestor que definiu o modelo do Parque Tecnológico Itaipu, com o qual posteriormente firmou parceria para o desenvolvimento conjunto de ações, programas e projetos de interesse e objetivos comuns, focado no turismo.

A Fundação PTI também dispõe de uma significativa atuação institucional no Turismo. Tem representação no Conselho Municipal de Turismo (COMTUR) em Foz do Iguaçu; na Adetur Cataratas e Caminhos - Agência de Desenvolvimento da Região Turística Cataratas do Iguaçu e Caminhos ao Lago de Itaipu; no CONPARNI – Conselho do Parque Nacional do Iguaçu; no Fundo de Desenvolvimento e Promoção Turística do Iguaçu; na Câmara Técnica de Turismo do CODEFOZ – Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social de Foz do Iguaçu, e do ICVB – *Iguassu Convention & Visitors Bureau*. Além de associada a ADETUR a Fundação PTI ocupa a diretoria técnica da entidade e é membro-associado mantenedor do Instituto Polo Internacional Iguassu.



**Figura 3.10 – Imagem aérea do Parque Tecnológico Itaipu Brasil**  
**Fonte: Fundação PTI, 2013**



#### **4 OS DESAFIOS DOS AMBIENTES DE INOVAÇÃO NO DESENVOLVIMENTO DO TURISMO SUSTENTÁVEL**

A partir da teoria apresentada anteriormente, nesse capítulo buscou-se responder ao problema de pesquisa, norteador desta dissertação: a relevância do turismo enquanto foco de atuação de ambiente de inovação, em especial no cumprimento da missão da Fundação PTI, que é o desenvolvimento territorial.

Para tal, foram abordados os discursos contidos nos documentos, pertinentes à análise representativa da mantenedora. Em um segundo momento documentos da Fundação PTI como reprodutora do discurso, referenciados nas entrevistas, articulados com o aporte teórico das categorias constituídas e concebidas para tal.

Foi repassada no primeiro capítulo, de forma breve, a pouca tradição na atuação de parques tecnológicos que aportem seus esforços ou tenham em suas agendas a temática do Turismo. Resgata-se o posicionamento sugerido pela ANPROTEC, de que no Brasil três são três os parques que declaram contemplar o Turismo como tema de atuação e/ou interesse. E somente o Parque Tecnológico Itaipu Brasil dispõe de ações efetivamente em andamento e implementadas.

Especificamente para o Parque Tecnológico Itaipu – Brasil, tal desafio se encontra materializado na priorização e densidade de ações, projetos e investimentos realizados pela sua Mantenedora, a Itaipu Binacional, na temática associada ao nexos Água – Energia.

O tema Turismo, mesmo presente como um tema de interesse desde o início e concepção do parque, constituiu ações e teve investimentos, porém esteve incipiente e submetido à intermitências de forma que, comparativamente ao que existe, não possui a mesma relevância estratégica que outras temáticas.

#### 4.1 Os desafios do Turismo como campo de ciência, tecnologia e inovação no PTI

É importante fazer um breve resgate do movimento estabelecido, com enfoque em ciência, tecnologia e inovação instituído desde a Fundação PTI, criado para conceber um espaço para o Turismo enquanto campo de investigação científica e de materialização da tecnologia e inovação nesta temática.

A ação, conduzida inicialmente pelo então programa PTI Ciência e Tecnologia, com tratativas iniciadas em setembro de 2010, visava constituir ICT's – Institutos de Ciência e Tecnologia, nas temáticas de atuação prioritária do PTI, no contexto da sua missão<sup>19</sup> à época. Sendo que uma dessas temáticas seria o Turismo.

Para o alcance daquela missão, por meio dos objetivos<sup>20</sup> foram estabelecidas as seguintes condições:

a) ter um sistema de inovação, pesquisa e desenvolvimento científico e tecnológico, operante e;

b) desenvolver, atrair e fixar parceiros para o PTI; a proposta culminou que o Instituto Polo Internacional Iguassu – POLOIGUASSU – poderia assumir tal iniciativa junto a Fundação PTI, exatamente para apoiar no seu desenvolvimento e fixação no próprio ambiente do parque.

A lógica de sustentabilidade para estruturar o ICT foi inspirada e referenciada na dos institutos alemães de pesquisa – *Fraunhofer Gesellschaft*<sup>21</sup>.

<sup>19</sup> Missão da Fundação PTI entre 2009 e 2012: “Compreender e transformar a realidade da região Trinacional do Iguassu, articulando e fomentando ações voltadas ao desenvolvimento econômico, científico e tecnológico, com respeito ao ser humano e foco em soluções voltadas à água, energia e turismo.” Grifo nosso. Vale ressaltar que a missão da FPTI passa por um processo de revisão, visando refletir a realidade de suas práticas. Tal revisão em breve deve ser submetida à apreciação e validação pelo seu Conselho de Curadores.

<sup>20</sup> Objetivos da Fundação PTI no contexto citado: a) Desenvolver, atrair e fixar empresas inovadoras, contribuindo para a geração de emprego e renda; b) Ter um sistema de inovação, pesquisa e desenvolvimento científico e tecnológico, operante; c) Promover a formação e qualificação de pessoas para atendimento das necessidades dos parceiros e dos programas do parque; d) Atender as demandas de base tecnológica da mantenedora; e) Operar, com inovação, o Complexo Turístico Itaipu e promover o desenvolvimento turístico de forma sustentável; f) Desenvolver, atrair e fixar parceiros para o PTI; g) Promover a captação de recursos e o incremento ao Fundo Tecnológico da FPTI-BR; h) Consolidar o sistema de gestão efetiva e inovadora.

Para tal, seria composto um modelo com três formas de atuação, visando o equilíbrio econômico-financeiro entre as ações e os recursos investidos/captados:

- 1) Projetos Cooperados: Projetos de interesse público, captados junto a Ministérios e demais instituições públicas;
- 2) Prestação de Serviços: Serviços executados mediante contrato com clientes, parceiros, conforme demanda;
- 3) ICT: Seria um núcleo para ações de Pesquisa Científica e geração de inovação em turismo a partir de fundos não reembolsáveis.



**Figura 4.11 – Modelo de sustentabilidade do ICT**

**Fonte: Elaborado pela autora, adaptado de POLOIGUASSU, 2014**

Havia então necessidade de garantir ao POLOIGUASSU os recursos necessários para a sustentabilidade de uma estrutura básica. Essa estrutura deveria ampliar a capacidade da entidade para prospecção de projetos e dedicação a ações de pesquisa científica, inovação, transferência da tecnologia, desenvolvimento de metodologias e uma série de ações voltadas à promoção da excelência da atividade turística na Região. A Fundação PTI captaria recursos junto a Itaipu Binacional e demais instituições. Esse recurso seria repassado por meio da própria fundação ao

<sup>21</sup> Fraunhofer é a maior organização de pesquisa orientada para a aplicação da Europa. Os esforços de pesquisa são voltados inteiramente para as necessidades das pessoas: saúde, segurança, comunicação, energia e ambiente. Como resultado, o trabalho realizado pelos seus pesquisadores e desenvolvedores tem um impacto significativo na vida das pessoas. Disponível em < <http://www.fraunhofer.de/en/about-fraunhofer.html>>. Acesso em 22 de janeiro de 2014.

Instituto, visando estruturar o Centro Internacional de Inteligência do Turismo, para a execução de projetos e ações de pesquisa e inovação em turismo. Assim, a coordenação desse processo seria do próprio POLOIGUASSU. O estabelecimento de objetivos seria construído em conjunto; e o acompanhamento dessas ações e resultados seria de responsabilidade do Programa de Desenvolvimento para o Turismo – PDT<sup>22</sup>.

O POLOIGUASSU ficaria responsável pela coordenação e operação de todo o processo de implantação do Centro Internacional de Inteligência do Turismo, no formato de ICT – Instituto de Ciência e Tecnologia, agregando demais agentes de interesse comuns ao desenvolvimento de uma célula de competência em Turismo, tais como: Universidades, Institutos de Pesquisa, Empresas, Instituições Oficiais do Turismo. O PTI – Ciência e Tecnologia deveria ser responsável por orientar, acompanhar e assessorar o POLOIGUASSU na formação do ICT e posteriormente a formação de uma célula de competência em Turismo.



**Figura 4.12 – Estrutura do Núcleo de Pesquisa**

**Fonte: Elaborado pela autora, adaptado de POLOIGUASSU, 2014**

<sup>22</sup> O Programa de Desenvolvimento para o Turismo teve seu nome alterado para Programa Turismo Sustentável, em 06/08/2012 pela RCD 058/12, para um alinhamento à concepção de Turismo adotada pela FPTI a partir da RCD 022/2012.

Neste intuito, após o estabelecimento da intenção da proposta, houve uma aproximação com a OMT e Secretaria de Turismo do Estado do Paraná para constituição desse Centro Internacional de Inteligência do Turismo. Neste sentido também, foi realizada uma missão técnica até Madrid, no intuito de estabelecer rapidamente uma rede de fortalecimento institucional para o intento proposto e conhecer uma iniciativa semelhante, existente na região da Tarragona, o *Parque Científico e Tecnológico de Turismo y Ocio*. Nessa linha ainda, a intenção de compor este núcleo de pesquisa foi descrito no PDITS - Plano de Desenvolvimento Integrado do Turismo Sustentável – PDITS<sup>23</sup> - pois foi considerado importante pela equipe técnica que elaborou o plano e foi aprovado nas reuniões públicas de validação do plano.

Esta tentativa de instituir um ICT foi a iniciativa precursora da proposta para implantar um Centro de Inovação em Turismo<sup>24</sup>, que compõe uma série de iniciativas do projeto nominado “Complementação da Infraestrutura do Parque Tecnológico Itaipu na Região Trinacional do Iguassu”, submetido ao FOCEM - Fundo para a Convergência Estrutural e o Fortalecimento da Estrutura Institucional do MERCOSUL<sup>25</sup> em junho de 2011. O projeto proposto foi aprovado pelo comitê

---

<sup>23</sup> O Plano de Desenvolvimento Integrado do Turismo Sustentável – PDITS do Polo Turístico de Foz do Iguaçu – FI foi desenvolvido de acordo com o termo de referência, elaborado pela Secretaria de Estado do Turismo – SETU e com o Regulamento Operacional – ROP do Programa de desenvolvimento do Turismo – PRODETUR Nacional. Apesar de estar atrelado a este programa, trata-se de uma revisão e adequação do PDITS de Foz do Iguaçu, elaborado em 2004, para o PRODETUR Sul, que contava com a participação de outros três estados: Santa Catarina, Rio Grande do Sul e Mato Grosso do Sul. Participavam do PDITS de Foz do Iguaçu de 2004 nove municípios: Foz do Iguaçu, Santa Terezinha do Itaipu, São Miguel do Iguaçu, Itaipulândia, Santa Helena, Entre Rios do Oeste, Pato Bragado, Marechal Cândido Rondon e Guaira. Disponível em <[www.turismo.pr.gov.br/arquivos/File/setu/pdf/institucional/PDITSFozdolguacu.pdf](http://www.turismo.pr.gov.br/arquivos/File/setu/pdf/institucional/PDITSFozdolguacu.pdf)> Acesso em 04 de fevereiro de 2014.

<sup>24</sup> Centro de Inovação em Turismo (CIT) trata-se de um ambiente de espaço físico compartilhado, com gestão em rede, voltado a estudos, investigação científica e tecnológica, planejamento e inovação em Turismo, atuando como instrumento apoiador do desenvolvimento turístico da região Trinacional. Este projeto se inicia com a elaboração do Modelo de Gestão do Centro de Inovação em Turismo, seguindo com a construção do espaço físico, com 300 m<sup>2</sup>, composto por salas de escritório e espaços de apoio, tais como recepção, copa, banheiros, salas de reunião e espaço multiuso. Após a preparação da equipe operacional dar-se-á o início a operação.

<sup>25</sup> O Fundo para a Convergência Estrutural e Fortalecimento da Estrutura Institucional do MERCOSUL (FOCEM) foi criado pela Decisão Conselho do Mercado Comum - CMC N° 45/04. Mais tarde, a Decisão CMC N° 18/05 estabeleceu as normas para sua integração e funcionamento, e a Decisão CMC N° 01/11 define seu regulamento atual. O Fundo para a Convergência Estrutural do MERCOSUL (FOCEM) é um fundo destinado a financiar programas para promover a convergência estrutural; desenvolver a competitividade; promover a coesão social, em particular das economias

avaliador do FOCEM, em Montevideu e aguarda a liberação dos recursos por parte do governo brasileiro para tramitar sua implantação.

Essa parceria estabelece que o FOCEM garanta os recursos para infraestrutura, especificamente. A cargo da Fundação PTI, está conduzir o alinhamento entre todos os atores e outras iniciativas, tais como a conciliação com as propostas de ações de pesquisa e desenvolvimento estabelecidas pelo próprio PTI e principalmente o aceite por parte da mantenedora para financiar a estrutura necessária para impulsionar o processo.

Assim, a iniciativa de implantar um ICT não teve maiores avanços na composição como havia sido planejada inicialmente e atualmente se encontra suspensa, tendo a expectativa dos esforços voltadas ao Centro de Inovação em Turismo, contudo sem grande empenho e dedicação.

Esse desfecho momentâneo remete a identificação de um dos desafios dos ambientes de inovação, no campo da ciência, tecnologia e inovação para o Turismo, que é justamente o de promover o alinhamento do que é entendido como tal e posteriormente o que é pretendido com a pesquisa alinhada a estes processos, enquanto conteúdo de um Parque Tecnológico.

Para balizar tal afirmativa, vale resgatar a elucidação<sup>26</sup> feita por Bortolozzi<sup>27</sup> (2011): “pesquisa tem um sentido muito amplo que pode designar desde atividades de levantamento e organização de dados, até procedimentos sistemáticos para compreensão de fenômenos de ordem geral, incluindo sua formulação teórica.” De

---

menores e regiões menos desenvolvidas e apoiar o funcionamento da estrutura institucional e o fortalecimento do processo de integração. Disponível em <<http://www.mercosur.int/focem/index.php?id=que-es-el-focem>> Acesso em 12 de fevereiro de 2014.

<sup>26</sup> Apresentação e debate sobre “Pesquisa e Pós-graduação”, conduzido pelo professor Flávio Bortolozzi, com gerentes da Fundação PTI e convidados, em 23 de setembro de 2011.

<sup>27</sup> Graduado em Matemática em 1976 e em Engenharia Civil em 1981 pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Doutorado em Engenharia de Computação pela Université de Technologie de Compiègne - França em 1991. Pesquisador 1 do CNPq. Aposentado pela UTFPR. Pró-Reitor Pesquisa, Pós-Graduação e Extensão e professor do CESUMAR. Pesquisador colaborador da Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Diretor da BDF Consultoria Científica e Educacional. Consultor: do Ministério da Educação-INEP; do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq.

forma que a instituição que almejar implementá-la deverá “definir de maneira clara o que entende por pesquisa, em seus diversos níveis<sup>28</sup> de significado e fazer com que as pessoas envolvidas com esta atividade tenham a mesma compreensão quanto ao seu significado.”.

Decorre outro apontamento a ser feito, que remete-se ao desafio de tentar instituir processos ligados a geração de conhecimento, leia-se geração de conhecimento com a complexidade que o Turismo requer, a partir de uma entidade sem tradição na geração de pesquisas científicas pautadas na lógica do conhecimento<sup>29</sup> e sem a explicitação efetiva de intencionalidade neste sentido. Soma-se a este fato a carência de parcerias consolidadas e efetivas, com centros de pesquisa os quais poderiam ter dado o suporte necessário na cientificidade dos processos e na formação de um quadro de pesquisadores referência. Os poucos projetos realizados com a fundamentação de uma pesquisa científica sofreram com o determinismo temporal de contratos oriundos de parcerias no formato de consultoria, não comportando a tranquilidade na sustentabilidade, em suas diversas dimensões que requer um centro com esses objetivos.

Há que se somar a esta análise o contexto no qual se insere a Fundação PTI, com impacto direto no modo de interação e conexão de um parque científico: a quádrupla hélice. No que tange o “componente” academia e instituições de pesquisa e ensino, desta lógica, deve-se ponderar que, apesar da existência de Universidades e Faculdades com cursos de Turismo, há incipiência de programas de pós-

---

<sup>28</sup> A pesquisa é utilizada para: a) gerar e adquirir novos conhecimentos sobre si mesmo ou sobre o mundo em que vive; b) obter e/ou sistematizar a realidade empírica (conhecimento empírico); responder a questionamentos (explicar e/ou descrever); c) resolver problemas; e; d) atender às necessidades de mercado. (BORTOLOZZI, 2011)

<sup>29</sup> A CAPES entende apenas a pesquisa original, aquela que cria conhecimento novo, que faz progredir o conhecimento. Tudo o mais que não esteja de acordo com esta definição não é pesquisa. Em outra abordagem, entende-se por pesquisa “o conjunto de investigações, operações e trabalhos intelectuais ou práticos que tenham como objetivo a descoberta de novos conhecimentos, a invenção de novas técnicas e a exploração ou a criação de novas realidades” (KOURGANOFF, 1990). Demo (1995) reconhece quatro gêneros interligados que delineiam a pesquisa: a) há pesquisa teórica dedicada a formular quadros de referência, a estudar teorias, a burilar conceitos; b) há pesquisas metodológicas dedicadas a indagar por instrumentos, por caminhos, por modos de se fazer ciência, ou a produzir técnicas de tratamento da realidade, ou a discutir abordagens teórico -práticas; c) há pesquisa empírica dedicada a codificar a face mensurável da realidade social; d) há pesquisa prática voltada para intervir na realidade social, chamada pesquisa participante, avaliação qualitativa, pesquisa-ação.

graduação em Turismo ou com linhas de pesquisa no tema na região<sup>30</sup>. O que demonstra a baixa densidade de pesquisadores, mestres e doutores e de instituições, que tenham publicações científicas ou que promovam a transposição desse conhecimento para a prática. Tampouco densidade de grupos<sup>31</sup> de pesquisa, consolidados e de impacto relevante ao contexto em que se inserem. Uma evidência recente desse cenário foi o edital<sup>32</sup> da Fundação Araucária e Fundação PTI de 2013 que teve submissão de apenas 2 propostas na área do Turismo. E, somente uma qualificada para análise, visto que a outra não atendeu aos requisitos expostos no Edital. A proposta aprovada era oriunda da Unioeste, campus de Toledo, do corpo docente vinculado ao Programa de Mestrado e Doutorado em Desenvolvimento Regional e Agronegócio.

Tais variáveis conjunturais não são exclusivas, mas seguramente dificultam a tentativa de estabelecer processos de ciência, tecnologia e inovação em turismo, e acabam influenciando a própria conformação do quadro de profissionais (pesquisadores, cientistas) do PTI. De modo que tal cenário se caracteriza como outra lacuna a ser superada e outro desafio: a formação de profissionais, pesquisadores que possam assumir e conformar uma ação protagonista na geração de conhecimento, pesquisa e inovação.

Essa debilidade, não de forma única, amplia a discussão e remete a outra situação crítica: a ausência de processos e fluxos voltados à ciência, tecnologia e inovação em Turismo a partir do PTI. Tal fragilidade pode seguramente ser atrelada

---

<sup>30</sup> A região citada compreende a região de atuação prioritária do PTI, que é a região da AMOP – Associação dos Municípios do Oeste do Paraná, com 52 municípios.

<sup>31</sup> Na Unioeste, campus Foz do Iguaçu consta no Diretórios de Grupos do Brasil apenas um grupo de pesquisa cadastrado: Turismo e Hospitalidade, com uma linha de pesquisa – Ensino e Pesquisa em Turismo e Hospitalidade. Disponível em <<http://dgp.cnpq.br/buscaoperacional/>>. Acesso em 10 de fevereiro de 2014.

<sup>32</sup> Editais de Cooperação entre Fundação PTI e Fundação Araucária para promoção do fomento e disseminação da ciência, a verticalização do ensino e o Desenvolvimento científico e tecnológico. Trata-se de um programa de apoio a concessão de bolsas entre a Fundação Araucária e Fundação Parque Tecnológico Itaipu-Brasil, para gerar informações básicas para a implementação de novas políticas voltadas à promoção do desenvolvimento sustentável bem como elucidar aspectos relevantes que promovam impacto duradouro para a sua sustentabilidade. Disponível em <[http://www.pti.org.br/sites/default/files/resultado\\_projetos\\_aprovados\\_-\\_edital\\_037\\_2013.pdf](http://www.pti.org.br/sites/default/files/resultado_projetos_aprovados_-_edital_037_2013.pdf)> Acesso em 10 de fevereiro de 2014.



a incipiente percepção e entendimento, tanto da Fundação PTI, quanto de sua mantenedora, a Itaipu Binacional, sobre o fenômeno do Turismo e a relação do Turismo com a produção científica geração de tecnologia e inovação, evidenciada nos discursos e documentos pesquisados:

"Turismo, considero, que é uma atividade social, econômica, cultural, que permite desenvolver um particular território, desde que esse turismo leve em conta os preceitos da sustentabilidade." (ATOR 1).

[...] "o turismo é o que você faz ou também são as ações executadas ou praticadas, por um tempo determinado, um curto espaço de tempo, geralmente que não tenha a ver com sua atividade convencional ou com sua atividade regular". (ATOR 3).

Agrega-se percepção do turismo enquanto:

[...] "uma atividade que congrega lazer, cultura e toda a questão econômica e representa isso para uma cidade, seja do ponto de vista do atrativo, seja do ponto de vista dos meios de hospedagem, seja do ponto de vista de todos os elementos e infraestruturas que compõe o fenômeno do turismo." (ATOR 4).

Outra declaração explicita o entendimento de que:

[...] "o turismo é uma atividade produtiva com capacidade de atração e distribuição no território, por meio de deslocamento de pessoas que buscam novas experiências. E, gera externalidades para a população local, seja por meio de novas estruturas criadas para o turista, como potencializa e induz o desenvolvimento de atividades voltadas a cultura e economia criativa. (ATOR 2)

E ainda: "Turismo é a exploração econômica de um atrativo. Turismo vai existir, se houver um atrativo. É como se explora aquele atrativo, de 'n' formas diferentes. Na relação com o desenvolvimento territorial, turismo é um dos itens." (ATOR 7). A visão que expressa um entendimento para além de uma atividade econômica e cita o Turismo como um sistema complexo:

“Turismo não é simplesmente uma atividade econômica. Ele é um sistema, portanto ele tem uma grande complexidade, ele envolve várias atividades econômicas dentro desse sistema, mas ele envolve também essa interação entre os atores. Passei a entender o turismo com a complexidade que ele traz. Não só como uma atividade, mas como um sistema que demanda, portanto também um olhar e ações em várias dimensões.” (ATOR 5)

Há um relativo avanço nas concepções de Turismo dos gestores entrevistados do PTI. Visto que se identifica o alcance de um status articulador ao desenvolvimento do território, e que este desenvolvimento busca “o alcance da autonomia, liberdade e qualidade de vida dos cidadãos (ALBUQUERQUE, 2013)”. Da mesma forma que a maior parte delas demonstra avanço em relação às convencionais definições e conceitos restritivas, postulados por outras entidades ou teorias ora referenciadas, se sobrepõe a elas a visão de turismo como produto e atividade. Mas, de forma contraditória, não existe indícios de sua articulação como um conhecimento que possibilite ser transposto a este desenvolvimento. Assim, não o articulam como objeto de possível conhecimento científico, ou seja, passível de investigação com método e objeto próprio.

É preocupante essa fragmentação entre teoria e prática, pois os ‘atores’ fazem parte da elaboração de diretrizes e compõem as decisões e ações estratégicas do PTI e influenciam os rumos dos processos instalados. Conforme enfatiza Moesch (2013): “O Turismo é um sistema aberto, mas não pode ser estudado como uma entidade radicalmente isolada. Daí seu conteúdo interdisciplinar.” (MOESCH, 2013, p.24).

Explicitando o entendimento atual da gestão da mantenedora, este está atrelado a uma percepção reducionista do fenômeno do Turismo, limitando a priorização de seus investimentos e esforços a um "conjunto de ações para ampliar a oferta e a qualidade dos seus atrativos, contribuindo para o aumento do tempo de permanência e dos gastos dos turistas. E, conseqüentemente, para a geração de emprego e renda." (ITAIPU BINACIONAL, 2010).

Tal concepção limita as possibilidades de investimento, e até crença, do turismo enquanto campo de conhecimento numa perspectiva da complexidade. E, conseqüentemente, não há um reconhecimento do PTI enquanto um ambiente com possibilidades de desenvolvimento do Turismo com objeto próprio, ficando no campo

da linguagem restrita. “Considerar que só há interesse setorializado é decidir permanecer para sempre no domínio da linguagem restrita. Pelo contrário, aceitar a questão global da existência é abrir-se a uma pesquisa e a um debate em uma linguagem elaborada, iniciando uma busca de sentido para a ciência do turismo (Moesch, 2013, p.28).

Essa mesma observação vale para outras evidências, contidas nos inúmeros documentos emanados para ou pela mantenedora, analisados nessa investigação. O documento que constituiu o Complexo Turístico Itaipu, relatório do IPT<sup>33</sup> traz um arcabouço conceitual, no qual turismo é entendido como “um setor da Economia, e como tal, é preciso que as atividades turísticas, individualmente ou em conjunto, tenham resultado econômico positivo.” (IPT, 2005, p.5). Há uma complementação que diz que:

“Como consequência, pode-se afirmar que o principal objetivo do investimento público em turismo é a capacidade deste gerar empregos e renda e, portanto, melhorar a qualidade de vida da população como um todo e daquela envolvida com a prestação dos serviços turísticos em particular.” (IPT, 2005, p. 5).

Essa acepção explicita uma contradição e um posicionamento alienado sobre o processo. Visto que ao mesmo tempo que cita a busca pela ‘qualidade de vida da população’, reduz tal expressão ao entendimento atrelado somente a geração de emprego e renda, por meio da prestação de serviços. Ressalta-se uma breve menção sobre o turismo também enquanto fenômeno sócio cultural, que não desfaz o entendimento reducionista, fragmentado e desconectado do todo do fenômeno:

“O turismo tem nas diferenças culturais e linguísticas uma fonte de atrativos, enquanto estes mesmos fatores são causadores de conflitos entre nações fora do espaço turístico. Neste sentido, o desenvolvimento do Turismo tem, entre outras consequências, a promoção da paz e da solidariedade dentro e entre comunidades, povos, nações, etnias e religiões.” (IPT, 2005, p.6)

---

<sup>33</sup> Relatório do IPT teve como objetivo descrever as atividades e apresentou os resultados obtidos no período de 01 de abril de 2004 a 28 de fevereiro de 2005, no projeto de consultoria denominado Planejamento Estratégico para Desenvolvimento Turístico da Usina de Itaipu, executado pelo Instituto de Pesquisas Tecnológicas do Estado de São Paulo S/A – IPT – em conjunto com a Fundação de Apoio ao IPT – FIPT.

No documento denominado Política de Turismo da Itaipu – Margem Esquerda, o termo turismo está citado em diversos momentos como uma importante ferramenta de valorização da sua imagem institucional e de desenvolvimento sustentável da região: "o turismo como uma das atividades econômicas que geram maior riqueza e empregos de qualidade, que mais cooperam para a promoção do desenvolvimento regional e a valorização da sua imagem institucional". (ITAIPU BINACIONAL, 2010).

Em seu planejamento estratégico de 2013, encontra-se a mesma perspectiva, sem grandes alterações, inserida em seu objetivo estratégico número 9 como "Potencializar o desenvolvimento turístico da região". A descrição de tal objetivo contempla o seguinte texto:

"Desenvolver e fomentar iniciativas para incrementar a atividade turística na região por meio de articulação com entidades públicas e privadas, visando melhorar a qualidade da infraestrutura e dos serviços oferecidos." (ITAIPU BINACIONAL, 2013).

Nesse sentido, buscando as evidências para o desvelamento dos desafios que se impõem, a ação que poderia amenizar tal desafio e se aproximar da ciência, tecnologia e inovação em Turismo, reporta-se à pesquisa e está pautada no Observatório de Turismo<sup>34</sup> - órgão responsável por realizar pesquisas seguindo a metodologia da Organização Mundial do Turismo (OMT). Ação que conta com apoio e respaldo da Itaipu via a denominada Gestão Integrada do Turismo do Destino Iguaçu<sup>35</sup>. Tal iniciativa tem como foco a pesquisa, contudo, em nenhum momento

---

<sup>34</sup> Em entrevista à radio cultura, em 27 de novembro de 2013, Valéria Mariotti, então diretora do Departamento de Desenvolvimento de Turismo da SMTU – Secretaria Municipal de Turismo de Foz do Iguaçu, declarou que o Observatório é o órgão responsável por realizar pesquisas seguindo a metodologia da Organização Mundial do Turismo (OMT). Afirmou que "agora, as pesquisas que são realizadas na Secretaria Municipal de Turismo terão a tutela da OMT, com estas metodologias. Com isto é possível direcionar melhor o planejamento. A chegada do Observatório profissionaliza os trabalhos", completou. Disponível em <[http://www.radioculturafoz.com.br/observatorio-de-turismo-tras-tutela-da-omt/#.Uxvdd\\_IdVcs](http://www.radioculturafoz.com.br/observatorio-de-turismo-tras-tutela-da-omt/#.Uxvdd_IdVcs)> Acesso em 29 de novembro de 2013.

<sup>35</sup> Conformação das instituições: Itaipu Binacional, Secretaria Municipal de Turismo, *Iguassu Convention & Visitors Bureau*, Fundo de Desenvolvimento e Promoção Turística do Iguaçu e apoio do COMTUR, CODEFOZ, PTI e POLOIGUASSU que tem como objetivo contribuir para o desenvolvimento do turismo no destino em todas as suas dimensões e apoiar o crescimento e fortalecimento do setor. O caráter multi-institucional da Gestão Integrada à torna a principal

fica explicitada intenção de a compor a processos de geração de conhecimento vinculados à lógica do conhecimento. Segundo as declarações da própria Secretaria Municipal de Turismo o observatório tem por objetivo:

“Facilitar o encontro das informações, agilizando o processo de busca dos interessados, estimular a produção acadêmica em turismo, proporcionar benefícios e retornos em divulgação e comercialização para as empresas de turismo e para a economia regional e ainda contribuir para criação de novos produtos e atrativos turísticos e culturais.” (SMTU, 2013).

Vale a observação de Molina sobre os diferentes conceitos de Turismo. Em sua perspectiva eles tem sido insuficientes para refletir o que representa o turismo. De forma que o fenômeno conquistou conotações, significados e efeitos altamente complexos que transcendem as análises quantitativas, pois é resultado de processos sociais e culturais não quantificáveis, mas imprescindíveis para sua compreensão. (MOLINA, 2001, p.12).

Igualmente pertinente se faz a abordagem de Morin sobre a especialização, na qual menciona que nela comporta-se ‘progresso’, efetivamente, “porque o progresso está na especialização do trabalho, que permite o desenvolvimento dos conhecimentos”. No mesmo sentido ele afirma que também produz regressão, no sentido de que:

[...] conhecimentos fragmentários e não comunicantes que progredem significam, ao mesmo tempo, o progresso de um conhecimento mutilado; e um conhecimento mutilado conduz sempre a uma prática mutuante. Podemos dizer que o progresso do conhecimento científico é inseparável dos progressos da quantificação: é incontestável. Mas isso se torna regressão quando há o que Sorokin chama de quantofrenia, ou seja, visão unicamente quantitativa de que toda concepção de qualidades desaparece.

Outro aspecto vulnerável que se destaca é a busca por tutelar seus esforços na OMT. O que reforça a compreensão da redução do objeto do Turismo e fragmentação do todo, explicitado em Moesch (2013):

A própria definição da Organização Mundial do Turismo (OMT) é uma conceituação simplificada, enfatizando o volume aparente de um fenômeno de dimensões qualitativas e quantitativas tão complexas. [...] Consequentemente, o saber turístico é reduzido às informações e sistemáticas sobre seu setor produtivo. (MOESCH, 2013, p.10)

Na perspectiva da atuação da Fundação PTI neste contexto, ressalva-se que o PTI é um parque tecnológico e não um parque **científico** e tecnológico. Mas, para que venha alcançar tal status, precisa avançar na implementação de ações voltadas ao fortalecimento da ciência em todas as áreas. Esse avanço, para o fenômeno turístico, passa pela apreensão do que seja ciência, tecnologia e inovação para o Turismo.

A compreensão sobre ciência, tecnologia e inovação nas falas dos atores da Fundação PTI relatam distintas percepções sobre o assunto: “A tecnologia é operacionalização/implementação atual de nosso conhecimento, técnico e científico. Pode ser desenvolvida para atender uma demanda do setor produtivo como também atender uma necessidade da sociedade.” (ATOR 2).

“Ciência, eu acho que é, a grosso modo a pesquisa ou a validação de hipóteses [...] É porque ciência pode ser muito aquele foco de laboratório, e não necessariamente a ciência tenha só esse foco. Mas acho que o que falta nessa validação das hipóteses, é exatamente a execução. É o resultado. Acho que falta resultado, muito resultado verdade na fundação. A gente fala muito, a gente até estuda muito, mas se pratica pouco. [...] Acho que falta executar o resultado científico, principalmente, mas acho que falta executar a validação das hipóteses mesmo como estudo. [...] Falta o estudo e a aplicação. Já a tecnologia acho que é um pouco pegar um pouco essa ciência e avaliar ela de uma maneira técnica, com aplicabilidade técnica.” (ATOR 3).

Outro ator expõe certa abstração no seu entendimento:

“Ciência pra mim é tão abstrato. Ciência é uma linha de conhecimento, se é que se pode dizer assim, que é multidisciplinar. Que congrega uma série de elementos multidisciplinares. Trazendo pra nossa realidade, pra nossa proximidade, enfim, o turismo não deixa de ser uma ciência.” (ATOR 4)

E outro um entendimento mais objetivo e sintético e com foco na sua interação com a sociedade:

“Entendo ciência como dois processos. Primeiro, gerando conhecimentos para constituição "do ser" enquanto crítico, sujeito pensante e curioso (processo livre). Segundo, vejo a ciência como geradoras de conhecimentos para buscar de explicações ou visando atender alguma demanda específica da sociedade.” (ATOR 2)

Vale explicitar a percepção do Ator 1 sobre o tema, quando indagado sobre a construção científica que ocorre no PTI:

“O Parque hoje é um parque tecnológico. Mas pretende ser um parque científico e tecnológico. E o que precisamos incentivar é que o processo científico comece a fazer parte desse cotidiano dos estudos de realidades. O rigor que a ciência, através de seus diversos enfoques de abordagem ou de procedimento, nos oferece rigor na observação no entendimento. Então é um processo que gradativamente irá se incorporando com o fortalecimento dos grupos de investigação das universidades, os grupos de investigação da própria Fundação e com a abordagem científica nesse estudo da realidade no qual nós queremos fortalecer, especialmente na área do Turismo.” (ATOR 1).

Outra importante evidência sobre a relação entre produção científica e tecnologia está na percepção do Ator 5:

“Não se pode ter um olhar sobre a ciência simplesmente do lado tecnicista. No PTI tem um certo grau de produção científica, de geração de conhecimento. Não há ainda uma maturidade nessa produção no sentido de que os atores que desenvolvem trabalhos e pesquisas pra produção científica eles ainda tem baixa interação ou estão começando em algumas áreas de conhecimento. O que eu posso dizer é que com a vinda da Unila e a evolução da Unioeste, no parque, tem havido uma evolução nos últimos dez anos, bastante significativa. Mas ainda não tão significativa porque justamente estas instituições não tem o como pesquisa. E aí especialmente na área do Turismo é zero. Não há pesquisa.” (ATOR 5)

Complementando a análise com a percepção da Itaipu, sobre ciência e tecnologia, percebe-se que também é uma reforçadora desta atitude limitadora da atuação destes processos no tema Turismo: “Tecnologia é um termo que engloba o encontro da ciência com a engenharia para o benefício da sociedade e transformação da realidade.” (ITAIPU, 2008, p.83). Esta evidência é reforçada pelo

entendimento por parte do próprio corpo estratégico na Fundação PTI, na percepção dos atores entrevistados:

“O excesso de reflexão e pouca ação que por vezes as Ciências Sociais Aplicadas padecem. Isto dificulta a implementação de propostas para serem testadas na prática. Deveria ser pensada a inclusão da dinâmica que as denominadas ciências duras aplicam, que é o empirismo, embasado em suposições que precisam ser testadas para refutar ou aprovar as hipóteses. Assim, deveria ser possível, após os estudos e análises propor alternativas de implementação dentro de uma visão reflexão-ação. Outra, em função das dificuldades apontadas no item anterior não há ainda na Fundação PTI e na própria ITAIPU, um entendimento da aplicação científica nessa área. Por outro lado a dinâmica de mercado, na qual se insere o Complexo Turístico Itaipu, deixa poucas margens para esse tipo de intervenção. Mas, é preciso ampliar os estudos e proposições sobre a visão econômica do processo do Turismo, para o enfoque do desenvolvimento territorial.” (Ator 1)

Esta declaração imprime algumas contradições. Em dado momento há um avanço quando se reconhece as limitações de ambas instituições na apreensão do que se denomina “aplicação científica ao Turismo”. Morin (2010, p.101) comenta que: “Os fenômenos progressivos/regressivos, ou seja, que fazem progredir simultaneamente o conhecimento e a ignorância, constituem progressos reais; quero dizer que, a meu ver, reconhecer uma ignorância e uma incerteza constitui progresso.”

Porém, simultaneamente há um certo retrocesso, visto que se recorre a uma visão de que sobre o Turismo deveria recair a lógica das ciências duras, com suposições a serem testadas para serem aceitas ou refutadas. Cabe aqui observação de Morin (2010):

[...] sabemos também que, na Ciência, as consequências dos progressos de conhecimentos não são necessariamente progressivas. (...) durante muito tempo, o método fundamental da Ciência foi o experimental, que consistia em tomar um objeto ou um ser e colocá-lo em condições artificiais para tentar controlar as variações nele provocadas. Ora, a experimentação, que serviu para alimentar os progressos do conhecimento, provocou o desenvolvimento da manipulação, ou seja, das disposições destinadas à experimentação, e essa manipulação, de subproduto da Ciência, pôde tornar-se o produto principal no universo das aplicações técnicas, onde, finalmente, se experimenta para manipular (em vez de manipular para experimentar). Em outras palavras, as potencialidades manipuladoras de que acusamos os Estados foram produzidas pelo desenvolvimento do próprio conhecimento científico, ou seja, o conhecimento científico tem



caráter tragicamente ambivalente: progressivo/regressivo. (MORIN, 2010, p. 101)

Cabendo ainda o entendimento de que Moesch (2013) que:

As “pesquisas” assim apreendidas frequentemente se convertem em pequenos estudos estatísticos sobre os mais insignificantes assuntos. Evidentemente, não negamos a importância dos instrumentos de medida das Ciências Humanas. O que nos parece contestável é a pretensão de se conhecer os fenômenos apenas pelos instrumentos metodológicos, como se eles constituíssem o único meio que essas disciplinas possuem para o ingresso na cientificidade e a eliminação da subjetividade. (MOESCH, 2013, p.15)

A busca por imprimir cientificidade ao Turismo requer que alguns entendimentos no contexto da Fundação PTI sejam superados. Visto que o fenômeno carece de compreensão de seu próprio objeto e ao mesmo tempo de apropriação de tal objeto. De acordo com a assertiva de Moesch (2013):

Aqueles que se recusam a tratar de problemas importantes e interessantes, unicamente porque não conseguem usar os instrumentos de medida, a exemplo de Tribe (1997), para os fatores em jogo, condenam sua ciência à esterilidade epistemológica. (MOESCH, 2013, p.15)

Nessa mesma linha, reforça:

Se a metodologia é válida e necessária para a formação dos cientistas humanos, parece-nos que é muito mais enquanto disciplina instrumental, disciplina de indagação e de questionamento sobre a maneira com que eles devem conhecer seu objeto. Sendo, pois, seu objeto de estudo um fenômeno social. Destacamos, então, que o objetivo de uma ruptura epistemológica não é o de dar uma série de respostas, mas de fornecer outros métodos de pensamento que não os das ciências naturais, na esperança de que isto contribua para tornar as práticas sociais, no estudo particular – o turismo – por um lado, mais responsáveis e humanas. (MOESCH, 2013, p.15)

Outro questionamento fundamental diz respeito às temáticas na relação do Turismo enquanto campo do conhecimento em ciência, tecnologia e inovação. Para tal, a observação do entrevistado:

“Se nós consideramos a questão do turismo com essa visão do desenvolvimento do território, acredito que do ponto de vista científico, nós temos que avançar no desenvolvimento de estudos sobre todos os enfoques disciplinares, numa visão transdisciplinar da questão, na qual tenhamos o olhar da sociologia, da psicologia, da economia, da administração, do turismo em si como uma tecnociência, que precisa desenvolver-se. Considero que desde o Parque podemos fomentar esses estudos, buscando entender todos esses fenômenos associados ao turismo. Não somente compreender os processos dos territórios que acolhem o turismo, que desenvolvem o turismo, como funciona isso e também entender a lógica do turista. Por que o turista existe, o que o motiva pra poder ter um entendimento científico desses comportamentos de modo que a partir desses estudos consigamos sim propor soluções pra o turismo. Solução não é simplesmente definir novos destinos, novos produtos, mas também poder estudar os impactos que este Turismo pode causar em um particular território. Sob o ponto de vista de tecnologia, em função da vasta gama de assuntos que o turismo traz, desde questões de logística, gestão, gastronomia, tecnologia da informação, mobilidade, enfim, tem uma variedade de atividades sócio econômicas que fazem parte da cadeia produtiva do turismo, então nós, desde o Parque, podemos aportar com tecnologias relacionadas com cada uma dessas áreas que nós acabamos de mencionar.” (ATOR 1).

Nas falas dos entrevistados evidencia-se que no mesmo tempo que a tecnologia é admitida como algo para atender a demanda da sociedade não se explicita tal processo vinculado ao contexto social/advindo de outros saberes que não o técnico ou científico, como as tecnologias sociais, por exemplo. Na mesma linha, se tem de forma incipiente a relação de ciência tecnologia e inovação, mencionado pelos entrevistados a partir do momento em que foram diretamente questionados sobre o assunto.

A percepção de que o turismo deve ser estudado sob a ótica das diversas áreas do conhecimento é válida, mas carece de avanços. Para Krippendorf (1984 apud MOESCH, 2004) o turismo constitui-se como um dos fenômenos mais significativos de nossa época; e compreender como seus elementos são conectados, suas causas e os efeitos, os desejos e as realidades, impõe aos que intencionam fazê-lo a necessidade de entender o funcionamento do mecanismo antes de conseguir determinar os meios de controlá-lo, modificá-lo e melhorá-lo. Ainda, previne para a dificuldade de reconhecer as conexões, caso se limite a uma visão estreita disciplinar: “Mas se nós ampliamos o campo de investigação, nós constatamos de repente como cada elemento é importante e exerce uma influência.

O sujeito torna-se então cada vez mais amplo, o trabalho, o habitat, os lazeres, a vida inteira está envolvida.” (KRIPPENDORF, 1984, apud MOESCH, 2004, p.148).

Fica, nessas evidências, explícito que o entendimento sobre ciência e tecnologia não está claro e nem apropriado a todo o corpo da alta administração de forma consensual. Isso somado ao contexto conjuntural exposto, reforçado pela influência político-institucional oriunda da mantenedora, remete a compreensão de dois movimentos necessários, visando a superação de tais desafios desvelados: o primeiro é o de institucionalizar a ação do debate e da reflexão (ação-reflexão), para a composição da ação estratégica da Fundação PTI, com vistas ao um segundo movimento, que seria a superação e fluidez do entendimento sobre a relação existente entre ciência e tecnologia e os objetivos e resultados estratégicos que se pretende alcançar com vistas ao desenvolvimento territorial. Para então a composição de suas ações. Da mesma forma, constituir tais movimentos como uma postura voltada a sua organicidade, a todo corpo estratégico e tático da Fundação PTI. E certamente às intencionalidades e ações em Turismo.

Fundamental e relevante pautar as evidências discorridas até então para compreender que o cenário para a implantação de processos de geração de conhecimento, baseados em uma concepção o Turismo enquanto fenômeno sistêmico e complexo, não se encontra fértil e/ou amadurecido. Está evidente que a pesquisa básica<sup>36</sup> e aplicada sobre Turismo é incipiente e que se faz, portanto, necessário articular com atores aptos a desenvolver tal processo e estimular sua ocorrência e fortalecimento. Intensificar este processo no território é um dos grandes desafios a ser superado. Moesch (2013) reporta que:

Para a construção de uma teoria do turismo, sob uma concepção interdisciplinar, requer a superação de paradigmas fossilizados em muitos discursos acadêmicos, institucionais e profissionais. Revisitar as teorias do turismo a partir das novas práticas sociais deste fenômeno não é

---

<sup>36</sup> Na pesquisa básica busca-se o conhecimento novo sobre as leis fundamentais da natureza ou da sociedade, deste modo, não há preocupação nem previsão de aplicação. Portanto, constitui local privilegiado para a formação de recursos humanos qualificados. O seu processo exige uma rigorosa aplicação da metodologia científica. Nela, inexistente a preocupação com a manutenção de segredos. Nessa área, a presença de estagiários, bolsistas e outras pessoas, cujo interesse precípua é aprender e dominar uma metodologia, não desperta o interesse econômico das empresas. Daí ser imprescindível que a pesquisa básica receba financiamento público, pois, além de produzir ciência, ela estará formando pessoal preparado para assumir posições na pesquisa aplicada e industrial e, como tal, pode trazer desenvolvimento ao país. (BORTOLOZZI, 2011)

compromisso exclusivo dos pesquisadores e educadores dos cursos da área, no Brasil. Essa preocupação epistemológica deve recair, também, sobre consultores e políticos que atuam no setor, cujos discursos eufemísticos apontam números grandiosos, sem se ater ao papel dos sujeitos consumidores e produtores envolvidos e todas as implicações que este fenômeno complexo estabelece. (MOESCH, 2013, p.11)

Diante da conjuntura, uma das possíveis hipóteses para a diluição das iniciativas e ações de ciência, tecnologia e inovação em Turismo no PTI e seu território do entorno esteja justamente pautada na complexidade desse fenômeno. O que denota uma fragilidade fundamentada especialmente por não haver um entendimento transparente e minimamente consensual acerca do fenômeno em toda sua amplitude. E conseqüentemente das possibilidades enquanto campo de conhecimento em ciência, tecnologia e inovação.

#### **4.2 Limites e possibilidades de atuação do Parque Tecnológico Itaipu no Turismo enquanto vetor de desenvolvimento territorial**

A indagação das possibilidades de atuação de um parque para o desenvolvimento do turismo passa pela compreensão de que tipo de conhecimento (ciência, tecnologia, inovação) um parque tecnológico pode gerar para o desenvolvimento do Turismo. Do mesmo modo, esta compreensão deve considerar o cenário conjuntural e o *status quo* como resultado de todo o cenário. Assim, visando apreender quais externalidades<sup>37</sup> são geradas para a comunidade de seu

---

<sup>37</sup> A externalidade é algo que está fora. Esse fenômeno econômico pode ser classificado em positivo ou negativo, quando no preço do bem colocado no mercado não estão incluídos os ganhos e as perdas sociais resultantes de sua produção ou consumo, respectivamente. A externalidade designa uma falha de mercado, no sentido de que o produto posto no mercado não possui um preço que contenha em si todos os ganhos ou perdas resultantes da sua produção. Ou seja, são atividades que envolvem a imposição involuntária de custos ou de benefícios, de modo que têm efeitos positivos ou negativos sobre terceiros sem que estes tenham oportunidade de o impedir e sem que tenham a obrigação de os pagar ou o direito de ser indenizados. Quando os efeitos provocados pelas atividades são positivos, estas são designadas por externalidades positivas. Quando os efeitos são negativos, designam-se por externalidades negativas. Disponível em <<http://www.ipam.org.br/saiba-mais/glossariotermino/Externalidade/35>> Acesso em 12 de fevereiro de 2014.

território de atuação desde esse ambiente de inovação, há que se entender previamente que elas podem ser propositivas ou desconstitutivas.

A partir dessa clareza emerge voluntariamente um processo compreensão-reflexão-ação, para então, o alcance de um planejamento pautado em buscar e agir efetivamente focado em gerar externalidades propositivas. Desta forma, as ações do PTI para o desenvolvimento devem, em sua concepção e planejamento, considerar quais as possibilidades são efetivas para a comunidade. Reconhecendo quem é essa “comunidade” e, a partir desse reconhecimento construir um caminho de forte interação com ela. Para Beni (2006):

A construção de ambientes inovadores e criativos está diretamente relacionada aos movimentos dos grupos locais quando estes percebem as diversas maneiras de produzir e reproduzir o desenvolvimento a partir do relevante papel de cada grupo no conjunto dos territórios e da sociedade. (BENI, 2006, p.185)

Esse argumento é reforçado por Molina (2001, p.35), que demonstra uma postura avançada sobre a questão da humanização em sua conceituação de turismo. Assim, sugere um planejamento turístico que envolva a comunidade locais e para além disso, que ela surja da organização e auto-gestão das comunidades. Ele também se posiciona como um crítico audaz dos modelos equivocados de desenvolvimento turístico muito frequentes nos países latino-americanos. Muitos centros turísticos tornaram-se verdadeiros enclaves, onde alguns enriquecem como resultado da exploração do produto turístico, enquanto o restante da população permanece à margem do processo decisório e do acesso à renda (2001, p.35). Assim a população local se vê apartada não só do meio natural que lhe pertence, mas igualmente do processo de desenvolvimento.

O que torna igualmente essencial o entendimento da dinâmica do capital social<sup>38</sup> existente no território. “[...] é preciso reconhecer, pois, que há um

---

<sup>38</sup> Nessa direção, o modelo de Putnam, apesar de todas as críticas a ele feitas, é essencial para compreender o papel do capital social e as características da organização social e da cultura para melhorar a eficiência da sociedade, por meio da facilitação das ações coordenadas. O pressuposto fundamental da teoria de capital social é de que, tanto no sentido econômico quanto político, a cooperação voluntária é imperativa para alcançar objetivos comuns. (BAQUERO, 2006, p.41)

componente cultural, historicamente enraizado, que pode obstaculizar ou contribuir para a promoção desta alavanca peculiar do desenvolvimento regional que é a disposição para a cooperação (PAIVA<sup>39</sup>, 2011). Compreendendo que em alguns contextos, especialmente quando tal processo se encontra incipiente, a ação que se caracterizará como “princípio primeiro” será justamente primar pelo fortalecimento deste capital social.

Quanto aos limites e possibilidades, compreende-se, portanto, que estão atrelados aos desafios, tanto internos quanto externos, que impactam diretamente na atuação da Fundação PTI. Um dos desafios internos da Fundação PTI está a necessidade de fortalecer o processo de geração de conhecimento para o Turismo, e assim, como possibilidade pulsante, promover a transposição para todo o território e suas comunidades partícipes em inúmeras frentes e dimensões. Essencial, neste sentido, compreender o estágio em que se encontra a percepção e entendimento dos atores da Fundação PTI e de sua mantenedora, a Itaipu Binacional em torno tema desenvolvimento e como se dá a sua relação com o turismo. Esta compreensão deverá imprimir evidências sobre os limites e possibilidades, especialmente no que tange às intenções das escolhas filosóficas e políticas da Fundação PTI em relação ao Turismo e sua relação com a produção do tipo de turismo gerado. Além de desvelar outros limites, ainda não considerados.

Inicia-se com a análise das diretrizes conceituais da mantenedora. A evidência primeira da análise é que não há um documento específico que indique a política de Desenvolvimento da Itaipu Binacional, a exemplo da política de Turismo. Os vários conceitos e entendimentos foram extraídos do discurso contido em diversos documentos da mantenedora. Desta forma, toma-se como ponto a missão da Itaipu Binacional, no qual se tem o primeiro recorte para apreender o entendimento sobre desenvolvimento: “*Gerar energia elétrica de qualidade, com responsabilidade social e ambiental, impulsionando o desenvolvimento econômico, turístico e tecnológico, sustentável, no Brasil e no Paraguai.*” (ITAIPU BINACIONAL, 2003, p.5).

---

<sup>39</sup> Curso “Teoria e Planejamento do Desenvolvimento Econômico Regional”, ministrado por Carlos A. Paiva, de novembro a dezembro de 2011 – realizado no Parque Tecnológico Itaipu Brasil.

Sua visão está descrita da seguinte forma: “Até 2020, a Itaipu Binacional se consolidará como a geradora de energia limpa e renovável com melhor desempenho operativo e as **melhores práticas de sustentabilidade do mundo, impulsionando o desenvolvimento sustentável e a integração regional.**” (ITAIPU BINACIONAL, 2012, s/p) (grifo nosso).

Percebe-se que não há compreensão explícita de um desenvolvimento multidimensional, no momento em que se especifica e qualifica o desenvolvimento que será gerado: “econômico, turístico e tecnológico”. Ao mesmo tempo em que há consideráveis avanços quanto a um processo das *melhores práticas de sustentabilidade do mundo*, bem como na intenção expressa “desenvolvimento turístico”. O mesmo relatório traz expresso qual o intento de melhoria da qualidade de vida das comunidades:

“Com o propósito de impulsionar o desenvolvimento econômico, turístico e tecnológico sustentável estabelecido na missão da Entidade, a ITAIPU aumentou a sua participação em projetos sociais, coordenados com os setores públicos e privados da região, voltados para a melhoria da qualidade de vida das comunidades e para a conservação ambiental.” (ITAIPU BINACIONAL, 2003, p.23).

A intencionalidade da empresa vem sendo reforçada e ampliada com o passar dos anos e fica mais evidenciada na fala dos diretores, no texto de abertura do Relatório de Sustentabilidade, 2008. Na declaração de seu diretor-geral, Jorge Samek está a seguinte redação:

“O empenho para uma inserção na comunidade baseada nos valores da inclusão social e da solidariedade entre as pessoas e do cuidado com a natureza tem sido uma marca da Itaipu. Tudo isso porque acreditamos que contribuir para a **construção de uma sociedade livre, justa e solidária é a essência de nossa missão como empresa pública binacional.**” (ITAIPU BINACIONAL, 2008, s/p) (grifo nosso).

No relatório de 2012, o diretor reforça o posicionamento da Itaipu como empresa pública, que se propõe a ser indutora do desenvolvimento regional:

Em nossos 39 anos de história, colocamo-nos como indutores do desenvolvimento regional. Alinhamos nossas ações para cooperar com políticas públicas, e firmamos parcerias com governo federal, estadual,

municipal, terceiro setor, instituições de ensino e empresas privadas para juntos enfrentarmos os problemas sociais e ambientais da região trinacional. (ITAIPU BINACIONAL, 2012, s/p)

O desenvolvimento sustentável, pautado em três pilares (econômico, social e ambiental, está evidenciado em diversos momentos). Da mesma forma que se relaciona este conceito fortemente alinhado a uma perspectiva mais humanista do processo. Na fala do então diretor jurídico, Sr. João Bonifácio Cabral Junior:

**"o conceito de sustentabilidade, pelo qual somente há desenvolvimento com atenção aos aspectos sociais e ambientais, além dos econômicos,** guarda estreita correspondência com os fundamentos, objetivos e princípios previstos na Constituição Federal de 1988. A Diretoria Jurídica da Itaipu está plenamente engajada na defesa e promoção do desenvolvimento sustentável, reconhecendo que uma sociedade que não cuida também do homem e do meio ambiente jamais será uma sociedade justa e solidária [art. 3, I, CF]. (ITAIPU BINACIONAL, 2008, s/p). (Grifo nosso)

E também do seu Diretor Administrativo, Sr. Edésio Franco Passos:

"A forte busca da sustentabilidade empresarial exigiu da Itaipu um novo olhar sobre a gestão de pessoas. Um dos grandes desafios da mudança da cultura organizacional tem sido a geração de novas competências alinhadas à conscientização e assimilação de valores essenciais, éticos e socioambientais, através da educação, capacitação e outros projetos. Nesse contexto, a Itaipu direciona suas ações para o desenvolvimento das pessoas, atuando como um dos principais catalisadores da necessária transformação social, individual e coletiva." (ITAIPU BINACIONAL, 2008, s/p)

Cabe destacar que o PTI é caracterizado como estratégico instrumento no alcance do desenvolvimento proposto pela empresa, na sua região de influência, conforme citação explicitada em seu Relatório de Sustentabilidade 2005:

"Na margem esquerda, o Parque Tecnológico Itaipu – importante instrumento da Entidade para contribuir com o desenvolvimento socioeconômico, especialmente na região de influência da Usina – transformou-se em Fundação, ente de natureza jurídica mais adequada para o cumprimento de suas finalidades." (ITAIPU BINACIONAL, 2005, p.6)



Em diversos momentos pelas ações relatadas, reforça-se a intencionalidade de se buscar/contribuir/incrementar/fomentar o desenvolvimento sustentável, visto as inúmeras vezes que são citadas como sua finalidade a promoção da “qualidade de vida” das comunidades/sociedade. Porém, tal entendimento ainda não evidencia constituir-se como processo de organicidade da empresa. Ou seja, não estão plenamente apropriados e/ou sistematizados em políticas de desenvolvimento e turismo, de forma a serem materializados em ações e projetos, que poderiam estabelecer conhecimento, tecnologia e conseqüente transposição ao desenvolvimento territorial.

Com a consciência de que é imprescindível desenvolver iniciativas para beneficiar a região onde está inserida, **em 2003 a Itaipu ampliou seu papel de agente indutor do desenvolvimento sustentável.** Seguindo essa premissa, **foram criados os primeiros projetos voltados às áreas da saúde, que se estenderam para educação, turismo, infraestrutura e capacitação profissional,** que atendem brasileiros, paraguaios e argentinos em situação de vulnerabilidade social. Em todos esses anos de trabalho articulado, várias conquistas já foram alcançadas. Entre elas estão a contribuição para a construção de políticas públicas na área da saúde pelo programa Saúde na Fronteira, o combate ao analfabetismo entre jovens e adultos e a consolidação de Foz do Iguaçu **como um polo educacional e tecnológico e um dos principais destinos turísticos do país, atraindo milhares de estudantes e turistas anualmente.** (ITAIPU BINACIONAL, 2012, p.73) (grifo nosso).

A Itaipu Binacional passou a exercer um papel importante no turismo, quando oficialmente se tornou o segundo atrativo mais visitado do município, logo atrás do Parque Nacional do Iguaçu. Aliás, progressivamente a empresa foi estendendo sua participação nas instâncias de governança, para além do papel de atrativo, senão ao incorporar na sua política, diretrizes específicas de turismo em 2010, reforçando sua atuação de forma a influenciar diretamente na superestrutura, chegando assumir a presidência do Fundo Iguaçu.

Desta forma, a declaração explícita de o parque assumir o papel de desenvolvimento socioeconômico, não é suficiente para estabelecê-lo como tal instrumento estratégico. Especialmente no que tange o Turismo, não há evidências de compreensão da intrínseca relação entre o fenômeno e Desenvolvimento Territorial numa perspectiva multidimensional que vão para além de um posicionamento político-institucional de sua diretoria. No relatório dos resultados do

Complexo Turístico Itaipu, de 2012, a fala do diretor-geral brasileiro, da Itaipu Binacional expõe:

“Não obstante as inúmeras conquistas, devemos buscar sempre aperfeiçoar a nossa atuação, com vistas à construção de **um novo modelo de desenvolvimento territorial, que apresente a sustentabilidade como um de seus pilares estratégicos e o turismo como um dos meios para atingir esse fim.** Para tanto, é necessário **ampliar a visão e enxergar o turismo como um sistema aberto,** composto por diversos atores e estruturas, com distintos e legítimos interesses. **O desenvolvimento do turismo sustentável depende da inclusão da comunidade local, da participação cada vez mais democrática dos diversos atores que compõem esse sistema e de um alinhamento orientado aos benefícios de toda a região.** Dessa forma, podemos estar preparados para os desafios que já se iniciam neste ano, com a realização de grandes eventos internacionais.” (FUNDAÇÃO PTI, 2012, p.3)

O que fortalece que, de maneira geral, os discursos analisados da Itaipu Binacional, presentes em seus documentos (relatórios) apresentaram avanço em suas compreensões acerca do desenvolvimento sustentável e se aproximam da pauta do desenvolvimento territorial. Porém, contraditoriamente, as práticas relacionadas ao Turismo ainda estão ligadas a um conceito fragmentado de atividade econômica de forte poder de empregabilidade e geração de renda, ou seja, revalidam o entendimento empírico e reducionista sobre os benefícios do turismo.

O fato da intencionalidade estar somente presente no discurso (teoria) e não ter virado uma realidade (prática) se evidencia também pela relação estabelecida entre a mantenedora e a Fundação PTI, no que tange o tema turismo. Ficando destinado ao PTI o papel de atuação no turismo vinculado, quase que de forma exclusiva, à gestão e operação do Complexo Turístico Itaipu. Não há compreensão ou fluidez para outras possibilidades, visto que não há o entendimento do turismo para além de uma atividade econômica e a ausência de compreensão de seu objeto de conhecimento.

A partir do momento em que a Itaipu Binacional estabeleceu em seu Plano Empresarial o turismo como uma de suas prioridades, inúmeras ações foram iniciadas para o alcance de tal intento. Porém, as próprias ações contidas nos relatórios de sustentabilidade enaltecem ainda uma compreensão e um recorte reducionista e fragmentado do fenômeno:

Em 2012, a Itaipu não só quebrou o seu recorde em geração de energia, como também registrou um número histórico de visitantes no Complexo Turístico Itaipu (CTI). Ao todo, foram 529.734 turistas somente no lado brasileiro da empresa, incluindo as visitas institucionais, que são orientadas pelos empregados da área de Relações Públicas da empresa. O CTI, que é operado pela Fundação Parque Tecnológico Itaipu (PTI), atendeu 473.072 pessoas – crescimento de 21% em relação ao ano anterior. Entre os visitantes, 82% eram brasileiros. Em 2012, o CTI recebeu o selo internacional de qualidade ISO 9001:2008, que atesta a sua boa gestão e operação. Além da eleição das Cataratas como uma das novas Sete Maravilhas da Natureza, os fatores que colaboraram para elevar o número de visitantes são a incorporação de novos atrativos, como a inclusão do passeio em veículo elétrico, a contratação de pessoas que trabalharam na construção da usina (ex- barrageiros) para guiar as visitas e contar as suas experiências. Também foram realizadas melhorias, como a reabertura do Ecomuseu e a nova iluminação da barragem.

Reforçando uma postura citada anteriormente: "o turismo como uma das atividades econômicas que geram maior riqueza e empregos de qualidade, que mais cooperam para a promoção do desenvolvimento regional e a valorização da sua imagem institucional". (ITAIPU BINACIONAL, 2010).

Este posicionamento da mantenedora interfere diretamente nas práticas na Fundação PTI, pela relação intrínseca que há entre as duas entidades e conseqüentemente a forte influência político-institucional e econômica exercida pela mantenedora, que acaba induzindo o direcionamento das ações de sua entidade instituída.

É importante, contudo, explicitar que há um amadurecimento no entendimento sobre desenvolvimento para a Fundação PTI. Ainda que não seja de plena apropriação por todos os atores estratégicos pertinentes. Na fala do ator 1, desenvolvimento territorial é:

[...] um processo que pode ser iniciado, ampliado, fomentado em um particular território desde que se tenha uma série de pactos entre os atores desse território. Por ser um mecanismo que pode fazer frente fundamentalmente a crises periódicas que os países e o mundo vivem, a partir do fortalecimento de um processo dentro desse particular território. Para isso há que reunir uma série de condições, que são os acordos que devem pré estabelecer-se entre os diversos setores, eu citaria a quadrupla hélice como esse conjunto de atores. (...) Dessa pactuação deve primeiramente ter-se um conhecimento do que que é esse território sobre todos os pontos de vista, quais os ativos desse território do ponto da educação, ciência, tecnologia, cultura, do seu patrimônio cultural, do seu patrimônio ambiental, quais são as principais cadeias produtivas e potencializar um grande plano de desenvolvimento do território. (...) Se não

há melhoria na vida do pessoal que pertence a esse território, não estamos falando de desenvolvimento. Quando falamos de qualidade de vida significa que nós consigamos ter a totalidade da população com uma vida digna. Vida digna significa: acesso a trabalho, emprego, renda, saúde, acesso à educação, a arte, cultura, o lazer. Evidentemente, promovendo um processo de inclusão social e um crescimento ou uma melhoria da condição social dos menos favorecidos. Então qualidade de vida significa que tenhamos uma comunidade que está segura, porque ninguém atenta contra a seguridade pra tentar suprir suas necessidades por meios ilícitos, uma sociedade que tenha boa saúde, que tenha boa alimentação, que tenha boa educação pra todos, que tenha oportunidades uma sociedade que permita oportunizar ao conjunto de seus membros as melhores condições de dignidade humana. (ATOR 1)

Essa posição do ator 1 pode ser analisada a partir de Demo (1995, p.97) as totalidades históricas se mantêm processo e por isso se transformam, porque contêm dinâmica interna essencial, baseada na polarização. O autor exemplifica que subdesenvolvimento é o contrário de desenvolvimento: no que se afastam, porque exploração de um sobre outro, necessitam-se, porque um não se faz sem o outro.

Para o ator 2, desenvolvimento pode ser entendido como:

"[...] a mudança estrutural no padrão de vida das pessoas, visando a autonomia, liberdade e qualidade de vida. Para buscar este desenvolvimento, existem várias estratégias. Podemos começar pelo recorte territorial, como forma de mobilização de recursos disponíveis no território e que é objeto de controle e planejamento por parte de agentes domiciliados no mesmo. O território expressa as necessidades dos agentes, algumas vezes isso é explícito, outras vezes é implícito, mas compartilham do mesmo "chão". Quando se coloca o desenvolvimento como mudança estrutural deve ser ressaltado que o desenvolvimento é multidimensional, a saber: social e humano; institucional, político e cultural; ambiental; tecnológica e econômica. Entendo que isso ainda não é uma questão de "gosto", pois o pleno desenvolvimento só acontece quando as dimensões são integradas e correlacionadas. No entanto, vejo que existe uma análise de motricidade e dependência das ações por dimensão, pois os recursos são limitados e temos que priorizar aquilo que nos geram maiores impactos para os cidadãos, que possibilita acesso a bens materiais e culturais. E, na perspectiva - não menos importante - é a limitação dos recursos disponíveis para promoção do desenvolvimento e o alinhamento com as especialização do território, "o que sabemos fazer melhor que outros?". Esse é o ponto de partida! Se o ponto de partida não for o correto, buscamos outro, mas precisamos ter um. Portanto, o desenvolvimento territorial é um processo de busca e coesão social dos agentes domiciliados de um território para elaborar e priorizar ações de enfrentamento aos gargalos e aproveitamento das oportunidades, gerando externalidades positivas para as pessoas." (ATOR 2)

O ator 3 expressou sua compreensão com a seguinte declaração:

“Desenvolvimento territorial nada mais é que uma série de ações ou de políticas com foco no aquilo que pessoal fala muito, o desenvolvimento endógeno. Uma série de ações para você possa fomentar o território. Seja da iniciativa pública ou da iniciativa privada ou seja de ambas. É o desenvolvimento interno aqui. A partir das iniciativas do próprio território.”  
(ATOR 3)

Para o ator 4, desenvolvimento territorial se concebe como:

“Eu vejo assim como três grandes pilares pra base, pra sustentação que vai até de encontro com os pilares da própria sustentabilidade: que é econômico, social, cultural e educacional. Acho que esses quatro assim como pano de fundo, pra um desenvolvimento territorial de fato. Que impacte na qualidade de vida das pessoas, e se entendendo por qualidade de vida lógico, ter emprego, ter níveis educacionais melhores, índice de analfabetismo reduzido, extremamente reduzido pra que a gente possa dizer que aquela região foi desenvolvida, há um desenvolvimento territorial. Esse é meu entendimento como um pano de fundo pro Desenvolvimento Territorial.”

O ator 5 traz uma concepção com a seguinte afirmativa:

“O desenvolvimento territorial é aquele que permite que um território, cuja dimensão é estabelecida pelas ligações, interações, proximidade, ele se desenvolva em várias dimensões. Evolua em várias dimensões. Então comumente da minha área técnica a gente tinha um *approach* do desenvolvimento tecnológico, mas esse desenvolvimento tecnológico ele por si só não é desenvolvimento. Ele justamente precisa estar composto das outras dimensões. E a gente consegue perceber isso com muita clareza na prática a medida em que se desenvolve aqui atividades, ações com cunho muitas vezes mais tecnicista, mais técnico, científico, das ciências exatas e percebe que muitas vezes os resultados eles não são atingidos enquanto desenvolvimento. Ou seja, isso comprova que as ações que não são pensadas de forma mais holística, em todas as dimensões elas não promovem realmente o desenvolvimento. Além disso, o componente da necessidade desse desenvolvimento ser demandado pelo próprio território. Estabelecido, onde, quando, quais as ações ou quais as prioridades, a importância disso ser demandado pelo próprio território. Pelos atores desse território. Evidentemente tem horas que um determinado grupo que demanda mais em outros momentos é um outro grupo. Mas é da interação desse sistema que justamente se consegue ter desenvolvimento territorial.”  
(ATOR 5)

Assim para o ator 5 a dinâmica social é feita de dinâmicas contrárias, feitas de convergências e divergências, assumindo a totalidade, para Demo (2000, p. 108),

Toda totalidade é dinâmica e seu movimento resulta do caráter contraditório das diferentes totalidades que a compõe de forma inclusiva e macroscópica. Sem as contradições, as totalidades seriam inertes e não teríamos transformações

Das entrevistas, percebe-se que há uma afinidade maior quanto ao conceito de desenvolvimento, especialmente no que tange as interações e a promoção da qualidade de vida das pessoas. Sobre a relação com o Turismo, tem-se explicitamente a declaração do ator 5, quando questionado quais seriam as ações de ciência, tecnologia e inovação em Turismo desde o PTI:

“Considerando a missão do PTI/FPTI de promover o desenvolvimento do território, e considerando a possibilidade de abordagem holística do turismo e conseqüentemente os efeitos/resultados possíveis no território, a FPTI deveria considerar o desenvolvimento do turismo como prioridade, principalmente em atividades de estímulo ao desenvolvimento científico e tecnológico, criando condições (hoje inexistentes no território) de um turismo inovador, consistente e promotor do desenvolvimento da região oeste do Paraná. Para tanto seria importante um núcleo de pesquisa científica e tecnológica, propulsor no desenvolvimento de novos serviços e produtos para o turismo. A visão da importância de tal núcleo é o desenvolvimento de uma condição diferenciada em várias áreas de aplicação do conhecimento.” (ATOR 5)

Cabe à pesquisa desvelar os processos dinamizadores destas transformações, os quais geram novas totalidades diferenciadas – “a unidade do diverso” (LUKÁCS apud NETTO, p. 58, 2011).

Na perspectiva do Ator 6, desenvolvimento territorial é entendido como:

“Projetos e ações integrados que visam melhoria das condições econômicas e sociais de um território, por isso que a Fundação PTI em contato com parceiros além da Itaipu. A Itaipu, no meu entendimento, colocou a Fundação para trabalhar, também, com desenvolvimento territorial. Quando a Itaipu coloca na sua missão uma parte da atuação da missão trabalhar com o mundo externo da própria usina, ou seja, o que está além da geração de energia elétrica, ela conta com o PTI para fazer esse *link* com o mundo externo. No meu entendimento são os projetos e ações. Projetos aqueles que a gente tem em conjunto com a própria Itaipu, o projeto com o BNDES é o carro chefe e as outras ações são com a rede de contatos que a Fundação tem, mais local, no caso o CODEFOZ, os próprios da área de Turismo, Fundo Iguaçu, conselhos, são ações no caso. E por que que a gente trabalha nesses projetos?! Pra melhorar as condições locais do território, econômicas, sociais. Pelo menos nessas duas dimensões. Se a gente conseguir melhorar estas duas dimensões já vai ter feito um bom trabalho”. (ATOR 6)

A criticidade significa a tomada de consciência por parte do sujeito acerca de sua força transformadora que passa a reivindicar com maior firmeza as coisas que lhe convém, ou seja, passam a reconhecer a existência de uma alternativa e que a organização da produção pode ser diferente.

Apesar do relativo avanço em relação ao indefinido e perfunctório entendimento de sua mantenedora, a Fundação PTI enquanto organização, ainda não tem clareza conceitual sobre desenvolvimento territorial apropriado por seu corpo estratégico. E se distancia de tê-lo difundido numa perspectiva da complexidade. Tal fator favorece a um posicionamento alienado e fragmentado do processo no seu conceito multidimensional. Esse fato, associado ao de uma percepção do fenômeno do Turismo, numa perspectiva reducionista, se constitui como um fator limitador das possibilidades de constituir uma atuação voltada a estabelecer o turismo como vetor de desenvolvimento territorial.

Assim, diante de todo contexto político-institucional e organizacional apresentado, uma das possibilidades pulsantes de reconstituir o turismo como tema de interesse estratégico na relação com o desenvolvimento territorial poderia se dar no contexto do Programa Oeste em Desenvolvimento<sup>40</sup>. Mesmo o programa tendo como recorte o foco em desenvolvimento econômico, na perspectiva metodológica do turismo<sup>41</sup> ser reconhecido como uma das cadeias propulsivas<sup>42</sup> do território há

---

<sup>40</sup> O Programa Oeste em Desenvolvimento tem por objetivo promover o Desenvolvimento Econômico do Território Oeste do Paraná por meio da sinergia das instituições e integração de iniciativas, projetos e ações. É uma proposta de planejamento endógeno do desenvolvimento do Oeste Paranaense, baseado na identificação hierarquização científica de suas cadeias produtivas motrizes (ou “propulsivas”). Isto envolve: 1) socialização, discussão e sistematização da inovadora metodologia de diagnóstico e planejamento do desenvolvimento territorial com agentes e instituições da região; 2) ampliação e consolidação do grupo de trabalho e de seu sistema de governança através da incorporação das principais instituições voltadas ao planejamento do desenvolvimento territorial com atuação no Oeste Paranaense; 3) identificação e hierarquização das cadeias propulsivas da região, bem como do poder multiplicativo global e específico das distintas cadeias; e 4) constituição da secretaria executiva do Programa para estruturar e acompanhar tecnicamente os planos de ação. A priorização da análise e do planejamento das cadeias produtivas propulsivas, segue o princípio de que se não se desenvolve as forças produtivas, não se consegue desenvolver as forças sociais a longo prazo.

<sup>41</sup> E é evidente que o único município com vantagens competitivas inatas no segmento turístico é Foz do Iguaçu. [...] Produtos turísticos também são objetos de produção e construção. Mas – tal como em todas as demais cadeias – as competências turísticas se produzem no interior da produção dos próprios serviços turísticos. Tal como Smith ensinava e *marshallianos* e *schumpeterianos* contemporâneos teorizaram, aprende-se, fazendo; o *learning* é um subproduto do *doing*.

grandes possibilidades de atuação, desde que haja um avanço na compreensão do Turismo enquanto um fenômeno complexo e intersetorial, buscando não incorrer no erro da linguagem restrita<sup>43</sup> e também a adoção de uma postura interdisciplinar para o tema<sup>44</sup>.

Especialmente para que o processo de articulação das ações voltadas a mitigar os gargalos e elos fracos do sistema do Turismo, tenham uma abertura à comunidade e não fiquem restritos a decisão dos atores tradicionalmente protagonistas e partícipes de seu sistema, especialmente aqueles relacionados com o que BENI (2008, p.50) denomina em seu modelo referencial para o Turismo, o SISTUR<sup>45</sup>, de “conjunto das ações operacionais – AO<sup>46</sup>” e aos que compõem a chamada “superestrutura<sup>47</sup>” do conjunto da organização estrutural.

---

Objetivamente, defendemos o ponto de vista de que os recursos turísticos de Foz do Iguaçu são tão expressivos que é de se esperar o transbordamento de suas competências para o entorno, através do aproveitamento do lago de Itaipu, do Parque Nacional do Iguaçu e dos atrativos atuais e potenciais da Tríplice Fronteira. E os investimentos necessários à qualificação dos municípios do entorno poderão se realizar dentro da lógica privada, a partir de sistemas aptos a gerar benefícios significativamente superiores aos seus custos. Vale dizer: não há necessidade nem se extrai vantagem social do fornecimento de subsídios públicos para o desenvolvimento de equipamentos turísticos fora de Foz do Iguaçu. Se investimentos do mesmo montante realizados neste município geram benefícios privados maiores, qualquer tentativa de “espraiair” a indústria turística com base em subsídios em atrações e equipamentos fora de Foz do Iguaçu envolve má alocação de recursos públicos.

- <sup>42</sup> Carlos Paiva, 2011 elenca os fundamentos extraídos das leituras de Douglas North, na qual se persegue uma distinção ‘básica’ entre atividades propulsivas - voltadas à exportação, ao atendimento de demandas externas autônomas - e as multiplicativas - voltadas ao atendimento das demandas de consumo que se impõem no território como desdobramento da renda auferida nas atividades propulsivas. O que garante unidade regional a um conjunto de localidades não é a especialização em uma mesma atividade produtiva, mas a solidariedade representada por atividades distintas mas que se solidarizam na medida em que são elos (distintos) de uma mesma (ou de algumas mesmas) cadeia(s) de exportação. Cadeias Propulsivas podem, portanto, ser entendidas como as compostas pelas atividades propulsivas, que por sua vez são aquelas voltadas à exportação, ao atendimento de demandas externas autônomas.
- <sup>43</sup> O caráter multisetorial aponta os empreendimentos no campo das práticas turísticas com pouca inovação tecnológica ou com transposições que não se adéquam aos desafios da sustentabilidade ambiental, econômico e social. (MOESCH, 2011)
- <sup>44</sup> O conteúdo interdisciplinar do objeto turístico solicita construções investigativas associadas às áreas das ciências sociais aplicadas (sociologia, história, antropologia, economia, direito, administração, psicologia, educação, comunicação), como das ciências da natureza (geografia) e da própria filosofia na definição de sua *episteme* (MOESCH, 2011).
- <sup>45</sup> O SISTUR busca descrever a complexidade do fenômeno do turismo a um modelo referencial que utiliza a noção de sistema para retratar a diversidade e dinâmica das variáveis envolvidas, permitindo obter uma conformação ordenada de como se processam os movimentos e as inter-relações das funções turísticas com os componentes do Sistema de Turismo.



O que é fundamental, internamente, é ter uma compreensão mínima dos limites e possibilidades de atuação da Fundação PTI enquanto geradora de conhecimento em Turismo. Por meio deste processo constituir-se como impulsionadora das conexões necessárias para o desenvolvimento turístico como vetor do desenvolvimento territorial. Vale a observação do Ator 6, sobre a atuação da Fundação PTI, que entende que se deve:

“[...] estimular o olhar dos atores para os modelos que funcionam. E esses atores é que vão se movimentar. Está na mão deles fazer. A Fundação PTI tem que evitar fazer o papel do Estado. A gente tem que incentivar o Estado a cumprir seu papel: as prefeituras, por exemplo. A Fundação deve ser agente incentivador de políticas públicas. Estimular a interação dos atores” (ATOR 6).

Em sua atuação nos fortes e diversos fóruns institucionais para a influência na composição de tais políticas, a Fundação PTI deve estimular e incentivar propostas em que o aproveitamento do potencial turístico da região e seus desdobramentos ocorra, prioritária ainda que não exclusivamente, de empreendedores e/ou empreendimentos regionais. E que insiram em seus processos lógicas de interação local/regional, estruturando seus patrimônios e gestão deles sem grande evasão de divisas para fora do território, pautados numa lógica de distribuição de renda e de geração de riqueza para o território. “Comunidades menos cívicas também crescem. Ainda que deixem evadir parcela expressiva de recursos financeiros, que poderiam ter sido canalizados para a aceleração do desenvolvimento local.” (PAIVA, 2011).

Essa lógica de interação local poderia ser um estímulo à conexão entre as cadeias propulsivas do território, de forma a ampliar as ramificações e desdobramentos econômicos e desenvolvimento do próprio Turismo. “O Turismo

---

<sup>46</sup> Em sua obra *Análise Estrutural do Turismo*, Beni compõe ações operacionais àquelas relacionadas ao mercado, no qual estão três questões centrais: o que produzir, como produzir e para quem produzir. Assim, denomina tais ações como subsistema do mercado.

<sup>47</sup> “Refere-se a complexa organização tanto pública quanto privada que permite harmonizar a produção e a venda de diferentes serviços turísticos. Compreende a política oficial e Turismo e sua ordenação jurídico-administrativa que se manifesta no conjunto de medidas de organização de promoção dos órgãos e instituições oficiais, e estratégias governamentais que interferem no setor.” (BENI, 2008, p.101).

possuiria uma grande capacidade de atuar favoravelmente frente a essas questões, seja pela dinamização da economia ou pela geração de bem-estar social, por trabalhar com a autoestima da comunidade receptora.” (BRASIL, 2009, p.86). O desenvolvimento *per si* permite a construção de redes, inclusive as comunitárias solidárias. Uma decorrência pontual do que é possível ocorrer a partir daí é que o pequeno, médio e grande empreendedor podem atuar em conjunto por fazer parte do sistema turístico da região, a exemplo da produção orgânica de alimentos que se origina do pequeno produtor local, sendo comercializada pelos restaurantes e hotéis e consumidas pelos turistas. Esta dentre outras inúmeras possibilidades.

Sobre o entendimento do fenômeno do Turismo, valeria revisar e validar o trabalho<sup>48</sup> participativo realizado em 2011, que reconstruiu a concepção de Turismo da Fundação PTI, cujo conteúdo está expresso na RCD 022/12 de 02 de abril de 2012:

Turismo é um fenômeno humano de deslocamento e encontro, organizado por um sistema complexo de relações sociais, atividades econômicas, manifestações culturais e ações políticas, em ambientes que envolvem experiência entre visitantes e visitados. Proporciona trocas, vivências e conhecimentos, agregando valores culturais e históricos à região, bem como disseminando a hospitalidade (Fundação PTI, 2012).

Tal conteúdo poderia dar origem à política de Turismo da Fundação PTI, orientando as ações da organização no tema turismo, dando-lhe consistência e clareza em seu posicionamento institucional. Da mesma forma, estabelecer as ações inseridas na lógica do programa oeste em desenvolvimento, visto que a metodologia constituída para o processo intenciona atuar justamente nos gargalos e elos fracos das denominadas cadeias propulsivas:

---

<sup>48</sup> Releitura dos conceitos utilizados para o Tema de Interesse Turismo da Fundação Parque Tecnológico Itaipu- Brasil em seu planejamento estratégico de 2009, que desenvolveu um arcabouço teórico metodológico apropriado ao novo cenário e intenções político-institucionais da Fundação PTI voltadas ao desenvolvimento territorial. O documento elenca, além do conceito de turismo princípios, abarca também princípios e eixos. Princípios: a) Princípio da Ética; b) Princípio do Respeito; c) Princípio da Interdisciplinaridade; d) Princípio da Simplicidade; e) Princípio do Cuidado; f) Princípio da Cidadania; e g) Princípio da Inclusão Social além de sete dimensões da sustentabilidade: Social Econômica; Ecológica ou ambiental; Espacial ou Territorial; Cultural; Político- institucional; e Tecnológica.

Uma vez hierarquizadas as cadeias propulsivas e/ou arranjos produtivos territoriais de maior capacidade de alavancagem do desenvolvimento no curto, médio e longo prazo é preciso passar à identificação de seus gargalos e potencial inovativo<sup>49</sup>. Ambos devem ser hierarquizados por critérios de economicidade; vale dizer, pelo benefício esperado por unidade de dispêndio (PAIVA, 2013).

Nesse sentido ainda, é fundamental agregar ao quadro analítico desenhado até aqui a recente iniciativa de constituir as plataformas de ciência tecnologia e inovação, que podem ser uma estratégia interessante para consolidar a audaciosa empreitada proposta pela Fundação PTI, expressa pelos objetivos e resultados que pretende alcançar. Oriunda de mudanças<sup>50</sup> do corpo diretivo e de alguns técnicos ocorridas na Fundação PTI, o debate e construção propostos em torno do tema sugeriram o desenho das plataformas de ciência, tecnologia e inovação (C, T & I) em temáticas pertinentes ao alcance da missão do desenvolvimento territorial.

As plataformas podem ser entendidas como: “Sistema composto por infraestrutura, pessoas e serviços especializados de uma ou mais instituições, dinamizador do relacionamento, interação e cooperação, e da gestão do conhecimento, com foco em temática comum.” (FUNDAÇÃO PTI, 2014), vide Figura

---

<sup>49</sup> Importante ter o entendimento de que a metodologia utilizada para analisar o planejamento do desenvolvimento de economias regionais está sistematizada em Faper (apud PAIVA, 2013) se assenta no resgate e exponenciação de vantagens competitivas **endógenas, imanentes ao território**. Assim, o estudo evidencia que o único município com vantagens competitivas inatas no segmento turístico é Foz do Iguaçu. A mesma abordagem argumenta que com tal situação não se pretende “naturalizar” as competências regionais nesta indústria particular. Produtos turísticos também são objetos de produção e construção. Mas as competências turísticas se produzem no interior da produção dos próprios serviços turísticos. Mais do que qualquer outra tarefa, a hierarquização dos gargalos e o ordenamento das ações políticas com vistas à sua superação não pode ser feita sem a contribuição ativa de uma equipe tecnicamente capacitada e capaz de perspectivar o problema de um ponto de vista geral. O mesmo se pode dizer acerca da hierarquização de estratégias inovativas. Quanto mais não seja porque o alargamento dos gargalos mais apertados é, já, uma ação inovadora. Além disso, a contribuição de um corpo técnico não diretamente envolvido nas disputas e contradições que caracterizam as relações entre fornecedores e clientes de sistemas produtivos encadeados é particularmente importante para a depressão das incertezas que permeiam toda e qualquer transação não convencional. Mas a emergência de um corpo técnico com esta capacidade de mediação de conflitos e, por extensão, capaz de balizar e acelerar processos de inovação produtiva está longe de ser trivial. Até porque esta qualificação técnica pressupõe um conhecimento acurado das particularidades técnicas, organizacionais e competitivas de cada indústria e cadeia produtiva. (PAIVA, 2013).

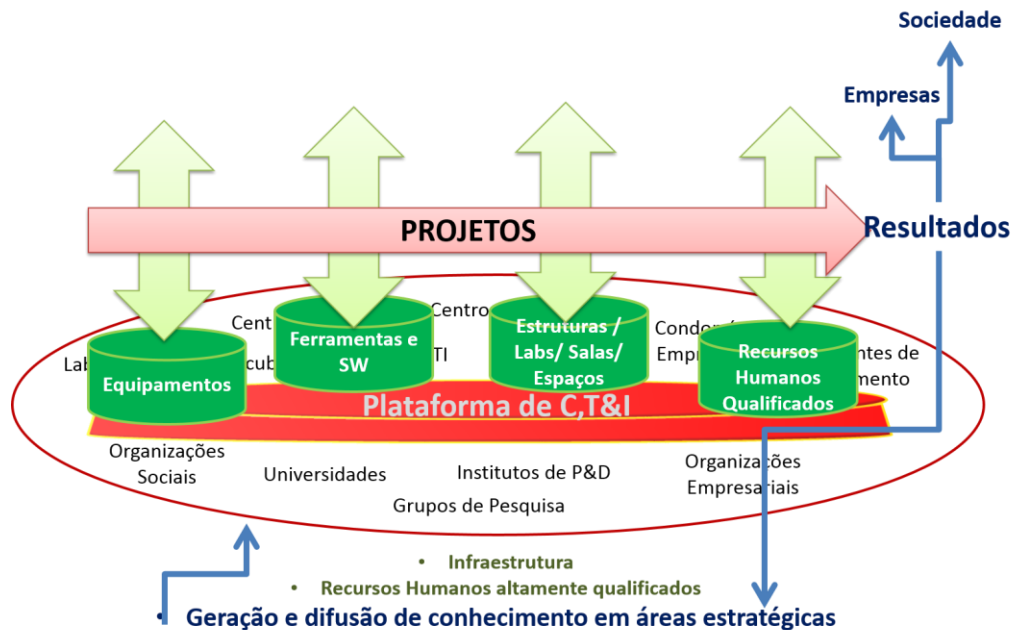
<sup>50</sup> Tais mudanças deram outra lógica e ritmo ao processo que vinha sendo construído, inclusive dos rumos da própria organicidade da Fundação PTI. De modo que o programa PTI Ciência e Tecnologia foi fundido com o programa PTI Pesquisa & Desenvolvimento e ambos se tornaram o atual PTI Ciência, Tecnologia e Inovação – PTI C, T+i.

4.13. Os conteúdos que poderiam ser gerados a partir delas derivariam da interação com os atores do território.



**Figura 4.13 – Conceito genérico de Plataforma de Ciência, Tecnologia e Inovação**  
 Fonte: Fundação PTI (2014)

Na lógica de operação para as plataformas, desenhada na Figura 4.14, a atuação na temática do turismo promoveria a facilitação das articulações necessárias entre os diversos atores para a tomada de decisões, estimularia o planejamento sinérgico, a captação de investimentos e monitoramento dos resultados das ações em Turismo da região.



**Figura 4.14 – Lógica de operação da Plataforma de Ciência, Tecnologia e Inovação**  
 Fonte: Fundação PTI (2014)

Considerando que ‘o turismo’ e ‘os lazeres’ compõem uma relação intrínseca, deve-se sempre disponibilizar à população e aos turistas os espaços patrimoniais e naturais existentes em condições adequadas de fruição. O poder público pode manter parcerias com instituições privadas e organizações não governamentais para alcançar tal objetivo (Moesch, 2003):

O turista só se sentirá atraído ao lazer que uma cidade dispõe, se os espaços e equipamentos de lazer dessa cidade estiverem em boas condições para a própria comunidade local, fazendo com que o cidadão proteja o seu patrimônio material e imaterial, e queira compartilhar com os visitantes essa aura, esse olhar não rotineiro (Moesch, 2003).

Como experiência turística na região trinacional, a ação dos atores locais deve se fazer sentir através da formulação e desenvolvimento de políticas públicas que objetivem a valorização da cultura, que busquem despertar no cidadão o sentimento de pertencimento a um lugar, a uma comunidade, de fazer parte de uma história, de um país rico em diversidade cultural. Assim, Rodrigues (2005, apud OLIVEIRA et al, 2013, s/p) destaca que:

O conhecimento crítico e a apropriação consciente por parte das pessoas e comunidades acerca de seu ‘patrimônio’ são fatores indispensáveis no processo de preservação sustentável desses bens, assim como no fortalecimento dos sentimentos de identidade e cidadania. (OLIVEIRA, 2013, s/p)

Assim, as inúmeras possibilidades de atuação na geração de conteúdos gerados poderiam estar atreladas ao processo dialético de interação com os atores que constituem o capital social do território e atender as demandas fundamentais para a promoção do desenvolvimento territorial, na lógica elucidada neste trabalho. De forma que poderiam ser pautadas algumas, de forma macro: monitoramento de indicadores; desenvolvimento de metodologias e de sistemas de informações estratégicas (*intelligence business*) ligadas ao setor turístico; disseminador do conhecimento e das boas práticas sustentáveis; a criação de conteúdos e de tecnologias sociais.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A estrutura proposta para esta análise tentou capturar o movimento dialético entre a teoria e prática no tema inovação e turismo, visto que a temática, vinculada a ambientes de inovação, é incipiente. Da mesma forma vale destacar que há poucos estudos e investigações realizados, mesmo sendo evidente a existência de diversidade e complexidade nessas conformações sistêmicas.

No caso da Fundação PTI, a intenção de se constituir como um ambiente de inovação, indutor do desenvolvimento territorial, requer uma postura crítica em relação à realidade até o alcance de sua responsabilidade. Isso, necessariamente passa pela compreensão da complexidade do Turismo enquanto fenômeno, que permeia e relaciona processos para além do pórtico da entrada de acesso a hidroelétrica e das ações pontuais demandadas pelos atores institucionais de uma política de turismo, que tem a cidade de Foz do Iguaçu como centralizadora das ações.

A ausência de documentos e/ou políticas organizacionais que sistematizem e estabeleçam um posicionamento institucional claro e disseminado aos colaboradores, empregados e parceiros, se constitui como outra forte evidência da não compreensão de conceitos importantes, os quais poderiam dar a organicidade necessária diante dos temas abordados e desafios deles decorrentes. Tanto para a Fundação PTI, quanto para a sua mantenedora, a incipiência desta compreensão impacta diretamente no papel desempenhado no Turismo e em todas as possibilidades para o alcance do desenvolvimento territorial. Esta carência se constitui como forte reforçador das conclusões alcançadas nesta análise. No caso da Fundação PTI, a presente alienação inerente a sua própria concepção demonstra ainda uma fragilidade da instituição, ao mesmo tempo que sinaliza e abre espaço para o debate de modo que um novo posicionamento possa ser estabelecido.

As inquietudes da pesquisadora frente a este contexto instigante foram aguçadas ao questionar qual seria efetivamente o papel de um ambiente de inovação para o desenvolvimento do turismo regional, com base no território e a relevância desse tema no contexto desse ambiente. Nesse sentido, emergiram possíveis respostas para a questão central desta investigação, em especial: quais as

externalidades que o conhecimento gerado em um Parque Tecnológico pode auferir, na área do turismo, para o desenvolvimento territorial sustentável? Uma das conclusões é que, para serem geradas externalidades que sejam propositivas e efetivas a comunidade beneficiária, em sua concepção e planejamento, é fundamental que se leve em consideração os reais anseios e necessidades da comunidade, e a partir disto se estabeleça um caminho de forte interação com ela, para a construção de redes participativas que contemplem representatividade a partir do relevante papel de cada grupo no conjunto dos territórios e de seu tecido social. Isso torna também fundamental o entendimento da dinâmica do capital social existente no território. A postura de propor um planejamento participativo requer que os limites e possibilidades de atuação e os desafios aos quais estão atrelados, tanto internos quanto externos, sejam gradativamente superados.

Assim, a busca pelo objetivo geral de desvelar os desafios dos ambientes de inovação, ciência e tecnologia no desenvolvimento do Turismo Sustentável, a partir da atuação do Parque Tecnológico Itaipu Brasil - PTI, em Foz do Iguaçu, Paraná, revelou a desconexão do entendimento entre o fenômeno do Turismo e as possibilidades de constituí-lo como vetor de desenvolvimento territorial, que se acentuam frente a redução de seu entendimento como atividade econômica ou apenas a exploração de um atrativo turístico nas práticas do PTI em relação ao tema. Nesse contexto, as propostas até então concebidas e/ou executadas, acabam por não obter resultados de alcances mais amplos, pois se resumem aos espaços pontuais e específicos, por vezes delimitados pelo atrativo da hidroelétrica.

Nestes dez anos de atuação, o protagonismo assumido pelo PTI, com inúmeros resultados voltados para o alcance da missão ampliada da própria mantenedora o evidenciam e constituem como potencial agente dinamizador dos relacionamentos estabelecidos pelos diversos atores do território, o que poderia se dar inclusive no tema turismo. Porém, tal assertiva não está compreendida ou internalizada pela Itaipu Binacional. Portanto, há um desafio premente, que passa justamente pelo alinhamento conceitual e político-institucional com a mantenedora, visando uma possível evolução na compreensão sobre sua atuação e responsabilidades neste contexto.

O papel de um ambiente de inovação que pretenda contemplar estrategicamente o tema o turismo e por meio dele contribuir com o desenvolvimento territorial precisa se constituir como um mecanismo de indução e dinamização, criando as condições necessárias para promover o processo em seu território de atuação. Outra ação imprescindível, atrelada a esta ampliação do entendimento, é a de fortalecer os processos de geração de conhecimento para o Turismo, e a partir daí sim promover a transposição para todo o território e suas comunidades partícipes em inúmeras frentes e dimensões.

Diante da conjuntura apresentada, as possibilidades de superação para os desafios internos e externos apontados emergem. Contudo, fica tácita a indagação de quais serão os rumos do turismo, diante do novo contexto que se inicia na Fundação PTI, o que gera a seguinte indagação. Terá o Turismo sustentação para se inserir ou vir a se tornar tema para uma plataforma? Esse é um desafio de inúmeras variáveis, que se inicia pela ação de deliberação, político-institucional e estratégico, que prescinde de outro para a concretização desse audacioso intento: a necessidade da construção de um “corpo” de pensamento turístico adequado para o apoio e realização de estudos e pesquisas aplicadas ao turismo, que articule o que está sendo produzido e avance nos desafios de uma área historicamente empírica, transpondo conhecimentos às suas práticas que propicie desenvolvimento ao território. Isso só será possível em um ambiente onde já pulse a imaginação criativa, aliada ao conhecimento e tecnologia.

## **5.1 Ações Propostas**

Neste sentido, propomos à Fundação PTI, algumas ações pontuais que poderiam ser pertinentes, sob a ótica do recorte temporal, onde que se insere esta investigação para ser uma agenda de um parque tecnológico com a temática em turismo são:

- a) Construção de metodologias que identifiquem indicadores de impactos econômicos, sociais, culturais, políticos, ambientais e na gestão de serviços turísticos;



- b) Construção de metodologias que deem conformidade à indicadores de sustentabilidade social e cultural para o Turismo transfronteiriço visando novas tecnologias sociais;
- c) Elaboração de metodologias de monitoramento da aplicação de verbas públicas no setor do turismo avaliando os efeitos socioeconômicos na população beneficiada na região de interesse;
- d) Desenvolvimento de metodologias visando especificar o grau de integração e interação (horizontal e vertical) do turismo e outras atividades correlatas (alimentação, indústrias, serviços entre outros);
- e) Apoio ao mapeamento, identificação e conexão dos ativos e elementos (atrativos naturais, culturais, sociais, estrutura, governança local e regional, acessibilidade, sinalização turística, acomodações e hospedagem, políticas públicas locais e regionais, agências e operadoras turísticas, transporte, gastronomia local entre outros) nas localidades que buscam integrar-se à cadeia do Turismo e do lazer numa lógica de regionalização;
- f) Compilar metodologias para especificar o grau de maturação do turismo local, estratégia de marketing, participação econômica, geração de renda e emprego, qualificação da mão-de-obra para o turismo, educação para o turismo, capacidade empresarial para o turismo; objetivo e resultados esperados;
- g) Especificação do grau de organização local, intra regional e inter organizacional, identificar a memória territorial e potencialidade de empreendedorismo;
- h) Desenvolvimento de metodologias de participação na gestão do turismo local, regional;
- i) Descrição da percepção dos moradores e lideranças sobre o turismo e o grau de empreendedorismo no setor;
- j) Identificação do grau de competitividade dos micro clusters com outras experiências globais (vantagens, desvantagens, oportunidades e riscos);

- k) Elaboração de estudos prospectivos de produtos turísticos sob a ótica sustentável;
- l) Elaboração de análises interdisciplinares para subsidiar a tomada de decisões, o planejamento, captação de investimento e monitoramento dos resultados das ações em turismo, inspirando e fortalecendo políticas públicas.

A concepção de Turismo da Fundação PTI evidencia-se ser a mais implicada ao desenvolvimento territorial, que se pauta no aproveitamento das capacidades do próprio território para melhoria da sua competitividade, por meio da inovação; da igualdade no acesso a bens e serviços essenciais ao exercício pleno da cidadania; e da oportunidade de inserções sócio produtivas, resultando no alcance da autonomia, liberdade e qualidade de vida dos cidadãos. Sendo ela:

Turismo é um fenômeno humano de deslocamento e encontro, organizado por um sistema complexo de relações sociais, atividades econômicas, manifestações culturais e ações políticas, em ambientes que envolvem experiência entre visitantes e visitados. Proporciona trocas, vivências e conhecimentos, agregando valores culturais e históricos à região, bem como disseminando a hospitalidade. (Fundação PTI, 2012).

## **5.2 Contribuições**

Como resultado desta pesquisa, evidenciam-se aqui de forma objetiva, algumas das contribuições assimiladas.

No campo do conhecimento:

- a) A necessidade imprescindível de apropriação do Turismo enquanto objeto de investigação científica e tecnológica;
- b) A necessidade premente de serem constituídas referências sobre a relação entre Ciência, Tecnologia e Inovação e Turismo, dada a incipiência de estudos teóricos, pesquisas e outras iniciativas similares, alusivas ao tema;

- c) Este estudo, ainda que de forma ampla, se constitui como referência aos interessados no assunto, pois se constitui como uma análise sobre a atuação de Parques Tecnológicos na temática Turismo;
- d) Relações e conexões entre Turismo e Desenvolvimento Territorial.

No campo organizacional, voltadas a Fundação PTI, para o Turismo, sugere-se as seguintes recomendações:

- a) Estabelecer sua política de Turismo, alinhada à sua missão e concepção de desenvolvimento territorial. Desta forma, estabelecer um processo transparente e sistematizado de suas escolhas filosóficas e político-institucionais diante do contexto em que se insere para pautar as seu planejamento, ações iniciativas e projetos voltados ao tema.
- b) Institucionalizar os espaços (enquanto ação) de debate e reflexão (ação-reflexão), para a composição da ação estratégica da Fundação PTI, para superação e fluidez do entendimento sobre a relação existente entre ciência e tecnologia e os objetivos e resultados estratégicos que se pretende alcançar com vistas ao desenvolvimento territorial.
- c) Promover o alinhamento sobre o entendido de ciência, tecnologia e inovação para posteriormente compor e disseminar as estratégias que se pretende estabelecer em Turismo, enquanto conteúdo de um Parque Tecnológico.
- d) Estimular o estabelecimento de processos inter/transdisciplinares voltados ao turismo, bem como a conexão com outras iniciativas/ações/projetos.
- e) Promover fluxos de comunicação mais fluídos com os atores envolvidos e públicos beneficiários de suas ações, buscando um processo mais participativo e legitimado pela efetiva participação.

### 5.3 Futuras Pesquisas

O recorte foco deste trabalho abordou diversos assuntos, sem contudo aprofundar-se neles, deixando algumas lacunas e permitindo a partir de então um campo de possibilidades para a composição de futuras pesquisas. As pesquisas identificadas são:

- a) A relação entre Ciência, Tecnologia e Inovação e Turismo – Como se constituem as ações e processos de ciência, tecnologia e inovação em ambientes de inovação;
- b) O turismo enquanto vetor de desenvolvimento territorial - as possíveis conexões e inter-relações entre as diversas cadeias produtivas dos territórios;
- c) O Capital Social do território e suas relações com ambientes de inovação voltados ao desenvolvimento territorial;
- d) Modelos de gestão de atrativos turísticos e seu impacto no Desenvolvimento Territorial – as Usinas Hidrelétricas e sua relação com o Turismo e território do entorno;
- e) Sustentabilidade e Desenvolvimento Territorial – Inovação em Turismo desde Parques Tecnológicos;

## REFERÊNCIAS

AGENDA 21 - **Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento**. (1992: Rio de Janeiro). Brasília: Senado Federal, Subsecretaria de Edições Técnicas, 1996.

AGÊNCIA BRASILEIRA DE DESENVOLVIMENTO INDUSTRIAL (ABDI) & ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE ENTIDADES PROMOTORAS DE EMPREENDIMENTOS INOVADORES - PARQUES TECNOLÓGICOS NO BRASIL (ANPROTEC). Programa Nacional de Apoio a Incubadoras de Empresas e Parques Tecnológicos - **RELATÓRIO I Parques Científicos e Tecnológicos – Modelos e programas de apoio bem sucedidos no exterior**. Brasília, 2009.

AGÊNCIA USP DE INOVAÇÃO. Disponível em <<http://www.inovacao.usp.br/empreendedorismo/parques.php>> Acessado em 28 de agosto de 2013.

ALBUQUERQUE, Francisco. **ECONOMÍA DEL DESARROLLO Y DESARROLLO TERRITORIAL**. Junho, 2013. Disponível em <<http://www.delalburquerque.com/inicio.php?page=servicios>> Acessado em 28 agosto de 2013.

ANDRADE, Thales de. Inovação e ciências sociais: em busca de novos referenciais. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. 2005, vol.20, n.58, pp. 145-156. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v20n58/25632.pdf>> Acessado em 10 de janeiro de 2014.

\_\_\_\_\_. Inovação tecnológica e meio ambiente: a construção de novos enfoques. **Ambiente e sociedade**. 2004, vol.7, n.1, pp. 89-105. <http://dx.doi.org/10.1590/S1414-753X2004000100006>.

ANPROTEC – Associação Nacional de Entidades Promotoras de Empreendimentos de Tecnologias Avançadas (Brasil). **Panorama 2006**. Disponível em: <<http://anprotec.org.br/site/pt/incubadoras-e-parques/>> Acessado em 10 de setembro de 2013

\_\_\_\_\_. **Parques Tecnológicos no Brasil: Estudo, análise e proposições**. Brasília, DF, 2008. Disponível em: <<http://www.anprotec.org.br/>>. Acessado em 12 de junho de 2011.

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE ENTIDADES PROMOTORAS DE EMPREENDIMENTOS INOVADORES (ANPROTEC) E MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E INOVAÇÃO/MCTI. **Estudo, Análise e Proposições sobre as Incubadoras de Empresas no Brasil – relatório técnico**. Brasília: ANPROTEC, 2012. Disponível em: [http://www.anprotec.org.br/ArquivosDin/Estudo\\_de\\_Incubadoras\\_Resumo\\_web\\_22-06\\_FINAL\\_pdf\\_59.pdf](http://www.anprotec.org.br/ArquivosDin/Estudo_de_Incubadoras_Resumo_web_22-06_FINAL_pdf_59.pdf). Acessado em 28 de janeiro de 2013.

AROCENA, José. **El desarrollo local: um desafio contemporâneo**. Uruguai: Taurus, Universidad Católica, 2002.

BAQUERO, Marcello. Globalização e Democracia Inercial: o que o Capital Social pode fazer na construção de uma sociedade participativa? (Orgs.). In BAQUERO, Marcello & CREMONESE, DEJALMA (Orgs). **Capital Social: Teoria e Prática**. Unijuí, 2006.

BENI, Mário C. **Análise Estrutural do Turismo**. São Paulo. 13ª Ed. São Paulo: SENAC, 2008.

\_\_\_\_\_. **Política e Planejamento de Turismo no Brasil**. São Paulo: Aleph, 2006.

\_\_\_\_\_. Como Certificar o Turismo Sustentável? **Turismo em Análise**, São Paulo, V.14, n.2, p.5-16, novembro 2003. Disponível em <<http://www.espacoacademico.com.br/037/37ebeni.htm>>. Acessado em 02 de setembro 2013.

\_\_\_\_\_. Relações Públicas e o Desenvolvimento Sustentável do Turismo. **Revista Organicom**. São Paulo, n. 5, 2º semestre, p.180-187, 2006.

BOISIER, Sérgio. **Crecimiento y desarrollo territorial endógeno**. Observaciones al caso Chileno. Documento preparado para ser apresentado no Seminário Internacional de Desarrollo Endógeno en Territorios Excluidos, organizado pelo Instituto de Desarrollo Regional de la Universidad de la Frontera, Temudo, região da Araucania, Chile, 2011.

\_\_\_\_\_. **Desarrollo (Local): ¿ De qué estamos hablando?** Artículo publicado en Madoery, Oscar y Vázquez Barquero, Antonio (eds.), Transformaciones globales, Instituciones y Políticas de desarrollo local. Editorial Homo Sapiens, Rosario, 2001. Disponível em <<http://tecrenat.fcien.edu.uy/Economia/clases/boisier.pdf>>. Acessado em 14 de abril de 2013.

\_\_\_\_\_. **Em busca do esquivo Desenvolvimento Regional: Entre a Caixa-preta e o Projeto Político**, 1996. Disponível em <<http://www.ipea.gov.br/ppp/index.php/PPP/article/view/135>>. Acessado em 17 de fevereiro de 2013.

BOYER, Marc. **História do Turismo de Massa**. Bauru, EDUSC, 2003.

BRASIL, Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação/MCTI – **Estudo de Projetos de Alta Complexidade: indicadores de parques tecnológicos**. Centro de Apoio ao Desenvolvimento Tecnológico. Brasília: CDT/UnB, 2013.

\_\_\_\_\_. Ministério do Turismo. **Turismo de base comunitária: diversidade de olhares e experiências brasileiras**. Org: Roberto Bartholo, Davis Gruber Sansolo e Ivan Bursztyn. Rio de Janeiro: Letra e Imagem, 2009.

BRUYNE, Paul de; HERMAN, Jacques e SCHOUTHEETE, Marc de. **Dinâmica da Pesquisa em Ciências Sociais: Os pólos da prática metodológica**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982.

CERTI – Fundação de Referência em Tecnologias Inovadoras. **O Parque Tecnológico de Itaipu como alavanca de Inovação para o desenvolvimento e sustentabilidade da Região Trinacional** - Relatório da Fase Zero. Foz do Iguaçu, março, 2005.

CHEPTULIN, Alexander. **A dialética materialista: leis e categorias da dialética**. São Paulo: Alfa-Ômega, 1982.

DAGNINO, Renato; BRANDÃO, Flávio C.; NOVAES, Henrique T. Sobre o Marco analítico-conceitual da tecnologia social. **In Tecnologia Social: uma estratégia para o desenvolvimento**. Fundação Banco do Brasil - Rio de Janeiro, 2004

DALLABRIDA, Valdir R. **O desenvolvimento regional: a necessidade de novos paradigmas**. Ijuí: UNIJUI, 2000.

DALLABRIDA, Valdir R.; RUGARD, D. S; RAMIRO, V. F. Desenvolvimento a Partir da Perspectiva Territorial. **In Desenvolvimento em Questão**. Vol. 2, núm. 4, julho-dezembro, 2004, pp33-62, Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul. Disponível em <<https://www.revistas.unijui.edu.br/index.php/desenvolvimentoemquestao/article/view/97>> Acessado em 29 de dezembro de 2013.

DEMO, Pedro. **A metodologia do conhecimento científico**. São Paulo: Ed. Atlas, 2000.

\_\_\_\_\_. **Introdução a metodologia de ciência 2**. São Paulo: Ed. Atlas, 1987.

\_\_\_\_\_. **Dialética – Processualidade de Estruturas Históricas**. In: Metodologia Científica em Ciências Sociais. São Paulo, Atlas, 1995.

DE SÁ, Mohana F. **Avaliação de práticas de Gestão do Conhecimento de Parques Tecnológicos: uma proposta para apoio à gestão pública**. Tese apresentada ao programa de Pós- Graduação em Engenharia e Gestão do Conhecimento da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito parcial para a obtenção de grau de Doutora em Engenharia e Gestão do Conhecimento. Florianópolis, 2011.

ENGEL, Guido I., Pesquisa-ação. **Educar**, n. 16, p. 181-191. Curitiba. Editora da UFPR, 2000.

FUNDAÇÃO PARQUE TECNOLÓGICO ITAIPU BRASIL. **Resolução de Conselho Diretor 040/2010**. Centro de Documentação FPTI. Foz do Iguaçu, 2010.

\_\_\_\_\_. **Resolução de Conselho Diretor 022/2012**. Centro de Documentação FPTI. Foz do Iguaçu, 2012.

\_\_\_\_\_. **Polo Astronômico Casimiro Montenegro Filho**. Foz do Iguaçu, 2013. Disponível em <<http://www.pti.org.br/polo-astronomico>> Acessado em 10 de setembro de 2013.

\_\_\_\_\_. **Reflexões sobre o desenvolvimento territorial.** Texto interno para revisão do planejamento estratégico - em elaboração. Foz do Iguaçu, janeiro, 2014.

GASTAL, Susana. & MOESCH, Marutskcha. **Turismo, Políticas Públicas e Cidadania.** São Paulo, Ed. Aleph, 2007.

HERAS, Maria. Perez de. **Manual del Turismo Sostenible.** Ediciones Mundi-Prensa: Madrid, Barcelona, México, 2004.

HADDAD, Paulo. R. **Revista de Economia**, v. 35, n. 3 (ano 33), p.119-146, set./dez. Curitiba. Editora UFPR, 2009

\_\_\_\_\_. **A competitividade do agronegócio e o desenvolvimento regional no Brasil.** Rio de Janeiro: Ed. UNIJÍ, 2002.

HANEFELD, Alexandre O. **Polos de Modernização Tecnológica e Desenvolvimento Regional: O caso do Pólo de Modernização Tecnológica do Vale do Rio Pardo, Rio Grande do Sul, Brasil.** Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2002

INTERNATIONAL ASSOCIATION OF SCIENCES PARKS (IASP). About Science and Technology Parks – The Role of STPS and innovation - Espanha: 2013. Disponível em: <<http://www.iasp.ws/web/guest/the-role-of-stps-and-innovation-areas>>. Acessado em 10 de setembro de 2012.

ITAIPU BINACIONAL. **Carta de intenções para formação do Parque Tecnológico Itaipu, Central Hidrelétrica de Itaipu, 23 de maio de 2003.** Disponível em: [http://www.pti.org.br/system/files/file/carta\\_intencoes\\_PTI.pdf](http://www.pti.org.br/system/files/file/carta_intencoes_PTI.pdf). Acessado em 22 de março de 2013.

ITAIPU BINACIONAL. **Estatuto da Fundação Parque Tecnológico Itaipu – Brasil.** Anexo da RDE 070-2005. Centro de Documentação de Itaipu, 2005.

KRIPPENDORF, Jost. **Sociologia do Turismo: para uma nova compreensão do lazer e das viagens.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1989.

KOURGANOFF, Wladimir. **A face oculta da universidade.** Tradução Cláudia Schilling; Fátima Murad. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1990

LATOUR, Bruno. **Ciência em ação.** Trad. Ivone Benedetti. São Paulo: Editora da Unesp, 2000.

LIMA, Janaína S. Política de Desenvolvimento Territorial no Brasil: fundamentos, pressupostos e conceitos. In: XIV Encuentro de Geógrafos de América Latina. **Anales del XIV Encuentro de Geógrafos de América Latina, Peru 2013.** Disponível em <<http://www.egal2013.pe/9-ordenamiento-territorial-y-desarrollo-sustentable>> Acessado em 30 de dezembro de 2013.



LIMA, Daniela da Costa B. P. & FARIA, Juliana G. Educação, escola e tecnologias: significados e caminhos. In: Conferência Internacional sobre Os Sete Saberes – **Anais da Conferência Os Sete Saberes necessários à Educação do Presente**. Fortaleza, 2010 Disponível em <<http://www.uece.br/setesaberes/anais/pdfs/trabalhos/986-06082010-141241.pdf>> Acessado em 18 de janeiro de 2014.

LUCIZANI, Jonhey N. **O Impacto Econômico Regional do Parque Tecnológico Itaipu (PTI)**. Dissertação apresentada à Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE/Campus de Toledo – como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, junto ao Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Desenvolvimento Regional e Agronegócio. Linha de pesquisa: Economia Regional. Toledo, 2011.

MARX, Karl. **Miséria da Filosofia**, São Paulo: Expressão Popular, 2009.

MOESCH, Marutschka M. Para além das disciplinas. In\_\_\_\_\_. **Turismo e investigação crítica**. São Paulo: Contexto, 2002.

\_\_\_\_\_. **A produção do saber turístico**. São Paulo: Contexto, 2002.

\_\_\_\_\_. **Epistemologia Social do Turismo**. Tese apresentada ao Programa de Doutorado em Relações Públicas, Propaganda e Turismo da Escola de Comunicação e Arte da Universidade de São Paulo como requisito à obtenção do grau de Doutor em Relações Públicas, Propaganda e Turismo. São Paulo, 2004

\_\_\_\_\_. O lugar da experiência e da razão na origem do conhecimento do turismo. **Revista Cenário**, Brasília, V.1, n.1, dez., p. 08 – 28, 2013

MOLINA, Sergio. **O pós-turismo**. São Paulo: Aleph, 2003.

\_\_\_\_\_. **Turismo Creativo – El fin de la competitividade**. Chile: Editado por [www.escriitores.cl](http://www.escriitores.cl), 2011.

\_\_\_\_\_ e RODRÍGUEZ, Sérgio. **Planejamento integral do turismo**. Bauru. EDUSC, 2001.

MORIN, Edgar. **Introdução ao Pensamento Complexo**. 4 ed. Porto Alegre: Sulina, 2011.

\_\_\_\_\_. **Ciência com Consciência**. 14 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

NETTO, José P. **Introdução ao Estudo do Método de Marx**. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2011.

OBSERVATÓRIO VIRTUAL DE TRANSFERÊNCIA DE TECNOLOGIA – **Parques Científicos e Tecnológicos** – Disponível em <<http://pt.ovtt.org/agentes/infra-estruturas-id/parques-cientificos-e-tecnologicos>>. Acessado em 28 de julho de 2013.

Organização Mundial do Turismo - OMT. **Guia de Desenvolvimento do Turismo Sustentável**. Porto Alegre, Bookman, 2003.

\_\_\_\_\_. **Recomendaciones internacionales para estadísticas de turismo**, Madri/Nova Iorque, 2008.

Organização das Nações Unidas. **A ONU e o Meio Ambiente**. Disponível em <http://www.onu.org.br/a-onu-em-acao/a-onu-e-o-meio-ambiente/> Acessado em 02 de dezembro de 2013

PAIVA, Carlos A. O que é uma região de planejamento com vistas ao desenvolvimento endógeno e sustentável? In **Segundas Jornadas de História Regional Comparada, simpósio E4-07**, Porto Alegre, 2005. Anais

\_\_\_\_\_. Fundamentos da Análise e do Planejamento de Economias Regionais. Foz do Iguaçu: Editora Parque Itaipu. **Relatório de Pesquisa: Identificação e Hierarquização das Cadeias Produtivas da Região Amop-Caciopar**. Foz do Iguaçu, 2013.

PAVIANI, J. **Epistemologia Prática**. Caxias do Sul: EDUCS, 2009.

Peregrino, Fernanda. **Ambientes de Inovação, 2010**. Disponível em <<http://www.facadiferente.sebrae.com.br/2010/03/25/ambientes-de-inovacao/>>. Acessado em 05 de agosto de 2013.

PEREIRA, Ana M. & NOGUEIRA Fabiano. **O papel da popularização das ciências: Parque Tecnológico Itaipu**. In: III Congreso Ciencias, Tecnologías y Culturas. Universidad de Santiago de Chile – USACH, 2013.

PIMENTEL, Maurício R. **Da Sustentabilidade do Turismo ao Turismo para Sustentabilidade: a historicidade do discurso a Organização Mundial do Turismo sobre o Desenvolvimento Sustentável do Turismo**. Monografia apresentada como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Turismo, pelo Curso de Turismo da Faculdade de Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2006.

Rodrigues, Rosângela. O. L. (2005) **A vila de São Vicente - Patrimônio cultural submerso: uma missão para a arqueologia subaquática. Patrimônio: Lazer & Turismo**. Disponível em: [http://www.unisantos.br/pos/revistapatrimonio/artigos.php?cod=51&bibliografia=1&#bibliografia\\_ancora](http://www.unisantos.br/pos/revistapatrimonio/artigos.php?cod=51&bibliografia=1&#bibliografia_ancora). Acessado em 01 abr. 2013.

ROSENBERG, Nathan. Quão exógena é a ciência? **Revista Brasileira de Inovação** v. 5, n. 2 jul/dez, 241-271, 2006

SACHS, Ignacy. **Estratégias de transição para o século XXI: desenvolvimento e meio ambiente**. São Paulo: Nobel, 1993.

\_\_\_\_\_. **Caminhos para o Desenvolvimento Sustentável**. Rio de Janeiro: Garamond, 2000.

\_\_\_\_\_. **Desenvolvimento: includente, sustentável, sustentado**. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

SANTOS, Milton. O dinheiro e o território. In: SANTOS, Milton, BECKER, Bertha (Orgs.). **Território, territórios: ensaios sobre o ordenamento territorial**. 3ª edição. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007.

SALVATI, Sérgio S. **Turismo Responsável – Manual para Políticas Públicas** – Brasília, WWF Brasil, 2004.

OLIVEIRA, Thaisa P., BONFADA, Marcel R. H., MOESCH, Marutschka M. Releitura Técnica do Tema Turismo no Parque Tecnológico Itaipu Brasil: uma inovação conceitual para uma prática inovadora em desenvolvimento territorial. In: Seminário da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo. Turismo, Inovação e Criatividade. **Anais do X Seminário da ANPTUR / Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo**; organizadores Elizabeth Kyoko Wada e Francisco Antonio dos Anjos – São Paulo: Aleph, 2013. Disponível em <[http://www.anptur.org.br/novo\\_portal/admin/portal\\_anpur/anais/arquivos/pdf/\[22\]x\\_anptur\\_2013.pdf](http://www.anptur.org.br/novo_portal/admin/portal_anpur/anais/arquivos/pdf/[22]x_anptur_2013.pdf)> Acesso em 12 de fevereiro de 2014.

SERRANO, Juan de D.G. **La innovación social: una nueva mirada a la innovación, al territorio y su desarrollo**. Disponível em <[http://www.integracao.gov.br/c/document\\_library/get\\_file?uuid=db041dda-5841-41c4-9a7b-9509bd9f5844&groupId=10157](http://www.integracao.gov.br/c/document_library/get_file?uuid=db041dda-5841-41c4-9a7b-9509bd9f5844&groupId=10157)> Acesso em 28 de janeiro de 2014.

SOTUYO, Juan C. D'ALKAINÉ, Carlos V. **Itaipu Technological Park, an innovative model of step to the sustainable development and regional integration of the triple frontier Argentina – Brasil - Paraguay**. In: XXVII IASP World Conference on Science and Technology Parks, 2010, Daejeon, Coreia do Sul, 23 – 27 may, 2010.

\_\_\_\_\_. **A new proposal for science and technology parks in developing regions and countries**. The Itaipu Technological Park experience. In XXVIII IASP World Conference on Science and Technology Parks, Copenhagen, 2011.

\_\_\_\_\_. **O Parque Tecnológico Itaipu como Território para Articulação do Fomento ao Desenvolvimento Regional**. Artigo aceito no ALTEC 2011, Lima Peru, outubro, 2011

SOTUYO, Juan. C.; MARQUES, Maria. A. J. & EL KHOURI; Jorge. H. H. **Modelo de Parque Científico e Tecnológico como política pública de desenvolvimento regional**. In: Bouchardet, R.L.S. (org.), *Parques Tecnológicos: Plataformas para articulação e fomento ao desenvolvimento regional sustentável*. Brasília, 2012.

STEINER, João E.; CASSIM, Marisa Barbar; ROBAZZI, Antonio Carlos. Parques tecnológicos: ambientes de inovação. **São Paulo: Instituto de Estudos Avançados da USP**, 2008S/D Disponível em <<http://www.iea.usp.br/publicacoes/textos/steiner cassim robazzi parque tec.pdf/view>>. Acesso em 28 de agosto de 2013.

SWARBROOKE, John. **Turismo Sustentável: conceitos e impacto ambiental**, vol.1. São Paulo, Aleph, 2000.

THE CAPETOWN DECLARATION. Disponível em <<http://www.responsibletourismpartnership.org/CapeTown.html>> Acesso em 27 de fevereiro de 2013.

THEOBALD, William. **Significado, âmbito e dimensão do turismo**. In: THEOBALD, William F. (org). Turismo Global. São Paulo: Editora SENAC, 2002.

THIOLLENT, Michel. Metodologia da Pesquisa-ação. 14ª edição. São Paulo: Cortez Editora, 2005.

TOMAZZONI, L. Edegar. **Turismo e Desenvolvimento Regional: dimensões, elementos e indicadores**. Caxias do Sul: EDUCS, 2009.

TRIVIÑOS, Augusto N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação: o positivismo, a fenomenologia, o marxismo**. São Paulo: Atlas, 1992.

UNITED NATIONS DIVISION FOR SUSTAINABLE DEVELOPMENT. **Indicators of sustainable development: guidelines and methodologies**. Nova York, 2001. Disponível em: <<http://www.un.org/esa/sustdev/publications/indisd-mg2001.pdf>>. Acesso em 03 de maio de 2013.

VEDOVELLO, Conceição; JUDICE, Valéria; MACULLAN, Annie- Marie. Revisão Crítica às Abordagens a Parques Tecnológicos: alternativas interpretativas às experiências brasileiras recentes. **RAI - Revista de Administração e Inovação**, São Paulo, v. 3, n. 2, p. 103-118, 2006.

VILLELA, Tais N. & MAGACHO, Lygia A. M. **Abordagem histórica do Sistema Nacional de Inovação e o papel das Incubadoras de Empresas na interação entre agentes deste sistema**. Artigo aceito na XIX Seminário Nacional de Parques Tecnológicos e Incubadoras de Empresas, Anprotec. Florianópolis, 2009. Disponível em < [http://www.redetec.org.br/publique/media/PUC-Rio-T-2\\_1.pdf](http://www.redetec.org.br/publique/media/PUC-Rio-T-2_1.pdf)> Acessado em 02 de setembro de 2013.

YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 3ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.